

Cássia Hack

LAZER E MÍDIA EM CULTURAS JUVENIS:
uma abordagem da vida cotidiana

Florianópolis

2005

LAZER E MÍDIA EM CULTURAS JUVENIS:
uma abordagem da vida cotidiana

Cássia Hack

Orientador Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em
Educação Física – Área de Concentração Teoria e
Prática Pedagógica – da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do
título de *Mestre em Educação Física*

Florianópolis

2005

H1181

Hack, Cássia.

Lazer e mídia em culturas juvenis: uma abordagem da vida cotidiana /
Cássia Hack. Florianópolis: s.ed., 2005.

192 p.

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Educação Física na área de Teoria e Prática Pedagógica – CDS/UFSC, sob a orientação do professor Doutor Giovani De Lorenzi Pires.

1- Lazer 2- Mídia 3- Culturas juvenis 4- Vida cotidiana I- Título.

CDU: 379.8:316.7

Ficha catalográfica preparada por Tereza Antonia Longo Job - CRB1-1252

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A dissertação

LAZER E MÍDIA EM CULTURAS JUVENIS: uma abordagem da vida cotidiana

Elaborada por CÁSSIA HACK

Orientada pelo Professor Dr. GIOVANI DE LORENZI PIRES

E aprovada por todos os membros da banca examinadora foi aceita pelo Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

10 de maio de 2005

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. GIOVANI DE LORENZI PIRES – UFSC (Orientador)

Prof^a Dr^a MARLI HATJE – UFSM

Prof. Dr. MAURÍCIO ROBERTO DA SILVA – UFSC

Prof. Dr. ELENOR KUNZ – UFSC

DEDICATÓRIA

*Os professores deveriam ouvir mais dos alunos, nós,
os adolescentes de hoje somos completamente diferentes dos
adolescentes de ontem.
Nós fomos criados diferente... completamente.
De uma forma ou de outra eu acho melhor hoje não por ser liberal, mas de uma
certa forma a gente pode ter a nossa opinião, nós temos os nossos direitos,
antes não podia falar porque senão levava um tapa na cara.
Acho que bastante coisa mudou para melhor, temos o direito de votar,
eu acho isso um bom caminho para a nossa vida.
(Excerto de uma entrevista desta pesquisa).*

*Este trabalho é dedicado às e aos jovens
com o desejo de que sejam ouvidos e que se façam ouvir,
na construção cotidiana de um mundo melhor para todas as humanidades...*

AGRADECIMENTOS

Regra é da vida que podemos, e devemos, aprender com toda a gente. Há coisas da seriedade da vida que podemos aprender com charlatães e bandidos, há filosofias que nos ministram os estúpidos, há lições de firmeza e de lei que vêm no acaso e nos que são do acaso. Tudo está em tudo.

Em certos momentos muito claros da meditação, como aqueles em que, pelo princípio da tarde, vagueio observante pelas ruas, cada pessoa me traz uma notícia, cada casa me dá uma novidade, cada cartaz tem um aviso para mim.

Meu passeio calado é uma conversa contínua, e todos nós, homens, casas, pedras, cartazes e céu, somos uma grande multidão amiga, acotovelando-se de palavras na grande procissão do Destino.

Fernando Pessoa

Estas páginas em que registro os agradecimentos, por vezes, pareceu-me de leitura monótona por não conseguir expressar em palavras a dimensão do que sinto, ainda assim, *transformei* meus sentimentos em verbo. Escrevi de coração... vocês tem o meu carinho.

Ainda e para além das pessoas e instituições relevantes registro que neste processo, as experiências do 'fazer a universidade' e viver nesta ilha contribuíram significativamente com e para a minha formação.

Ao povo do *ÇURUBOM CIENTÍFICO*: **Márcio Romeu, Roger, Adriana, Cláudia e Natacha**, pois na irreverência, arte, coragem e coerência das suas subjetividades fizeram/fazem da Academia um lugar alegre...;

A **Elisa Abrão**, uma amizade que foi desabrochando lentamente até tornar-se a minha amiga confidente de todas as horas...;

A **Patrícia Carvalho** numa amizade surgida nas agruras de um grupo de trabalho e desenvolvida no cotidiano das possibilidades;

Aos colegas da *Associação dos Pós-Graduandos – APG/UFSC* – **Andréa, Ângela, Gilmar, Jales, João Pedro, Márcia, Rodrigo, Poeta, Sara, Vanessa e Valdir Alvim**, pela coragem e coerência política, sensibilidade, disponibilidade, determinação e arte no cotidiano da Universidade pública, gratuita e de qualidade;

A secretaria do curso, antes com o **Jairo** e agora com **Novânia**, pela disponibilidade e atenção a mim dispensadas;

Ao seu **Lauri** e a dona **Olga** pelos sorrisos e atenção de cada dia, cada um no seu trabalho, em nome de quem agradeço aos servidores ‘anônimos’ da UFSC;

As colegas, amigos e amigas dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física, Educação e Sociologia Política que passaram ou passarão pelas dificuldades impostas pela dissertação/tese: **Andréa, Bruno, Clarete, Dorenski, Eden, Elisa, Eliane, Fabiana, Fabiano, Gleison, Ilse, Manuela, Muleka, Lenita, Lísia, Luciane, Roberto, Rogério, Sirléia, Taíse, Vânia, Verceles, Verónica**;

Aos professores e professoras que me ajudaram a sua maneira, a *caminhar* neste curso de mestrado: **Alexandre Vaz, Ana Márcia, Elenor Kunz, Fernando Bitencourt, Franz Josef Brüseke, Giovanni De Lorenzi Pires, Maria de Fátima, Maurício Roberto da Silva e Reinaldo Fleuri**;

Aos professores **Maurício Roberto da Silva** e **Wanderley Marchi Jr** e a professora **Marli Hatje**, pelas contribuições dadas na qualificação do projeto de dissertação;

Aos professores **Elenor Kunz** e **Maurício Roberto da Silva** e a professora **Marli Hatje**, pela apreciação do trabalho na banca examinadora;

Ao **Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar** da EEOM pelo pronto incentivo e liberação de minhas funções para a licença de formação profissional e a **Secretaria do Estado de Mato Grosso de Educação** por assegurar o meu direito profissional;

Aos colegas de trabalho na Escola Estadual “Onze de Março” - EEOM: **Ana Leny, Balmes, Eurides, Fardim, Graciela, Hudson, Lurdinha, Mauricélia, Nilza** e **Nicia** pelas “formas e conteúdos” que possibilitaram na acolhida, na liberação de tempos e espaços para o contato com os alunos e alunas – jovens-sujeitos de minha pesquisa e na infra-estrutura oferecida;

A **Alessandra, Alianna, Aliny, Arlindo, Benilson, Cleici, Cleide, Crisitano, Edson, Edemilson, Elton, Everson, Jardel, Janaina, Jéssica, João, Jonathas, Josiane M., Josiane S., Juliana, Kelly, Kevin, Luiz A, Luiz F, Márcia, Maria, Maraísa, Maílson, Micael, Raiane, Renato, Robson, Tiago, Simone, Valdicéia, Verônica, Wellington, Willian** alunas e alunos da EEOM, por conversarem comigo permitindo que eu escrevesse sobre e a partir das suas falas;

Ao amigo e amigas políglotas pela correção ou tradução do resumo: **Well, Leni, Hérika e Verónica**.

Ao **Rogério Añez, Admilson, Hélder, Marilene** e **Raquel** mesmo na distância do Amazonas, do Mato Grosso e de Brasília contribuíram com amizade, cuidado e apoio;

Ao **Maurício**, pessoa de sensibilidades cotidianas, intelectual comprometido, antes de tudo, com a vida!;

Ao **Kunz**, por me propiciar o entendimento de que nem tudo tem que ter função... e por ser um belo ser humano;

Ao **Trovão** pela alegria da companhia (e aos muitos sufocos!);

A **Theodora** pela saudade e as boas lembranças;

A **Leni** pela significativa amizade e cuidado bem como aos meus pais **Fritz** e **Selli** e a família **Hack** que conforta e consola de um modo singular com um amor que só nós *entendemos*;

Aos amigos e amigas do melhor grupo de estudos o *Observatório da Mídia Esportiva*: **Cristiano**, **Diego**, **Fernando**, **Iracema**, **Galdino**, **Giovani**, **Márcio Romeu**, **Mariana**, **Mellyssa**, **Sérgio Dorenski** e **Scheila**, pelo tempo e espaço de formação;

Ao amigo **Éden** por mostrar “*mais pela indefinição de um artigo do que pela definição do conceito*” e aparentemente nadando contra a correnteza, que podemos ser bem felizes apesar das “*canetas e números*”;

Ao amigo-maninho **Sérgio Dorenski** pela pessoa que é, por acreditar no *processo de ser* do ser humano e no seu potencial criativo, pelos “*embates e discussões frutíferas*” que também me fizeram pensar, repensar e refletir sobre a vida, ainda que no silêncio do meu sono! E ainda, pelas dicas de mestre...;

Ao orientador **Giovani** pelas qualidades do amigo que nos conhece profundamente e ainda assim nos apóia, por ensinar pela experiência cotidiana da convivência, por suportar as minhas lágrimas, por me acolher em sua família [obrigada **Thirza** e **Sergei**], e principalmente pela paciência, orientação e amizade.

RESUMO

Este trabalho objetivou agregar elementos teóricos-conceituais e evidências empíricas reunidos numa discussão, visando estabelecer uma compreensão das relações entre discurso midiático (presença, importância e seus desdobramentos) em relação ao lazer em culturas juvenis, numa perspectiva da sociologia dialética da vida cotidiana. Parece evidente a relevância dos meios de comunicação enquanto indústria midiática na contemporaneidade, dado o seu poder de alcance e a sua força para formar e constituir teias sociais de pensamentos, hábitos e modos de vida, em que as manifestações do Lazer, enquanto fenômeno social, tem a cada dia maior incidência na conformação da subjetividade e de grupos sociais. A relação Mídia e Lazer, pela perspectiva de Culturas Juvenis, parece relevante para diagnosticar a construção das teias sociais, o que contribui qualitativamente na reflexão dos valores e comportamentos adotados numa sociedade de consumo, produzida pela industrialização da cultura, observada a partir do paradigma sociológico dialético de análise da vida cotidiana, que dado o seu caráter de reflexão da práxis, se põe em vigilância constante, sem restringir o problema/problemática que move a pesquisa, à dogmas científicos. O quadro teórico-metodológico adotado ultrapassa uma única filiação ao pensamento científico, para ampliar seus horizontes e aprofundar aspectos que são constitutivos do cotidiano, com possibilidades que não se excluem, mas juntas criam condições de elaborar um conhecimento provisório sobre o objeto pesquisado. Para o trato com as Culturas Juvenis, expresso os jovens-sujeitos da pesquisa, que são estudantes do ensino médio na Escola Estadual 'Onze de Março' em Cáceres/MT. Os procedimentos, instrumentos e técnicas de pesquisa utilizados para elaboração do conhecimento, ainda que provisório, sobre as relações da mídia e do lazer nos cotidianos juvenis foram: i) questionário, ii) entrevistas semi-estruturadas em grupos, iii) grupos focais. Além destas técnicas, todas as observações foram registradas em diário de campo. Os dados e indícios apurados nos encontros-campo com os sujeitos, lidos através de análise de conteúdo propiciaram elaborar categorias que, somadas as observações e reflexões registradas no diário de campo a partir dos elementos do cotidiano da pesquisa tecidos com o referencial teórico-metodológico possibilitaram algumas considerações acerca da temática. O estudo aponta a necessidade de desenvolver estratégias para educação para mídia e para o lazer nas juventudes.

Palavras-chave: Lazer. Mídia. Culturas Juvenis. Vida Cotidiana.

RÉSUMÉ

Ce travail a objectivé ajouter des éléments théoriques-conceptuels et des évidences empiriques réunies dans une discussion, visant établir une compréhension des relations entre discours médiatique (présence, importance et leurs dédoublements) concernant le loisir dans des cultures juvéniles, dans une perspective de la sociologie dialectique de la vie quotidienne. Semble évidente l'importance des moyens de communication tant qu'industrie médiatique dans la contemporanéité, donnée son pouvoir de portée et sa force pour former et constituer des toiles sociales de pensées, d'habitudes et des manières de vie, où les manifestations du Loisir, tant que phénomène social a, à chaque jour, une plus grande incidence dans la conformation de la subjectivité et des groupes sociaux. La relation Média et Loisir, par la perspective de Cultures Juvéniles, semble importante pour diagnostiquer la construction des toiles sociales, ce que contribue qualitativement dans la réflexion des valeurs et des comportements adoptés dans une société de consommation, produite par l'industrialisation de la culture, observée à partir du paradigme sociologique dialectique d'analyse de la vie quotidienne, que, donné son caractère de réflexion des praxis, se met dans une constante surveillance, sans restreindre le problème/problématique qui incite la recherche, aux dogmes scientifiques. Le tableau théorique-méthodologique adopté dépasse une seule filiation à la pensée scientifique, pour élargir leurs horizons et approfondir des aspects qui sont constitutifs du quotidien, avec des possibilités qui ne s'excluent pas, mais qui ensemble créent des conditions d'élaborer une connaissance provisoire sur l'objet cherché. Pour le traitement avec les Cultures Juvéniles, les jeunes-sujets de la recherche, ont été des étudiants de l'enseignement moyen dans l'École de l'état 'Onze de Março', à Cáceres/MT. Les procédures, les instruments et les techniques de recherche utilisées pour l'élaboration de la connaissance, même que provisoire, sur les relations de la média et du loisir dans les quotidiens juvéniles ont été: i) questionnaire, ii) entretiens semi-structurés dans des groupes, iii) groupes focaux. Outre ces techniques, toutes les remarques ont été enregistrées dans un journal de bord. Les données et les indications recherchées dans les rencontres de champ avec les sujets, lus à travers l'analyse de contenu, ont permis d'élaborer des catégories que, ajoutées aux commentaires et aux réflexions enregistrés dans le journal de bord, à partir des éléments des quotidiens de la recherche, tissés avec le référentiel théorique-méthodologique, rendent possible quelques considérations concernant la thématique. L'étude indique la nécessité de développer des stratégies pour l'éducation pour la média et pour le loisir dans les jeunes.

Mots-clé: Loisir. Média. Cultures Juvéniles. Vie Quotidienne.

RESUMEN

Este trabajo objetivo agregar elementos teóricos-conceptuales y evidencias empíricas reunidas en una discusión, visando establecer una comprensión de las relaciones entre discurso mediático (presencia, importancia y sus desdoblamientos) en relación al tiempo libre en culturas juveniles, en una perspectiva de la sociología dialéctica de la vida cotidiana. Parece evidente la relevancia de los medios de comunicación en cuanto industria mediática en la contemporaneidad, dado su poder de alcance y su fuerza para formar y constituir telas sociales de pensamientos, hábitos y modos de vida, en que las manifestaciones del tiempo libre, en cuanto fenómeno social, tiene cada día mayor incidencia en la conformación de la subjetividad y de grupos sociales. La relación Medios y Tiempo libre, por la perspectiva de Culturas Juveniles, parece relevante para diagnosticar la construcción de las telas sociales, lo que contribuye cualitativamente en la reflexión de los valores y comportamientos adoptados en una sociedad de consumo, producida por la industrialización de la cultura, observada a partir del paradigma sociológico dialéctico de análisis de la vida cotidiana, que dado su carácter de reflexión de la praxis, se pone en vigilancia constante, sin restringir el/la problema/problemática que mueve la investigación a dogmas científicos. El cuadro teórico-metodológico adoptado ultrapasa una única filiación al pensamiento científico, para ampliar sus horizontes y profundizar aspectos que son constitutivos del cotidiano, con posibilidades que no se excluyen, pero juntas crían condiciones de elaborar un conocimiento provisorio sobre el objeto investigado. Para el trato con las Culturas Juveniles, expreso los jóvenes-sujetos de la investigación, que son estudiantes de la enseñanza media en la Escuela Estadual 'Onze de Março' en Cáceres/MT. Los procedimientos, instrumentos y técnicas de investigación utilizados para elaboración del conocimiento, aunque provisorio, sobre las relaciones de los medios y del tiempo libre en los cotidianos juveniles fueron: i) cuestionario, ii) entrevistas semi-estructuradas en grupos, iii) grupos focales. Además de estas técnicas, todas las observaciones fueron registradas en diario de campo. Los datos e indicios apurados en los encuentros-campo con los sujetos, leídos a través de análisis de contenido propiciaron elaborar categorías que, sumadas a las observaciones y reflexiones registradas en el diario de campo a partir de los elementos del cotidiano de la investigación tejidos con el referencial teórico-metodológico, posibilitaron algunas consideraciones acerca de la temática. El estudio apunta la necesidad de desenvolver estrategias para educación para los medios y para el tiempo libre en las juventudes.

Palabras-claves: Tiempo Libre. Medios de comunicación. Culturas Juveniles. Vida Cotidiana.

ABSTRACT

This research aims to aggregate theoretical and conceptual elements and empirical evidences which are put together in such a discussion aiming to establish a comprehension of the relations between media discourse (presence, importance and its developments) in relation to leisure in youth cultures, from a dialectic sociology of everyday life point of view. It seems evident the relevance of the means of communication as a contemporary media industry, considering its ranging power and its strength to form and constitute social webs of thoughts, habits and way of lives, in which the leisure manifestation, as a social phenomenon, has day by day bigger incidence in the conformation of the subjectivity and of the social groups. The relation between Media and leisure, by the Youth Culture perspective, seems relevant to diagnostic the social web construction. This has qualitatively contributed to the reflection of values and adopted a behavior in a consume society which is produced right after the dialectical sociological paradigm of everyday life analyses. And considering its characteristic of praxis' reflection, it puts it constantly aware without restricting the problem/problematic that moves the research to scientific patterns. The theoretical methodological frame adopted goes beyond a single linking to the scientific thought in order to broader the horizons and go deeper in the aspects of constitutive habits, with possibilities that do not exclude themselves but together they gather conditions to elaborate a previous knowledge about the focused object. In order to treat the Youth Culture, we took the young subject of our research which is the students of 'Onze de Março' high school, located in Cáceres-MT. The procedure, instruments and research techniques used to elaborate knowledge, even for a while, about the relationship between media and leisure in youth everyday life were the following: i) questionnaire, ii) hath structured interview and group interview, iii) focusing group. Besides those techniques all the observation were registered in a field diary. The data and observed evidences in field meeting with subjects were read through concepts analyses. This has facilitated some categories elaboration which added to the observation and the registered reflections in the field diary right after some everyday research elements melted with the methodological-theoretical referential made possible some considerations over the thematic. This study points to the emergency of developing strategies to the education for media and leisure in youth.

Key words: Leisure; Media; Youth Cultures; Everyday Life

LISTA DE SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
CBCE	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
CDCE	Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar
CTN	Centro de Tradições Nordestinas
CONBRACE	Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte
ECA/USP	Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
EEOM	Escola Estadual “Onze de Março”
ENAREL	Encontro Nacional de Recreação e Lazer
FIP	Festival Internacional de Pesca
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INTERCOM	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
INTERNET	Rede Mundial de Computadores
MEC	Ministério da Educação
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
RBCE	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação
SEMATUR	Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice I Termo de consentimento livre e esclarecido redigido a partir do modelo proposto pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina

Apêndice II Questionário para caracterização dos sujeitos

Apêndice III Roteiro para as entrevistas em grupo

LISTA DE ANEXOS

- Anexo I Descrição dos atrativos naturais e históricos de Cáceres
- Anexo II Programas do governo federal com ações voltadas para a Juventude

SUMÁRIO

I. REVELANDO PERCURSOS E CONTEXTOS DA PESQUISA	18
1.1 QUESTÕES RELACIONADAS AO PROBLEMA E OBJETIVOS	20
1.2 O COTIDIANO COMO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE	29
1.3 CONHECENDO O CONTEXTO E OS SUJEITOS DA PESQUISA	37
1.3.1 A cidade de Cáceres	38
1.3.2 A Escola Estadual “Onze de Março”	49
1.3.3 Caracterização dos sujeitos	53
II. ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DAS CULTURAS	
JUVENIS, DO LAZER E DA MÍDIA	60
2.1 APROXIMAÇÕES COM AS CULTURAS JUVENIS	61
2.1.1 Correntes teóricas da Sociologia da Juventude	62
2.1.2 Entendimento acerca das Culturas Juvenis	70
2.2 ESTUDOS DO LAZER PARA COMPREENSÃO DA SUA	
IMPORTÂNCIA NAS JUVENTUDES.....	71
2.2.1 Delimitando as noções de Lazer	73
2.3 SOBRE A MÍDIA E SUAS RELAÇÕES COM O LAZER NA	
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	79
2.3.1 Indústria Cultural e Semicultura	80
III. LAZER E MÍDIA NAS CULTURAS JUVENIS: UMA TESSITURA	
FORJADA NO COTIDIANO	89

3.1 LAZER E MÍDIA NAS VOZES DOS JOVENS	90
3.1.1 Manifestações das Culturas Juvenis no cotidiano	91
3.1.1.1 Juventude como fase/etapa: uma perspectiva geracional	92
3.1.1.2 Questões de classe social nos cotidianos juvenis	95
3.1.1.3 Juventudes presentes, expectativas futuras	100
3.1.2 O lazer no âmbito das culturas juvenis	106
3.1.2.1 Os espaços de lazer na perspectiva da juventude	109
3.1.2.2 Lazer e tempos nas culturas juvenis	118
3.1.2.3 Lazer e atitudes: significando/ressignificando o cotiano juvenil	121
3.1.3 Apropriação e fruição dos Meios de Comunicação como estratégias de lazer dos jovens	127
3.1.3.1 Informação como pressuposto da Mídia	128
3.1.3.2 Entretenimento: vivências lúdicas com a mídia	134
3.1.3.3 Comportamentos sociais juvenis: ditadura da mídia? ...	139
3.1.3.3.1 Hábitos de consumo da mídia como lazeres juvenis	140
3.1.3.3.2 Sobre possíveis influências da mídia no cotidiano dos jovens	144
3.2 ENTRELAÇANDO OS FIOS	150
ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: PARA ALÉM DA PESQUISA	161
REFERÊNCIAS	171
APÊNDICES	179
ANEXOS	184

I. REVELANDO PERCURSOS E CONTEXTOS DA PESQUISA

Das Utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes seriam os caminhos, não fora
A mágica presença das estrelas!

Mário Quintana

Neste estudo pretendo cercar-me de elementos que possibilitem compreender a relação da *mídia* nos tempos de *lazer* em *culturas juvenis* numa perspectiva da *sociologia dialética da vida cotidiana*.

Apresento esta dissertação em quatro momentos, com a pretensão de expor, refletir, analisar e compreender, não de forma definitiva e nem completa, aspectos sobre as culturas juvenis e suas relações com o lazer e a mídia numa perspectiva do cotidiano, proporcionando um conhecimento provisório sobre esta temática.

Este texto inicial e primeiro capítulo – *REVELANDO PERCURSOS E CONTEXTOS DA PESQUISA* – toma um caráter de mostrar os caminhos, percursos e contexto da pesquisa. Está disposto em três momentos: i) *Questões relacionadas ao problema e objetivos* que refere-se ao trajeto percorrido para descobrir a temática enquanto problema de pesquisa e contextualiza a problemática e sua relevância. São apresentados também os objetivos e as questões investigadas; ii) *O cotidiano como campo de investigação e análise* oferece os caminhos construídos para o quadro teórico-metodológico da pesquisa que implicam nos modos de abordagem investigativa da realidade-campo deste trabalho e iii) *Conhecendo o contexto e os sujeitos da pesquisa* descreve e caracteriza o contexto sociocultural e os sujeitos, oferecendo elementos para a compreensão das análises das categorias e funções identificadas e expostas no terceiro capítulo.

No segundo capítulo – *ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DO LAZER, DA MÍDIA E DAS CULTURAS JUVENIS* – elaboro reflexões que possibilitam a aproximação e apropriação de teorias e conceitos sobre as temáticas investigadas neste trabalho, ou seja, lazer, mídia e culturas juvenis.

O terceiro capítulo – *LAZER E MÍDIA NAS CULTURAS JUVENIS: UMA TESSITURA FORJADA NO COTIDIANO* – é dividido em dois momentos, em que pretendo i) apresentar os dados na voz dos jovens a partir do seu universo discursivo e dialogar com eles, e ii) entrelaçar os fios das temáticas propostas, tecendo uma trama que permita expressar a relação dialética existente entre elas, à luz do referencial teórico-metodológico e dos cotidianos jovens observados.

Nas *ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: PARA ALÉM DA PESQUISA* pretendo ultrapassar a síntese dos achados e dar um direcionamento posterior ao trabalho abrangendo dois âmbitos i) a cidadania coletiva dos jovens, discutindo sobre

algumas políticas públicas acerca das juventudes e lazer e ii) na atuação específica da Educação Física na Escola.

1.1 QUESTÕES RELACIONADAS AO PROBLEMA E OBJETIVOS

As inquietações que inspiraram o propósito de investigar acerca da mídia e sua relação com os lazeres em culturas juvenis partem do meu cotidiano profissional, que se dá na educação escolar pública, mais localizadamente no Ensino Médio – nível da educação formal, de uma pessoa que compartilha a percepção de que a escola pública é (ou deveria ser) *locus* privilegiado de formação e que trabalha numa perspectiva de contribuir efetivamente na formação dos jovens para que a educação se realize como sinônimo de emancipação/esclarecimento¹.

A aproximação teórica com os estudos da mídia ampliou os horizontes acerca da importância deste elemento multifacetado e complexo na constituição/fabricação dos cotidianos. Os meios de comunicação se tornaram, na contemporaneidade, por sua relevância e alcance na vida da humanidade, uma temática importante e, sobretudo polêmica.

De certa forma, a mídia reordenou o espaço e o tempo no mundo moderno. Grandes revoluções se fizeram a partir de invenções humanas, explicitamente no exemplo da imprensa, e posterior a ela, várias tecnologias

¹ Idéia compartilhada com Theodor W. Adorno (1995).

mediáticas e a hibridização dessas tecnologias² que proporcionaram novas possibilidades comunicativas. Assim, ampliaram a capacidade humana de circular/massificar informações e (re) produzir conhecimentos, sem necessariamente possibilitar que estes se façam acompanhar de formas de reflexão sobre a mesma e os valores por ela produzidos e largamente disseminados.

Na chamada sociedade do conhecimento esta perspectiva insinua uma promessa de democratização do saber, mas que se configura em mais uma estratégia ideológica do capitalismo, que tem sua sustentação “na concentração do capital e na verticalização da propriedade do aparato técnico pelas indústrias de comunicação e entretenimento” (COSTA, 2002, p. 104), incorporado assim ao mercado como uma extensão de sua lógica. Parece então evidente a relevância dos meios de comunicação enquanto indústria midiática na contemporaneidade, dado o seu poder de alcance e a sua força para formar e constituir teias sociais de pensamentos, hábitos e modos de vida, atingindo, indistintamente, vários públicos.

A mídia enquanto objeto de estudo da Educação Física, tomada pelo enfoque de prática sócio-cultural, implica em conhecimento, análise, interpretação, compreensão e intervenção pedagógica de forma a oportunizar um exercício efetivo de esclarecimento através da recepção crítica, autônoma e seletiva, instrumentalizando o meio para os propósitos que proporcionam esta formação. Dada as características e valores produzidos e veiculados pela mídia, faz-se necessário a investigação sobre os efeitos da mesma nas condições sócio-educativas, percebendo a urgência de construir parcerias de intervenções

² Segundo Costa (2002, p. 103) a hibridização das tecnologias ocorre quando uma tecnologia agrupa meios surgidos anteriormente num mesmo suporte técnico, capaz de alterar procedimentos comunicacionais quanto à relação emissor/receptor, ruptura de tempo/espço, capacidade de armazenamento, permanência dos dados para consulta e etc. Um exemplo atual do hibridismo é a Internet que agrupa o telefone, a linguagem audiovisual da televisão, do rádio, o suporte da escrita – característica dos meios impressos.

pedagógicas entre a mídia e a escola, que sinalizem outras formas de relação para superação da absorção massificada promovida pelos próprios meios de comunicação. Conforme Ramos-de-Oliveira (1998, p. 29)

cabe à escola o ensino e a exploração dos novos meios de comunicação para que as gerações novas não fiquem, não permaneçam heteronomizadas pela mídia. Faz-se urgente examinar a televisão nas escolas, discutir seus sistemas de valores e elaborar novos modelos ético-pedagógico.

Esta problemática, inclusive, é identificada em documentos normativos da educação brasileira. A escola tem como meta possibilitar o desenvolvimento de competências básicas para esta convivência social, que se aprende e se constrói, através do domínio das linguagens utilizadas pelos seres humanos, a resolução de problemas, a análise e interpretação de fatos, dos dados da realidade, da compreensão e atuação sobre o entorno social, da recepção crítica dos meios de comunicação, da localização e seleção de informações, do planejamento e decisão coletiva e uma mentalidade para além do local³.

Na medida em que a tecnologia contemporânea acelera os processos de produção e permite usufruir o tempo fora do trabalho, o ser humano poderia dispor deste para outras atividades⁴. Desta forma, o lazer ganharia espaço na vida das pessoas. Ao mesmo tempo em que se complexifica este entendimento na sociedade administrada⁵, diminui crescentemente as possibilidades de trabalho o que não implica em melhor ou maior tempo de usufruto do lazer, já que não existem as condições mínimas de atendimento das necessidades vitais. O lazer, assim, só é

³ Interpretação livre dos princípios propostos pelo Governo Federal nos Parâmetros Nacionais Curriculares para o Ensino Médio.

⁴ Não está se desconhecendo as conseqüências deletérias da tecnologia sobre as relações de trabalho, gerando vínculos precarizados e desemprego estrutural.

⁵ Conceito utilizado para referir-se ao estágio do capitalismo que, passado o período liberal de crença na autoregulação do mercado, veio a ser liderado burocraticamente pelo Estado e suas instituições, baseados na lógica da razão instrumental (PIRES, 2002a, p. 62).

entendido como tempo oposto ao tempo de trabalho ainda que esta oposição seja compensatória e funcionalista.

Da capacidade midiática de reificar e mercadorizar aspectos das culturas, o lazer se faz perceber como produto vendável a ser conformado para o consumo, direcionando de tal modo o tempo livre das pessoas que seu aproveitamento resulte em lucros ao capital.

A mercadoria, por seu valor de exibição, é fetiche, feitiço que faz o consumidor “perder o bom senso” nas palavras de Olgária Matos⁶. O lazer enquanto mercadoria é produzido pela necessidade do mercado e não das pessoas, daí a possibilidade de formação de consumidores passivos, desumanizados e subordinados a um efeito cíclico da Indústria Cultural⁷ com sua promessa de felicidade. Neste sentido, as manifestações do lazer como fenômeno social tem, a cada dia, maior incidência no modo de vida das pessoas e na conformação de grupos sociais.

Para José Machado Pais (1993, p. 12 e 14)

são os usos dos tempos cotidianos que mais contribuem para a constituição, difusão e consolidação das culturas juvenis, principalmente nos tempos de lazer [...]. A linguagem da sociologia da vida quotidiana acaba sempre por ser uma tradução de outras linguagens.

Porque pesquisar os jovens⁸? Na tentativa de reunir elementos para justificar o recorte desta categoria neste estudo, trago observações de dois autores

⁶ No prefácio de “O direito à Preguiça” de Paul Lafargue. São Paulo: Claridade, 2003.

⁷ Indústria Cultural é um conceito tratado no capítulo II deste trabalho.

⁸ Poderíamos perceber as juventudes como uma continuidade das infâncias no sentido da problemática de ordem econômico-social que as atingem necessariamente pelo modelo societário capitalista ora vigente: condições de trabalho: precariedade, estágio, 1º emprego; falta de acesso à escola ou escolarização precária, violência sexual, prostituição, abandono nas ruas, participação em esquemas do tráfico de drogas; políticas sociais que são assistencialistas, paternalistas, de caráter emergencial e filantrópico sem, contudo propor alternativas efetivas, duradouras e superadoras do *status quo*.

para contribuir além de uma panorâmica do cenário social brasileiro quanto às juventudes.

Melucci (2001, p. 100) pergunta “por que existe uma condição juvenil?” e ele mesmo responde que, “em termos de sociologia do conhecimento, a resposta é relativamente fácil: porque os jovens são atores de conflitos”.

Mannheim (1980, p. 47) também pergunta “qual o significado da juventude na sociedade? Com que pode a juventude contribuir para a vida da sociedade?” Ele considera que juventude e sociedade se colocam em termos de reciprocidade total, de forma que interessa para a sociedade o que se ensina à juventude e daí advém a contribuição dela (juventude) para a totalidade da sociedade. O que se quer da juventude então é o que se ensina a ela.

Assim, remeto à relevância, emergência e necessidade dos estudos sobre as juventudes visto a condição em que elas se encontram, apontando alguns dados⁹.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, adolescente é a pessoa com idade entre 12 e 18 anos de idade incompletos (conforme a UNICEF). Para a Organização Mundial de Saúde, a juventude está dividida em duas fases: a primeira de 10 aos 15 anos e a segunda de 16 aos 20 anos. O Fundo de Populações das Nações Unidas distingue entre a juventude de 15 a 24 anos e a população jovem de 10 a 24 anos. Neste trabalho, denomino genericamente jovens e juventudes os sujeitos da pesquisa (com idades variando de 15 a 21 anos) e ainda que o recorte geracional esteja presente, não é o que define, prioritária e unicamente, a condição juvenil¹⁰.

⁹ Dados a partir do Relatório da pesquisa “A Voz dos Adolescentes” (UNICEF/2002), Relatório da Situação da Adolescência Brasileira (UNICEF) e Censo do IBGE/2002.

¹⁰ Trato sobre algumas teorias acerca das culturas juvenis no capítulo II deste trabalho.

O Brasil é hoje um país com 21.249.557 jovens. Desses, 10.546.314 são do sexo feminino (49,6%) e 10.703.243 do sexo masculino (50,4%). Esta população de jovens representa 12,5% do total da população brasileira.

No País, 41% dos jovens concluíram o ensino fundamental; 33% das pessoas de 15 a 19 anos freqüentam o ensino médio; mas 2,232 milhões de jovens estão fora da escola. O analfabetismo atinge 1,9 milhão de jovens de 15 a 24 anos. Outros dados relevantes mostram que: 13% das mulheres de 15 a 19 anos têm pelo menos um filho. Isso representa um total de 1,1 milhão de mulheres/mães nesta faixa etária; 700 mil meninas de 10 a 19 anos são atendidas para procedimentos de parto na rede pública de saúde por ano; 13,4% das pessoas atingidas pela AIDS são jovens entre 10 e 24 anos – 72% do sexo masculino e 28% feminino. Dos óbitos ocorridos entre jovens de 15 a 19 anos, 72% são por causas externas (homicídios, suicídios e mortes por acidentes de trânsito), o que reduz em pelo menos três anos a expectativa média de vida dos homens brasileiros. A maior concentração das vítimas de exploração sexual comercial, na ordem de 85,3%, está na faixa etária de 12 a 17 anos.

A abrangência continental do país, além de proporcionar longas distâncias, encobre disparidades regionais. Quanto aos jovens, estas diferenças se manifestam em diversas situações do cotidiano (classe social, localização geopolítica da região, grupo identitário étnico-racial, sexo/gênero, idade). Ainda segundo dados da pesquisa “A Voz dos Adolescentes”¹¹, as disparidades estão

¹¹ Relatório de uma pesquisa feita pela UNICEF/Brasil em 2002 em que entrevistou 5.280 jovens em todo o Brasil contemplando todas as regiões do país. Uma breve caracterização desses jovens-sujeitos: estudantes (94% dos entrevistados estão matriculados na escola), de ambos os sexos (51% masculino e 49% feminino), com idade entre 12 e 14 anos (49%) e entre 15 e 17 anos (51%). Identidade étnico-racial (conforme IBGE): 39% são brancos; 39% são pardos; 13% pretos; 3% amarelos; 1% indígena.

expressas em relação ao trabalho, escolaridade, acesso a informação e ao lazer, entre outras.

Quanto ao acesso à informação está disposto da seguinte forma: em relação a fontes de informação, 59% dos entrevistados afirmam ler jornais e revistas "às vezes". Na classe A, 27% dizem ler "sempre" e 9% não lêem "nunca". Os números invertem-se à medida que o nível de renda decresce. Na classe B, 20% lêem sempre e 18% nunca lêem. Na classe C, 14% lêem sempre e 26% nunca lêem e, na classe D, 9% lêem sempre e 32% nunca lêem jornais e revistas. E quanto à leitura de jornal e revista distribuída por regiões fica assim disposto: no Sul, 21% dizem ler "sempre". No Sudeste, 12%. No Norte e Centro-Oeste, 15% e, no Nordeste, 13%. Entre os jovens entrevistados na pesquisa, 27% têm acesso à rede mundial de computadores (Internet). Se avaliarmos o acesso à Internet segundo as classes sociais, verificamos que, enquanto na classe A 72,4% dos entrevistados utilizam a Internet, o mesmo ocorre com 52,3% dos jovens na classe B, 20,8% na classe C e 12,9% na classe D. Quando relacionados aos grupos identitários étnico-raciais¹² os dados distribuíram-se assim: 33,7% dos jovens brancos têm acesso à Internet enquanto que, entre os amarelos, 26%, os pardos (22,8%), pretos (21,9%) e indígenas (16,2%) completam o quadro.

As principais atividades de lazer referidas pelos jovens são ir a casa de amigos (53%) e assistir televisão (52%). Estes jovens passam, em média, 3h55min diárias assistindo TV. Na opinião de mais de 70% deles, a programação da televisão é "boa" ou "muito boa". Sobre incentivos governamentais para atividades artísticas: 59% dos entrevistados disseram que o poder público não incentiva tais iniciativas como poderia, mas dá condições mínimas aos jovens que as querem praticar; 21%

¹² A nomenclatura dos grupos identitários étnico-raciais foram conservados como são apresentados pelo IBGE.

dizem que o governo nem incentiva nem dá condições. Ir ao cinema é uma opção muito mais comum entre os entrevistados que se identificaram como brancos (40%) do que entre os demais. O cinema é citado ainda por 35,6% dos jovens descritos como amarelos seguidos dos indígenas (32,4%). Por último, com acesso menos freqüente, estão pretos (28,5%) e pardos (24,2%). O maior percentual entre os que nunca foram ao teatro é o de pardos (50,1%) e pretos (45,7%). Entre os brancos, 36,6% nunca foram ao teatro; 49,2% dos amarelos e 39,7% dos indígenas.

Dados estes aspectos, justificam-se os termos deste trabalho: os jovens-sujeitos – as Culturas Juvenis – , pois são a *geração* com quem, diretamente, trabalho no cotidiano escolar; e a temática Mídia e Lazer, pois o estudo desta relação contribui com a área de intervenção pedagógica específica – Educação Física – que em sua produção acadêmica-científica¹³ necessita de outros estudos que apontem para uma perspectiva de reflexão teórico-prática, convertendo estas reflexões em possibilidades de intervenção na práxis do cotidiano escolar.

Pesquisar a partir de um recorte político-sócio-cultural sobre a relação Mídia e Lazer pela perspectiva de Culturas Juvenis torna-se ainda relevante para o diagnóstico na construção das teias sociais, o que pode contribuir qualitativamente na reflexão a respeito dos valores e comportamentos adotados numa sociedade de consumo, produzida pela industrialização da cultura.

Existe uma pergunta de partida que move a pesquisa dimensionando o trabalho:

¹³ Foram consultadas as produções em Revistas e/ou Anais de várias entidades que poderiam/podem contribuir com a Educação/Educação Física: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE e Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CONBRACE), Encontro Nacional de Recreação e Lazer – ENAREL, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS e Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED; Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM; Revista Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) bem como o Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP.

* Como é percebida e expressa a recepção midiática relacionada às manifestações de lazer presentes nas culturas juvenis de estudantes do ensino médio na cidade de Cáceres/MT?

O dimensionamento da mídia no cotidiano juvenil pressupõe dialeticamente a presença de aspectos de recepção passiva, daí reprodutora, e momentos de subversão/transgressão, daí ressignificada, como possibilidades de resistência.

Assim, formulam-se os objetivos e questões de investigação na intenção de contribuir para o desvelar da importância da mídia na constituição dos lazes na perspectiva das culturas juvenis.

Esta investigação teve como propósito principal analisar a presença, importância e desdobramentos do discurso midiático em relação ao lazer em culturas juvenis. Para tanto, buscou-se num primeiro momento agregar elementos teóricos-conceituais para discutir e estabelecer uma compreensão das relações entre discurso midiático, lazer e culturas juvenis. E a partir daí elaborar reflexões sobre o papel da mídia na produção de signos, sentidos e significados acerca do lazer em culturas juvenis.

Algumas questões foram elaboradas no intuito de delimitar e ao mesmo tempo demarcar o estudo sugerindo-se, por vezes, como hipóteses auxiliares:

- i) Como os jovens da pesquisa representam sua condição juvenil?
- ii) Que importância é atribuída ao lazer no âmbito das culturas juvenis?

- iii) Que características culturais são evidenciadas pelos jovens no seu cotidiano em relação à compreensão e fruição do lazer?
- iv) É possível identificar a presença da mídia nas manifestações de lazer em culturas juvenis?
- v) Como os jovens da investigação representam a mídia quanto à formação de suas práticas culturais de lazer?
- vi) Será que os jovens têm a mídia como fonte de informação e lazer?

Na tentativa de atender esses objetivos e responder as questões apontadas para esta pesquisa buscaram-se as orientações teórico-metodológicas escritas a seguir.

1.2 O COTIDIANO COMO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE

Partindo do princípio que o cotidiano pode ser o fio condutor para conhecer a “sociedade”, o problema de investigação neste estudo liga-se diretamente ao paradigma dialético da sociologia da vida cotidiana, pois, conforme Pais (2003, p.72)

o cotidiano é um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam.

Desta perspectiva, os elementos constituidores da pesquisa – mídia, lazer e culturas juvenis – não são/estão isolados, mas tecem redes que implicam uma

análise crítica do cotidiano numa perspectiva histórica. “E o cotidiano não é a soma das insignificâncias?” (LEFEBVRE, 1991, p. 33). Assim, a idéia é reconduzir fatos aparentemente informes ao conhecimento e reagrupá-los não arbitrariamente, mas segundo um quadro teórico-conceitual de referência.

Para conceber o cotidiano, para tomar em consideração a teoria da cotidianidade, há algumas considerações preliminares: primeiro fazer um estágio, viver nela – em seguida rejeita-la e tomar uma distância crítica. (...) Efetivamente, toda reflexão que não se contenta com refletir, com ratificar as pressões, com aceitar os poderes e legalizar a força das coisas, toda outra reflexão contém uma utopia. Isso significa que ela procura seu ponto de inserção na prática e não separa o conhecimento de uma política que não coincidiria com a do poder em vigor. (LEFEBVRE, 1991, p. 82 e 84)

Assim, “se são possíveis várias definições do cotidiano, é porque sobre o cotidiano é possível deitar vários olhares” (PAIS, 2003, p. 106). Este olhar a que me refiro é aquele intuitivo, “bisbilhoteiro”, apurado, refinado, perscrutador, aquele que vê/olha a partir de uma polissemia e polifonia, que se traduz das chamadas sociologias criativas, segundo Morris citado por Pais (2003, p.106).

Segundo Lefebvre (1991, p. 34), a análise crítica do cotidiano revelará analogias, ao passo que o conhecimento cotidiano compreenderá uma crítica ideológica e, bem entendido, uma autocrítica perpétua.

A dialética por sua vez prevê que as interpretações relativas ao mundo devem ser encaradas como passíveis de mudanças e reconstruções, pois a interpretação prática de transformar o mundo em que vivemos desencadeia ao mesmo tempo um processo de transformação pessoal num mundo em permanente transformação. Este processo deve ser o da autocrítica e da crítica à realidade social, construindo conhecimentos provisórios sobre situações do cotidiano.

A dialética, segundo Bruyne (1991, p. 65, 66 e 68)

visa simultaneamente os conjuntos e seus elementos constitutivos, as totalidades e suas partes, é ao mesmo tempo análise e síntese, é movimento reflexivo do todo às partes e reciprocamente. (...) A dialética mostra que todos os elementos do mesmo conjunto condicionam-se reciprocamente numa infinidade de graus intermediários entre os termos opostos. (...) É um pensamento que se move no tempo mas que se inscreve no espaço, que vai da forma lógica, racional, ao conteúdo prático.

Ainda numa possível perspectiva marxiana, Lefebvre¹⁴ sugere que a estrutura política de uma sociedade e a sua eficácia sócio-institucional são avaliadas de acordo com a capacidade de estruturação da vida cotidiana. Em certa medida, a vida cotidiana segmenta-se e se dispersa por organizações reguladoras: trabalho, vida privada e ócio, que se exploram de forma racional, incluindo a organização (comercial e planificada) do ócio. A própria cultura de massa preencheria cotidianamente o tempo de lazer, contribuindo para a alienação deste. A mídia figura entre as instituições responsáveis pela cultura danificada. A televisão, principal meio de massificação dado o acesso, é estruturada a partir da cultura de homogeneização e consumo, abarcando segmentos sociais, criando e difundindo, mercadologicamente, culturas.

As teias que envolvem e perpassam as culturas juvenis em suas diferentes abordagens de lazer relacionadas à mídia não situam somente o lazer como rotineiro, passivo e alienado; é mais do que o trivial, se situado no “histórico-original-significativo” (PAIS, 2003, p. 74). A perspectiva do estudo, da análise de aspectos da vida cotidiana, centra-se no indivíduo e na rotina; mesmo assim, não se pode deixar de encará-lo como o fértil e por vezes árido terreno de luta das classes.

¹⁴ In: Pais, 2003, p. 96.

As classes exploradas, imersas no cotidiano, poderiam assim contribuir para a sua negação ou transformação: ao contrário do que justamente acontece com as classes dominantes, que, como sustenta Lefebvre, construíram o cotidiano de forma a estruturarem-no como instrumento de poder e de dominação social, ao mesmo tempo que a ele escapariam vivendo, graças ao dinheiro, um perpétuo “domingo de vida”. (PAIS, 2003, p. 98).

Como os “fatos científicos dependam autenticamente de nossa concepção da estrutura social e do que nela acontece efetivamente” (MILLS)¹⁵, me apoio no paradigma sociológico dialético de análise da vida cotidiana, que dado o seu caráter de reflexão da práxis, se põe em vigilância constante, sem restringir o problema/problemática que move a pesquisa a dogmas científicos. O estudo da vida cotidiana pode revelar a teia de elementos interdisciplinares ou supra-disciplinares que envolvem a contemporaneidade vivida numa escola, em culturas juvenis que refletem e ressignificam a sociedade burocrática de consumo dirigido (LEFEBVRE, 1991), a Sociedade do Espetáculo¹⁶, a Indústria Cultural¹⁷ em seu tempo de lazer. A pesquisa é um momento neste cotidiano e é vista como um processo contínuo, mas não linear, e ainda ativo, crítico e analítico. O quadro de referências teórico-metodológico adotado ultrapassa uma única filiação ao pensamento científico, com características de pluralismo teórico-epistemológico sem cair no ecletismo, o que permite ampliar seus horizontes e aprofundar aspectos que são constitutivos do cotidiano, com possibilidades que não se excluem, mas que, juntas, criam condições de elaborar um conhecimento provisório sobre o objeto pesquisado. Daí a sustentação nos escritos de Henry Lefebvre, Agnes Heller, José Machado Pais, nos autores da Escola de Frankfurt, Giovani Pires, Helena Abramo, Nelson Marcellino, Valquíria Padilha, Pierre Bourdieu, e outros que se inserem neste trabalho na

¹⁵ In Bruyne, 1991, p. 58.

¹⁶ Sociedade do Espetáculo é um conceito elaborado por Guy Debord em 1967 em que ele faz uma crítica a sociedade moderna de consumo em que tudo é espetacularizado e refletido pelos meios de comunicação de massa, sendo a imagem o imperativo do espetáculo.

¹⁷ Conceito desenvolvido no capítulo II deste trabalho.

perspectiva de ajudar a apreender e desvelar situações do cotidiano e contribuir na construção de sentidos e significados atribuídos à mídia nos lazeres das culturas juvenis a partir deste cotidiano.

As dimensões e complexidades que cercam e produzem as temáticas do lazer e da mídia nos cotidianos das culturas juvenis não se encerram superficialmente em um trabalho. Dado este caráter da não simplificação e do não esgotamento do assunto, foram adotados alguns procedimentos, instrumentos e técnicas de pesquisa para elaboração do conhecimento, ainda que provisório, sobre estas relações nos cotidianos juvenis. Adotou-se em seqüência i) questionário, ii) entrevistas semi-estruturadas em grupos, iii) grupos focais. Todas as observações foram registradas em diário de campo. Cada um destes elementos contribuiu significativamente com a coleta de dados. A seguir, descrevo os procedimentos acerca da pesquisa.

No primeiro encontro com os sujeitos da pesquisa (com cada uma das turmas separadamente), denominado de Evento-campo 1, após a apresentação da pesquisa, de seu contexto, de seus objetivos e ainda, a explicitação das formalidades do Comitê de Ética¹⁸, os jovens foram convidados a preencher um questionário (Apêndice II) com o objetivo de reunir elementos (aspectos de classe, identidade étnico-racial, gênero, religião, período de estudo, hábitos, preferências e outros) para delinear um perfil dessas juventudes, constituindo-se assim uma caracterização desses jovens-sujeitos. O segundo objetivo deste instrumento foi o de constituir os grupos para entrevistas a partir dos dados/indícios deste primeiro levantamento. Obtivemos quarenta e cinco questionários respondidos. Ainda que

¹⁸ Ver Apêndice I.

tenham preenchido os questionários, participando deste primeiro evento da pesquisa, alguns jovens optaram não continuar no processo.

A seguir, produziu-se um segundo instrumento, que foi o roteiro para as entrevistas semi-estruturadas em grupos (Apêndice III). Este roteiro teve a intenção de ampliar possíveis entendimentos e representações sociais que os jovens – sujeitos desta pesquisa – apontaram acerca das juventudes, das culturas juvenis, de tempo livre, lazer e mídia na dimensão da vida cotidiana.

Esta técnica de coleta de dados permitiu uma construção flexível e esclarecedora da investigação conservando o caminho e abrindo possibilidades de diálogo em suas pequenas trilhas. Segundo Triviños (1987, p. 146)

podemos entender por *entrevista semi-estruturada*, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar no conteúdo da pesquisa.

Foram organizados seis grupos para estas entrevistas coletivas, denominadas aqui de Evento-campo 2. Dois grupos foram compostos por seis pessoas, outros dois grupos, por cinco pessoas cada, um grupo com quatro e o último grupo com três num total de vinte e nove jovens. Estes agrupamentos foram feitos por características apontadas no evento-campo 1 e também pela possibilidade de organização temporal dos jovens para participar nos grupos de entrevistas.

Após estes grupos de entrevistas semi-estruturadas, foram organizados dois grupos focais para aprofundar as informações decorrentes dos procedimentos anteriores de coleta de dados, denominados de Evento-campo 3.

Grupos focais, na perspectiva de Kitzinger e Barbour (1999, p. 4) são

grupos de discussão que podem explorar uma série de assuntos, envolvendo algum tipo de atividade coletiva. Diferenciam-se de entrevistas em grupo, pela promoção explícita da interação em grupo, a fim de gerar dados. Ao invés de fazermos perguntas a cada pessoa, encorajamos os/as participantes a falarem uns com os outros, a formularem perguntas, relatarem situações, comentarem suas experiências e pontos de vista sobre assuntos intencionalmente planejados. São mais indicados para explorarmos como os pontos de vista são construídos e expressos. Os grupos focais são muito apropriados para examinarmos como o conhecimento, as idéias, os relatos, a auto-apresentação e os intercâmbios lingüísticos operam dentro de um determinado contexto cultural. No grupo focal, os participantes da pesquisa criam um público uns para os outros.

Minayo (1994) define grupos focais (ou grupos de discussão) como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais que coleta informações por meio das interações grupais ao se discutir um tópico específico sugerido por um “animador”, neste caso a pesquisadora. Ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. O foco de análise são as opiniões surgidas a partir do jogo de influências mútuas que emergem e se desenvolvem no contexto dos grupos humanos.

Nestes grupos focais participaram quinze jovens que já haviam participado dos eventos-campo 1 e 2, respectivamente, questionário e entrevista coletiva. No primeiro grupo focal foram sete jovens (três meninas e quatro meninos) e no segundo, oito (quatro meninas e quatro meninos). Desta forma, foi possível abarcar as representações, posicionamentos, argumentação e síntese dos participantes quanto à temática proposta. A formação destes dois grupos focais pôde também contribuir com a compreensão da diversidade das culturas, de sentimentos, de vivências e de experiências. Foi um espaço heterogêneo para tratar das influências da mídia sobre as manifestações de lazer numa visão geral e ampliada de forma que

tenha gerado sentido para os participantes da pesquisa, e que permitiu também tecer relações, fazer pontes, contextualizar em seu cotidiano numa compreensão desta complexidade.

Todos os grupos dos eventos-campos 2 e 3 – entrevistas coletivas e grupos focais respectivamente – permitiram a gravação de áudio em fitas K-7. Foram então gravadas seis fitas e todas elas transcritas para posterior análise.

Uma outra técnica para colher dados foi à observação livre que resultou na composição do diário de campo. Neste, foram registradas as observações e reflexões, elaboradas a partir das situações do cotidiano observadas e do referencial teórico-metodológico deste trabalho, numa perspectiva de processo dialético, aguçando os sentidos e sensibilidades da pesquisadora.

As observações, na escola-campo, foram feitas durante os momentos que antecedem ao início das aulas do período, durante o intervalo e logo após o seu final, nos períodos matutino e vespertino, durante seis dias em duas semanas distintas do ano letivo: três dias durante a última semana de aula do primeiro semestre letivo de 2004 e outros três dias na semana de retorno as aulas no segundo semestre letivo do mesmo ano. As observações se fizeram no período de estágio de campo desta pesquisa (entre junho e julho de 2004). Estas observações se fizeram noutros espaços (pátio, palco, corredores ...) e tempos da escola de forma a perceber e recolher informações na interação social, enriquecendo os dados emergidos dos grupos.

Para análise e compreensão do material colhido adotei a metodologia de análise de conteúdo entendendo ser esta uma técnica possível para a interpretação dos dados mais do que uma quantificação lingüística, visto que “ele se presta para o estudo das motivações, atitudes, valores, crenças, tendências, e, (...) para o

desvendar das ideologias que podem existir” (TRIVIÑOS, 1987, p. 159 e 160).

Conforme Bardin (s/d, p. 42), a análise de conteúdo é

conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Desta forma, estes modos de saber-fazer-sentir se propuseram a compor uma dissertação de mestrado, que ora se apresenta.

1.3 CONHECENDO O CONTEXTO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

O mundo é uma coisa que nós devemos preservar, ele não dura para sempre. O que a gente faz à praia e à floresta quando as pessoas vão acampar... esses lugares não duram para sempre se nós não cuidarmos, cada vez que corta uma árvore, corta ou joga uma coisa, o lugar que a gente jogou vai diminuindo, acho que temos que preservar e devemos cultivar a vida, melhorar a vida.

(excerto de entrevista da pesquisa)

Neste tópico do capítulo pretendo contextualizar e aproximar os sentidos à realidade dos jovens-sujeitos da pesquisa através da composição do cenário em que vivem os participantes desta pesquisa, através de i) um panorama da cidade de Cáceres no Estado de Mato Grosso, município em que moram os sujeitos da pesquisa; ii) a Escola Estadual “Onze de Março”, onde estes jovens estudam; e por fim iii) a caracterização dos sujeitos da pesquisa no intuito de ampliar a compreensão dos seus cotidianos e das suas representações apresentadas, no terceiro capítulo, nos dados e na sua análise.

1.3.1 A CIDADE DE CÁCERES

A cidade em que vivem os jovens que participaram deste trabalho é Cáceres¹⁹, denominação que homenageia o padroeiro da cidade “São Luiz de Cáceres” e o 4º Governador da Capitania de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, que fundou a povoação em 6 de outubro de 1778 com o nome de Vila-Maria do Paraguai, em homenagem à rainha que ocupava o trono de Portugal. Em 1874, foi elevada à categoria de cidade com o nome de São Luiz de Cáceres e em 1934 passa a ser somente Cáceres²⁰.

Demarcada no espaço terrestre com uma superfície de 24.398,39 km², dista pela BR 070 a 210 quilômetros da capital do Estado de Mato Grosso – Cuiabá - e a 80 quilômetros da cidade San Mathias na Bolívia. Tem uma localização privilegiada: a cidade é portal de entrada do Pantanal mato-grossense e situa-se às margens do rio Paraguai, no sudoeste de Mato Grosso, na mesorregião Centro-sul Mato-grossense e na microrregião do Alto Pantanal, na região Centro-Oeste do Brasil. Com altitude que varia de 118 a 380 metros acima do nível do mar, latitude sul de 16° 13'42” e longitude oeste de 57° 40'51”, de clima predominantemente tropical quente e sub-úmido e duas estações bem definidas: a seca e a chuvosa, faz muito calor em quase todos os meses do ano – a temperatura média anual é de 35° Centígrados, com máxima de 44° – mas de maio a setembro o frio pode chegar de repente, provocando quedas bruscas na temperatura. O período de seca se estende

¹⁹ Os dados que compõem o texto de descrição de Cáceres foram transcritos a partir do livro “Mato Grosso e seus municípios” de João Carlos Vicente Ferreira; do Censo Demográfico do IBGE/2000, da página da Prefeitura Municipal de Cáceres, página da Secretaria de Estado de Educação - SEDUC/MT, página do INEP/MEC e do Anuário Estatístico de Mato Grosso/2003. Os dados coletados nas páginas das instituições foram reunidos desde 2000, sendo que em alguns há diferenças e necessidade de atualizações.

²⁰ Tramita um projeto na Câmara de Vereadores para nomeá-la novamente “São Luiz de Cáceres”.

nos meses de junho a setembro. A precipitação anual é de 1.500 mm, com maior intensidade nos meses de janeiro, fevereiro e março. A umidade relativa do ar é de 80,4%, em média. O ecossistema da região é composto por 35% de cerrado, 15% da Floresta Amazônica de transição e 50% de pantanal.

O Anuário Estatístico de Mato Grosso de 2003 apresenta um ranking com 126 posições dos 139 municípios do Estado de Mato Grosso²¹ em que Cáceres ocupa os lugares conforme o Quadro I, a seguir:

Quadro I: Cáceres no Anuário Estatístico de Mato Grosso em 2003

Colocação	Índice
59 ^a	Índice de desenvolvimento humano - IDH (em 2000)
5 ^o	Município mais populoso
5 ^o	Município com maior efetivo da Polícia Militar ²²
4 ^o	Município com maior número de eleitores (em 2002)
3 ^o	Município com maior número de assentamentos do INCRA e destinados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST (em 2002)
2 ^o	Município com maior número de famílias beneficiadas pelos projetos de assentamento do INCRA e destinados ao MST (em 2002)
2 ^o	Município com a maior produção de carvão vegetal (em 2001)
1 ^o	Município em número de Conselhos Municipais ²³

Fonte: Anuário Estatístico de Mato Grosso de 2003

²¹ O Estado de Mato Grosso ocupa o 17^o lugar no mapa brasileiro da miséria, segundo dados do IBGE, com uma porcentagem de 25,89% de pessoas com necessidades extremas. A situação pode ser considerada crítica, pois o índice de pessoas que têm acesso ao saneamento básico não ultrapassa 12,5%. Em números, isso significa dizer que ao menos 53 mil mato-grossenses não contam com serviço básico. Ausência essa que pode causar diversas doenças à população, tais como diarreia, disenteria e hanseníase. Quanto ao trabalho, mais de 32% da população mais pobre trabalha na informalidade e não tem carteira assinada ainda que o estado seja campeão em produção e tenha a taxa de Produto Interno Bruto (PIB) que mais cresce no país. Quanto à questão de escolaridade, apenas 6% dos 40% mato-grossenses mais pobres chegaram à universidade, dado um pouco superior a média brasileira, com 5,5%. No país, dos 10% mais ricos, pelo menos 30% entram para o ensino superior. Mato Grosso está na contramão com um acesso dos mais ricos de apenas 12,4%. É um estado de grandes riquezas e possibilidades concentradas em poucas mãos.

²² 6^o Batalhão da Polícia Militar que em 2001 contava com 201 policiais.

²³ Em 2001, Cáceres tinha 18 conselhos – Ambiental (1), Assistência Social (1), Criança (1), Comunidade (1), Cultura (1), Educação (3), Pessoa Idosa (1), Saúde (1), Trabalho (1), Turismo (1), Outros (5).

A Princesinha do Paraguai, como Cáceres é carinhosamente denominada, é dotada de um aeroporto internacional, com capacidade para receber aeronaves de grande porte, porém não é servida por nenhuma linha aérea regular. O acesso rodoviário é feito através das BR 070, BR 174 e MT 343. A cidade conta com o tráfego de algumas empresas de ônibus, que ligam a região a Cuiabá, a diversos municípios situados a noroeste de Mato Grosso, a Rondônia e ao país vizinho – Bolívia. Para isso, dispõe de dois terminais rodoviários²⁴, um no centro da cidade que atende as linhas regionais e para Bolívia e outro, no bairro Cidade Nova, que atende as linhas interestaduais. Nos últimos anos, intensificou-se o transporte de passageiros e cargas por empresas de vans, que mantém vários horários de viagem para a capital do Estado e cidades vizinhas.

Os meios de comunicação instalados na cidade são sucursais de jornais da capital com circulação diária (*Diário de Cuiabá* e *A Gazeta*) e locais com circulação semanal (*Correio Cacerense* e *A Notícia*); seis estações de TV, retransmissoras/afiliadas a emissoras de TV²⁵ (Rede Globo, Sistema Brasileiro de Televisão/TV Descalvados, Rede Bandeirantes/TV Vitória Régia, Rede Record/TV Pantanal, Rede TV e TV Cultura de São Paulo/TV Taiamã) e quatro emissoras de radiodifusão (*Rádio Club de Cáceres FM*, *Comunitária FM*, *Difusora AM/FM* e *Rádio Jornal AM*).

O conjunto destes meios de comunicação de massa propicia aos jovens-sujeitos algumas de suas possibilidades de lazer, principalmente a televisão, com seus diversos canais e suas programações de entretenimento, e as rádios, com suas programações musicais.

²⁴ Está previsto para 2005 a inauguração de um terminal rodoviário único, moderno que atenda a demanda das linhas de ônibus estadual, interestadual e internacional.

²⁵ São 18.904 domicílios com aparelhos de televisão no município.

O município tem na pecuária e na agricultura suas principais fontes geradoras de renda, sendo que, nos últimos anos, empresas ligadas ao setor de turismo têm movimentado a cidade em vista de seu potencial de exploração turístico (rios, cachoeiras, cavernas, sítios arqueológicos, fauna, flora, pantanal...) e o que resta da arquitetura bicentenária (casarões construídos no século XIX), concedem um pequeno charme ao centro da cidade. Ainda que rica em belezas naturais e históricas, que são chamariz para os turistas, Cáceres (governo municipal) não oferece aos seus moradores e visitantes, infra-estrutura de acesso e conservação deste patrimônio.

Cáceres tem o maior rebanho bovino de Mato Grosso com mais de três milhões de cabeças de gado. Além disso, a região é produtora de minérios (zinco e níquel) e pedras ornamentais (mármore). O município tem um frigorífico e um curtume, com capacidade para produzir o couro em estágio semi-acabado, isto é, pronto para ser tingido e utilizado pela indústria de vestuário de couro, e ainda criação e curtume de jacaré para exportação.

Cáceres conta com uma "torneira" do Gasoduto Brasil-Bolívia, tornando viável a construção de uma usina termelétrica ou simplesmente a utilização do gás natural como fonte de energia para as possíveis indústrias que se instalarem no Distrito Industrial da cidade, até o momento, não há indústrias ou outros empreendimento que o utilizem. A construção desta torneira requereu um trabalho arqueológico na região, assim, possibilitou um mapeamento de artefatos indígenas, encaminhados para estudo e conservação.

As iminentes promessas, por parte dos governos estadual e federal e de empresários, de instalação da hidrovía Paraguai-Paraná e a possível construção do terminal de Porto Morrinhos, por um lado, abrem possibilidades econômicas para o

município e região, e de outro, tem gerado mobilização de ambientalistas, universitários, Organizações Não Governamentais e demais instituições ligadas aos movimentos sociais e populares que tem como princípio a ocupação do ambiente através do desenvolvimento sustentável. Estas mobilizações têm sido motivadas pelos estudos de impacto ambiental por uma possível implantação da hidrovia, que interferiria diretamente na estrutura e funcionamento do Pantanal e os danos ao ecossistema “pantaneiro” seriam irreparáveis²⁶.

Cáceres tem ainda potencial na área de serviços no setor de saúde – o grande pólo é o Hospital Regional Antônio Fontes, cuja inauguração é recente (2001) – e no setor da educação, através da Escola Agrotécnica Federal de Cáceres e da Universidade do Estado de Mato Grosso, que atraem estudantes e profissionais de outras cidades e Estados e ainda a Escola de Curso Técnico em Enfermagem.

A Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria do Meio Ambiente e Turismo – Sematur – , organiza todo mês de setembro, desde 1979, o Festival Internacional de Pesca – FIP – , o maior evento de pesca em água doce no mundo. A partir de 1997 tornou-se de pesca esportiva dada a emergente preocupação com a preservação das espécies. Neste festival, a organização instala grande aparato para práticas esportivas e competições de várias modalidades na praia do Daveron, no centro da cidade e a Praça Barão do Rio Branco recebe uma estrutura para jogos de mesa, ginástica olímpica, oficinas de artes (pintura, música, teatro e outras), exposição e venda de arte e artesanato, uma praça de alimentação e ainda uma programação noturna de shows musicais e outras apresentações.

²⁶ Conforme Hugmar Pains Silva (2004) foram realizados estudos comprovando que a implantação da hidrovia, implicaria em grandes impactos ambientais e no rio Paraguai, pela possibilidade de influenciar a dinâmica do pulso de inundação devido às obras de engenharia previstas e pelo aumento da navegação de comboios de chatas, degradando o ambiente e desrespeitando as comunidades locais.

No município, destacam-se alguns grupos da cultura pantaneira e folclóricos como o Grupo Cultural Raízes (danças mato-grossenses e teatro), Grupo de Tradições Folclóricas Chalana (danças mato-grossenses e de todas as regiões brasileiras e países sul-americanos), Grupo Folclórico Tradição (danças mato-grossenses) e o Grupo Guató (danças regionais e teatro). Grupos estes que congregam alguns dos sujeitos desta pesquisa. Conta ainda com dois centros de tradições: i) Centro Mato-grossense de Tradições Gaúchas “Vaqueanos do Pantanal” e o ii) Centro de Tradições Nordestinas – CTN, este último, desenvolve projetos sociais relacionado ao ensino de esportes às crianças de família de baixa renda.

Quanto ao esporte, no município existe uma equipe profissional de futebol que participa do campeonato estadual, além de outras equipes amadoras. Há também equipes de outras modalidades esportivas, formadas esporadicamente para representar o município em competições regionais e estaduais, mas não há um programa de atividades esportivas sendo desenvolvido. No ano de 2004, a Coordenadoria Municipal de Esportes foi desvinculada da Secretaria Municipal de Educação e elevada ao estatuto de Secretaria Municipal de Esportes e Lazer. Assim, é esperado pela população cacerense que se constituam políticas públicas de esporte e lazer, atendendo plenamente aos munícipes.

A Sematur está instalada na Chácara que pertenceu ao médico patologista americano Alexander Daveron, que veio ao Brasil, como pesquisador, nos anos de 1930, e morreu em 1987. É localizada no centro da cidade, na baía do rio Paraguai, e oferece um espaço amplo e arejado com exposições variadas de artistas locais e um pequeno acervo histórico. A cidade conta ainda com o Museu Histórico de

Cáceres e o Centro Municipal de Cultura, que oferece um auditório com capacidade para duzentas pessoas.

Esta mesma secretaria, objetivando uma análise da oferta turística de Cáceres fez um levantamento, através do Projeto "Imagens de Cáceres", dos atrativos naturais e históricos do município. Foram catalogados 20 atrativos naturais e 12 históricos²⁷.

Dos atrativos naturais, são elencados alguns de livre acesso, contudo, as longas distâncias se tornam um limite. São eles: a Serra Ponta do Morro (20 km da cidade), Cachoeira da Piraputanga (13 km), Fazenda Sangradouro (90 km), Serra do Boi Morto (45 km), Córrego Água Doce (30 km), Morro Pelado/Fazenda Santo Antônio das Lendas (80 km), Cachoeira da Fazenda Primavera (25 km), Rio Sepotuba (18 km), Rio Cabaçal (9 km), Rio Jauru (35 km), Pantanal do Rio Paraguai (espraia-se ao longo de quase 400 km do rio Paraguai, indo até a fronteira com a Bolívia, que corre ao longo de mais de 300 km de Pantanal), Pantanal do Cai-Cai (170 km via fluvial) e a Estação Ecológica de Taiamã/Vitória Régia (180 km via fluvial). Outros são propriedades particulares, dependendo de autorização do proprietário e/ou posseiros para a visita, como a Dolina²⁸ da Água Milagrosa (20 km) - está interdita para o público pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis de Mato Grosso – IBAMA/MT desde 2002 – , Salto do Rio Bravo (85 km), Aquário Natural "Progresso" (50 km), Cachoeira da Cabeceira do rio Quilombo (30 km), Cachoeiras do Córrego Cachoeirinha, Serra do Fundinho/Cortado do Monjolo (30 km), Serra do Tarumã/Serra do Poção (15 km).

²⁷ Descrição detalhada dos atrativos naturais e históricos do município de Cáceres/MT no Anexo I.

²⁸ Dolina é uma depressão circular em relevo cárstico (terreno com feições características de processos de dissolução de rochas como o calcário com drenagem subterrânea, cavernas e dolinas) e que se forma pelo abatimento de solo e rochas do teto de uma caverna com drenagem subterrânea.

Dos atrativos históricos são listados: o Marco do Jauru²⁹, Fazenda Jacobina, Usina da Ressaca (não está aberta ao público em geral), Fazenda Facão (10 km – tem previsto um projeto de Parque Municipal do Facão), Fazenda Barranco Vermelho (100 km), Fazenda Descalvados (160 km – recentemente foi tombada pelo Governo do Estado de Mato Grosso), Fazenda Flechas (80 km), Vila do Taquaral (20 km), Sítio Arqueológico da Chapadinha (27 km), Fazenda Paiol (50 km), Casario de Cáceres - Centro Histórico e Catedral de São Luís. Ainda que estes atrativos componham o cenário da história do município, a maioria deles também impõe o limite de acesso das longas distâncias.

Ainda que não figurem na lista de atrativos naturais da Sematur, na estação seca, formam-se algumas praias ao longo do rio Paraguai, algumas com acesso rodoviário e outras, na maioria, apenas fluvial.

A cidade conta com alguns clubes sociais de acesso restrito a associados, sendo os maiores: Associação Atlética do Banco do Brasil, Cáceres Iate Clube, Clube dos Sargentos, Esporte Clube Humaitá, e SESI Clube. Destes, alguns mantêm programas de assistência social em convênio com outras instituições locais e estatais – a própria Universidade do Estado de Mato Grosso tem parceria com clubes e empresas privadas para atuar nesta área. A cidade também conta com clubes de serviço tais como Leo Clube de Cáceres, Lions Clube de Cáceres, Rotary Clube de Cáceres e Rotary Clube Pantanal que mantêm campanhas, eventos e programas esporádicos de assistência social e campanhas humanitárias.

No centro da cidade, há a Praça Barão do Rio Branco que se constitui no *point* das noites cacerenses, pois agrega em seu entorno uma praça de alimentação,

²⁹ Em fevereiro de 1883, foi assentado na Praça da Matriz, atual Praça Barão do Rio Branco, em frente a Catedral São Luís, o Marco de Jauru, um monumento tombado pelo Patrimônio da União, representativo do Tratado de Madri, firmado em 1750 para limitar o domínio das terras da América entre Espanha e Portugal.

danceterias, bares, casas de jogos e o único cinema da cidade, reinaugurado em 2004, após décadas do seu fechamento. A Praça Duque de Caxias, também no centro da cidade, conta com uma pequena praça de alimentação, danceteria e espaço para manobras de esportistas (ciclistas, skatistas e outros). A Praça Major João Carlos, também no centro da cidade, tem em seu entorno comércio varejista, hospital, clínicas médicas e o único museu da cidade. As praças José de Anchieta, Makoto Hayashida, Benjamim Constant e Villar Dantas situam-se nos bairros. Estas praças são bem localizadas e distribuídas pela cidade, mas carecem de uma agenda de manutenção para oferecer e garantir condições de aconchego, segurança e beleza, ou seja, um espaço aprazível aos usuários e transeuntes.

Alguns dos bairros possuem “instalações” esportivas (quadra de areia, campinho de futebol ou quadras cimentadas), existe um ginásio poli-esportivo (Ginásio Municipal “Didi Profeta”) e um estádio de futebol (Estádio Municipal “Luís Geraldo da Silva” – “o Geraldão”), sendo os principais equipamentos esportivos, as quadras esportivas das escolas (municipais, estaduais, federal e privadas). Neste aspecto, são poucos os equipamentos para as práticas esportivas das comunidades.

Cáceres conta ainda com duas bibliotecas públicas principais, uma, mantida pela Prefeitura Municipal de Cáceres e a outra mantida pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Outras bibliotecas (menores) estão instaladas nas escolas das várias redes de ensino.

O calendário de eventos da cidade resume-se, conforme o quadro a seguir (Quadro II: Calendário de Eventos do Município de Cáceres), a algumas promoções do governo municipal, instituições privadas, clubes de serviço e evento religioso. Nos últimos anos tem crescido o número de empresas organizadoras de eventos sociais,

culturais, turísticos e empreendimentos nestas áreas, ainda que esporádicos e pontuais, e que ainda não compõem a agenda de eventos oficiais no município.

Quadro II: Calendário de Eventos do Município de Cáceres:

Mês	Evento
Fevereiro	Carnaval Pop;
Abril	Encontro Água Viva de Oração; Rally de Jeep e Moto; Festival de pesca dos rotarianos;
Maio	Dia do trabalhador;
Junho	São João Pantaneiro; Concurso Regional de Quadrilhas; Festa junina popular; Semana do Meio Ambiente;
Julho	Abertura da temporada de praia; S.O.S. Pantanal; Exposição Agropecuária e Industrial;
Agosto	Salão de artes plásticas; Festa do padroeiro da cidade – São Luiz; Festival Internacional de folclore; Festa gastronômica;
Setembro	Festival Internacional de Pesca; Festival de pesca do Lions; Feira náutica; Feira de artesanatos e artes plásticas;
Outubro	Semana do aniversário da cidade; Mostra de vídeo – Pantanal;
Novembro	Dia da cultura; Mutirão de limpeza do Rio Paraguai;
Dezembro	Concurso de decoração natalino e presépios; Natal Pantaneiro.

Fonte: Anuário Estatístico de Mato Grosso/2003

Apesar de ostentar uma placa na entrada do município, intitulado-se a capital das bicicletas, Cáceres não oferece ciclovias suficientes e estrutura (bicicletários, faixas especiais e outros) para a grande quantidade de ciclistas. É comum para uma parcela significativa ou senão a maioria dos estudantes, estudantes-trabalhadores e trabalhadores dirigirem-se às escolas e locais de trabalho, de bicicleta.

A população estimada em 2004 foi de 87.708 habitantes, sendo que o Censo Demográfico de 2000 (IBGE) registrou um total de 85.857 pessoas distribuídas na zona urbana (66.457 ou 77,4%) e rural (19.400 ou 22,6%), homens (43.838) e mulheres (42.024), tendo uma população de 19.412 pessoas entre 10 e 19 anos. Deste total, 50.598 são eleitores. Segundo o Censo Escolar de 2004 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP –, foram registradas 5.817 matrículas iniciais no ensino médio³⁰, distribuídas em escolas públicas estaduais (4.647) e federal (663) e escolas privadas (407). No município, estão instaladas uma escola federal, dez estaduais e duas privadas que oferecem o ensino médio nas modalidades de ensino regular (5.260 matrículas) e Educação Profissionalizante – nível técnico (457 matrículas).

É importante considerar as taxas de aprovação, reprovação e abandono no ensino médio no município³¹, conforme o Anuário Estatístico de Mato Grosso/2003, apresentadas no Quadro III, em que se destaca a elevada taxa de abandono entre alunos do ensino público estadual, visto que uma parcela significativa desses jovens não se encerra no estatuto de estudante somente, mas

³⁰ Os dados referem-se apenas ao ensino médio em função desta pesquisa abranger uma população parcela deste grau de escolarização.

³¹ Índices comparativos entre Escolas estaduais e privadas, não levando em conta, a Escola federal (dados não disponíveis).

estudante-trabalhador, em que lhe é necessário, para garantir a sobrevivência e por vezes da família, conciliar dupla jornada entre estudo e trabalho.

Quadro III: Taxas de aprovação, reprovação e abandono no ensino médio em Cáceres em 2003

	Taxa de aprovação	Taxa de reprovação	Taxa de abandono
Escolas Estaduais	57,4%	5,9%	36,7%
Escolas Privadas	97,1%	7,7%	1,4%

Fonte: Anuário Estatístico de Mato Grosso, em 2003

1.3.2 A ESCOLA ESTADUAL “ONZE DE MARÇO”³².

Para Minayo (1994, p. 23) o campo de pesquisa é o recorte que o pesquisador ou a pesquisadora faz em termos de espaço, representando a realidade empírica a ser investigada a partir de concepções teóricas que fundamentam o objeto de investigação. Mas o entendimento de campo neste trabalho não se limita ao *locus* dos sujeitos – a escola-campo –, e sim, compreende o processo da pesquisa, as aproximações com os conceitos, à reflexão acerca deles, a reconstrução sociológica/antropológica da complexidade relacional entre as teorias e as realidades, o redimensionamento dos sentidos no intuito de desocultar os enigmas, as curvas e reentrâncias destas realidades, o cotidiano da pesquisadora.

³² O texto referente a EEOM é baseado em: CALÍX (1993); também em informações verbais do Assessor Pedagógico de Cáceres – Romeu da Costa Arruda, em 16/07/2004, da Diretora da Escola Ana Leny Monteiro Prota, em 30/06/2004, e de alguns integrantes do Grêmio Estudantil da Escola, durante o estágio de campo, em junho e julho de 2004).

A escola-campo³³ é uma instituição pública estadual de ensino médio que participou de um programa do governo federal de reforma deste nível de ensino, denominado *Escola Jovem*. É também a maior escola pública do município, localizada no centro da cidade, além de ser a instituição de trabalho da pesquisadora, de onde está afastada para qualificação profissional.

Foi criada pela Lei Estadual nº 46 de 22/10/47 e solenemente instalada em 1º de abril de 1948. Batizada com a data de aniversário do Capitão Cândido Nunes da Silva que não desejava ser homenageado de maneira explícita. O referido capitão do exército foi um dos criadores, organizadores e componentes da tríplice diretoria do Ginásio 11 de Março, fundado em 1944, instituição esta de que, mais tarde, derivaria o Colégio Onze de Março e, mais tarde ainda, a Escola Estadual Onze de Março.

Atualmente, a Escola mantém três turnos de estudo (matutino, vespertino e noturno), atendendo exclusivamente o Ensino Médio. São mil quatrocentos e um (1401) alunos e alunas distribuídos em trinta e seis turmas (dezesesseis salas de aula no período matutino, dez no vespertino e dez no noturno)³⁴. O quadro de pessoal é formado por uma diretora, três coordenadoras pedagógicas, quarenta e três professores e vinte funcionários, além de um Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar – CDCE – composto por representantes docente, discente, funcionários, pais e a diretora. Há uma biblioteca que funciona num esquema de rodízio de voluntários visto que no quadro funcional, o Estado não contempla com profissional habilitado ou específico para a função. O laboratório de informática, instalado plenamente em 2003, tem coordenação própria. A partir do ano letivo de 2004

³³ A denominação de “escola-campo” neste registro se dá por ser o local de estudo dos sujeitos da pesquisa, daí a contextualização, mas o estudo não se refere à escola.

³⁴ Dados referentes ao ano letivo de 2004.

optou-se, pedagogicamente, por salas-ambientes³⁵. Há uma cantina/lanchonete terceirizada pelo CDCE. Em 2002, quando da reforma geral acontecida na EEOM, foi construída uma quadra poli-esportiva coberta substituindo a antiga quadra de esportes. O pátio da escola é amplo e coberto³⁶, tendo também um espaço lateral aberto, além do estacionamento para veículos e bicicletas.

O grêmio estudantil da escola foi reativado no final do ano letivo de 2003 após lançamento de uma política pública da Secretaria de Estado de Educação – SEDUC – de organizar os estudantes da rede pública estadual. A atual diretoria foi eleita e atua dentro das possibilidades de um grupo de doze alunas e alunos de turnos diversos, alguns trabalhadores e sem uma estrutura/experiência com a função. Desenvolve atividades na escola e fora dela. Organiza festas e outras promoções para arrecadação de fundos³⁷ para desenvolver campanhas e projetos³⁸, a maioria deles em fase embrionária, necessitando da aprovação do CDCE e de voluntários³⁹ para execução.

Desenvolvem-se projetos em parceria entre Grêmio Estudantil e CDCE, tais como: i) durante o intervalo do turno de aulas, semanalmente, mantém-se um programa chamado “Recreio Socializado” em que bandas musicais, grupos de teatro

³⁵ Salas-ambientes são salas específicas para as disciplinas e na idéia original deveriam concentrar materiais pedagógicos específicos da referida disciplina. Os professores da mesma disciplina em turnos diferentes usam a mesma sala.

³⁶ Toda a cobertura da escola é feita de material inadequado ao clima da região, pois concentra calor. A alta temperatura do ambiente torna a permanência na escola desconfortável.

³⁷ O Grêmio Estudantil é uma instituição sem financiamento da escola ou secretaria de educação.

³⁸ Campanha e projetos citados pelos componentes da diretoria do grêmio i) mostra cultural com feira de ciência e concurso; ii) curso de inglês; iii) oficinas de integração: bordado, reciclagem e outras; iv) aula de capoeira, música, dança e judô; v) monitores para os alunos/as (aula de reforço); vi) melhoramento da Biblioteca (limpeza, atendimento e acervo); vii) limpeza do laboratório de biologia; viii) campeonato de redação e poesia; ix) campanhas solidárias (arrecadação de alimentos); x) olimpíadas inter-classes na época da Olimpíada/2004.

³⁹ É política do Grêmio Estudantil organizar as oficinas e aulas com pessoas da comunidade que se voluntariam para o trabalho mas existe a consciência sobre as deficiências operacionais do Estado em relação ao número de trabalhadores para atuarem na escola, principalmente na biblioteca e na limpeza bem como a disponibilização de recursos financeiros e carga horária docente para atuar com projetos.

e dança, declamadores (da comunidade escolar ou não) apresentam-se no palco central do pátio ou há discussão/manifesto sobre temas emergentes neste mesmo horário; ii) a Festa “Garota e Garoto CEOM”⁴⁰; iii) o “Festival Jovem” com apresentação dos talentos artísticos da escola.

A escola mantém parceria com a Prefeitura Municipal no “Programa Primeiro Emprego”, em que faz a triagem dos alunos e alunas para o trabalho e o acompanhamento junto a Assistente Social do município.

O CDCE apóia projetos de dança, música, capoeira, *hip hop* e teatro através da coordenação de voluntários, que desenvolvem as oficinas no espaço e infra-estrutura da escola, com alunas e alunos que se interessam pelas atividades.

Um professor de Educação Física da Escola organiza eventualmente treinamento de equipes de diversas modalidades esportivas para participar de competições estudantis e jogos abertos do município, representando a escola.

Objetivando a criação e cultivo de valores, um professor de Filosofia/Sociologia desenvolve, nas tardes de sábado, projeto de práticas esportivas na quadra da escola, para alunas e alunos da escola, que aderem a ele e, embora sem a obrigatoriedade nem o compromisso de participar assiduamente, é regular o comparecimento semanal.

A escola é bastante procurada no município para atender a demanda do ensino médio, principalmente no turno matutino, contudo no vespertino e noturno haveria possibilidade de oferecer mais turmas se houvesse interesse da comunidade, pois nestes períodos há salas de aula ociosas.

⁴⁰ CEOM é como a escola é conhecida na cidade, provém da antiga denominação “Colégio Estadual Onze de Março”.

1.3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Quando trato de Culturas Juvenis, expresso os sujeitos da pesquisa que são alunos e alunas de duas turmas de 2º ano da Escola Estadual Onze de Março em Cáceres/MT – instituição de ensino médio da educação formal.

O recorte geracional se dá no curso de vida em que essas pessoas estão passando por “transformações [de ordem] sócio-econômicas, atitudes, comportamentos e valores” (PAIS, 1993, p.10) e especificamente duas turmas de 2º ano (uma turma do período matutino e a outra do vespertino), pois estes jovens estão no emaranhado das mudanças, inclusive, as ritualísticas dentro do processo de escolarização, nos ritos de passagem do ensino fundamental para o vestibular/trabalho, mesmo sem a certeza do emprego para si.

Assim, neste trabalho, jovens, juventudes e sujeitos são denominações empregadas para referir a esta população específica que deu voz aos dados da pesquisa e ao mesmo tempo para referir genericamente aos jovens/juventudes. Ainda que pareça paradoxal expressar assim, para além do que o conceito e as representações acerca dos jovens conferem, é uma tentativa de me fazer compreender pelo contexto da escrita.

A caracterização dos sujeitos desta pesquisa foi elaborada a partir das respostas ao questionário (Anexo II), com três focos de interesse, ou seja, i) dados pessoais, ii) dados familiares e iii) de acesso à veículos/produtos midiáticos. O questionário foi formulado com questões fechadas e abertas, e espaços para livre manifestação.

Participaram do evento-campo 1⁴¹, na aplicação deste instrumento, quarenta e cinco jovens⁴², sendo vinte e cinco do sexo feminino e vinte do sexo masculino⁴³, alunas e alunos dos períodos matutino e vespertino de segundo ano do ensino médio na Escola Estadual “Onze de Março”.

A idade variou de quinze a vinte e um anos, sendo que a maioria (27) tem dezesseis anos, o que demonstra neste caso o emparelhamento idade/série no processo de escolarização.

A grande maioria nasceu em Cáceres (37) e ali vive desde o nascimento, sem ter viajado para além dos municípios da Grande Cáceres⁴⁴. Quem veio de outros lugares [municípios vizinhos (06), São Paulo (01) e Mato Grosso do Sul (01)] está em Cáceres entre cinco meses e dezesseis anos.

Quanto ao estado civil, duas alunas são casadas e os demais participantes são solteiras e solteiros. As duas alunas casadas têm filhos, uma aluna solteira e um aluno solteiro também tem filho (s).

Quanto à religião, a maioria professa credos, sendo trinta e um católicos, dez do evangelho pentecostal e um espírita. Três não apontaram uma religião.

Quanto à identidade étnico-racial⁴⁵, a questão estava em aberto e, conforme Guimarães (2003, p.13) “sempre que possível, (...) [deve-se] deixar a

⁴¹ Ver descrição deste evento-campo no tópico 1.2 deste mesmo Capítulo.

⁴² Não pretendo fazer generalizações a partir dos dados e achados que estes 45 jovens possibilitaram no universo de quase 22 milhões de jovens brasileiros ainda que em vários aspectos fosse possível conforme apontam outras pesquisas citadas neste trabalho: *A voz dos Adolescentes, Relatório da situação da Adolescência Brasileira, Remoto Controle, Perfil da Juventude Brasileira*.

⁴³ Ainda que os dois gêneros masculino e feminino participem desta pesquisa o tratamento posterior dos dados, em suas análises, não consideraram as diferenças embora as reconheça e os próprios dados mostram que há diferenças limitadas também pelos aspectos sócio-econômicos.

⁴⁴ A região da Grande Cáceres é denominação usual para a chamada “Região de Planejamento Sudoeste/Cáceres”, situa-se no extremo oeste do estado de Mato Grosso e compreende os municípios de Cáceres e os da microrregião do Jauru: Araputanga, Figueirópolis D’Oeste, Glória D’Oeste, Indiavaí, Jauru, Lambari D’Oeste, Mirassol D’Oeste, Porto Esperidião, Reserva do Cabaçal, Rio Branco, Salto do Céu e São José dos Quatro Marcos.

⁴⁵ Adotou-se o conceito *identidade étnico-racial* a partir do texto “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia” de autoria de Kabengele Munanga (s/d).

pessoa falar o que quiser e anotar, posto que não há hoje em dia consenso sobre que categorias são usadas nativamente.” Desta forma, apresenta-se abaixo o Quadro IV, com a discriminação auto-referida quanto a identidade étnico-racial atribuída pelos sujeitos, especificando as respostas femininas, masculinas e o total.

Quadro IV: distribuição dos sujeitos da pesquisa quanto à identidade étnico-racial auto-referida

Discriminação	Total	Feminino	Masculino
Pardo	02	-	02
Branco	09	05	04
Moreno/pardo	06	06	-
Moreno claro/pardo	02	01	01
Mulato	03	-	03
Negro	06	03	03
Negro/mestiço	01	-	01
Mestiça	05	03	02
Mestiça Índio/Negro	01	01	-
Brasileiro/moreno escuro	01	-	01
Brasileiro/moreno claro/pardo	03	01	02
Brasileiro/mistura	01	-	01
Sem identificação	05	04	01
Total	45	25	20

Os pais têm idades que variam entre trinta e cinco e sessenta e oito anos, sendo que a maioria situa-se na faixa dos quarenta anos. As profissões variam entre Assistente administrativo (02), Autônomo (05), Funcionário Público (05), Agricultor (03), Garçon (01), Professor (01), Construtor Civil (04), Motorista (04) e Militar (07). Houve ainda três indicações de “várias” atividades, quatro não souberam responder, cinco sem especificação e uma indicação de desemprego.

As mães têm idades que variam entre trinta e dois e sessenta anos, a maioria situa-se na faixa entre trinta e sete e quarenta anos. São mulheres donas-de-casa (13), domésticas (09), vendedoras (07), cozinheiras (03), funcionárias públicas (03), artesã (01) ou professoras (06). Para duas, não há especificação e uma não indica profissão.

A maioria dos sujeitos (28) mora com seus pais e irmãos, alguns (11) moram com um dos pais que são divorciados, viúvos ou solteiro. Seis (06) não identificaram seu núcleo familiar.

A metade dos sujeitos declara que trabalha no contra turno escolar, a maioria (14) destes tem responsabilidades na própria casa e outros (07) atuam como babá, ajudante de pedreiro e doméstica.

A renda familiar, especificada em salário mínimo (s.m.)⁴⁶, gira na média em torno de um a três s.m. mensais, sendo que há extremos com menos de um s.m. e de sete a nove s.m. Dois não souberam responder e dois não especificaram a renda familiar mensal.

A residência dos sujeitos distribui-se pelo município, em sua maioria na zona urbana (apenas uma pessoa moradora da zona rural). A localidade (bairro) de moradia dos sujeitos dista da escola entre um a oito quilômetros, para a maioria dos sujeitos, percorridos de bicicleta.

Alguns aspectos relativos ao acesso aos meios de comunicação de massa foram relacionados para construir um panorama das possíveis mediações. Televisão, rádio, jornal, revistas, internet, cinema e teatro foram possibilidades levantadas pelos jovens sendo que a TV tem um público cativo bem maior do que os demais meios. A quantidade de tempo que os jovens dedicam à assistência de TV é

⁴⁶ O valor do s.m. em julho de 2004, quando da aplicação do questionário, era de duzentos e sessenta reais (R\$ 260,00).

justificativa para refletir e debater a importância que ela (a TV) assume nestas vidas. Também as condições de acesso a formas alternativas de lazer (cinema, teatro, esportes e outras) que podem relativizar a presença da TV como forma privilegiada de lazer.

Dos quarenta e cinco sujeitos da pesquisa, apenas um não assiste televisão por questões religiosas, sendo que os demais dedicam à programação televisiva um tempo aproximado referido de cinco horas diárias, com extremos de uma a dez horas por dia.

Apenas uma pessoa tem acesso à televisão por assinatura, as demais somente em canais de sinal aberto. Este dado reflete que a condição financeira é determinante na organização das possibilidades de acesso ao meio. Por ordem de preferência os canais mais assistidos são: Rede Globo, Sistema Brasileiro de Televisão, Rede Bandeirantes, TV Cultura, Rede Record, Rede TV e Futura⁴⁷.

Segundo o gênero, os programas televisivos citados, também por ordem de preferência são: novelas, programas de humor/entretenimento, telejornais, filmes, programas de esporte, desenhos, programas educativos e entrevistas⁴⁸ (ver Quadro V). Os programas preferidos enquadram-se, em sua maioria, na categoria dos programas de entretenimento o que indica a TV como meio preferido/acessível para o lazer.

Assim, o dado relativo ao acesso à televisão por parte dos sujeitos desta pesquisa delinea o seguinte perfil: no que tange aos canais mais assistidos há uma preferência clara pela Rede Globo e as novelas são o estilo de programa que mais

⁴⁷ Quanto as preferências de canais assistidos, esta relação confere parcialmente com os dados apresentados na pesquisa Remoto Controle (2004) em que Globo, SBT e Record são os canais mais assistidos.

⁴⁸ O gênero de programa preferido (novela) coincide com os dados apresentados na pesquisa Remoto Controle (2004), ainda que com diferenças na ordenação das preferências, os outros estilos como os programas de humor/entretenimento; filmes; desenhos e entrevistas também se apresentam.

assistem. Este perfil é o mesmo apresentado pela pesquisa Remoto Controle (2004)⁴⁹ ainda que os dados daquela pesquisa tenham abrangido jovens numa média etária de 14,5 anos, católicos e brancos, cursando, predominantemente, as 7ª e 8ª séries do ensino fundamental e incluindo renda média e alta.

Quadro V: programas referidos, conforme gênero e ordem de preferência ⁵⁰:

1	Novelas	Malhação, Cabocla, Da cor do pecado, Senhora do Destino.
2	Programas de humor e entretenimento	Zorra Total, Caldeirão do Huck, Turma do Didi, Domingão do Faustão, Domingo Legal, Passa ou Repassa, A diarista, Casseta e Planeta Urgente, A grande família, Fama, Sítio do Pica-Pau Amarelo, Raul Gil, Fantástico, Vídeo Show, Conexão Gospel.
3	Telejornais	Jornal Nacional, Jornal da Globo, Cidade Alerta Estadual.
4	Filmes	Sessão da Tarde, Tela Quente, Sessão das Dez, Temperatura Máxima, Cine Prive.
5	Esporte	Futebol, Globo Esporte, Esporte Total.
6	Desenhos	TV Globinho, Bom dia e Cia.
7	Educativo	Vestibular Digital.

Em relação à mídia impressa, doze sujeitos responderam que têm acesso a jornais de circulação local (Correio Cacerense) e/ou estadual (A Gazeta, Diário de Cuiabá) ainda que não tenham o hábito de ler jornal, por dificuldades de acesso regular ou por questão de gosto. Vinte e um sujeitos fizeram referência de acesso a revistas, sendo que as mais citadas foram: Vida e Saúde, Isto é, Isto é Gente, Veja, Capricho, Escola, Atrevida, SuperInteressante, Tititi, Contigo, Cláudia, Caras,

⁴⁹ Remoto Controle é o relato de uma “análise quanti-qualitativa sobre dez programas dirigidos ao público jovem” mesclado com entrevistas e artigos de especialistas e dados de recepção midiática.

⁵⁰ Programação do período de aplicação deste questionário, no mês de julho de 2004.

Minhas Novelas, Toda Teen, Horóscopo e Gibis. Estas revistas, em sua maioria, constituem o segmento de revistas de entretenimento. A maioria (37) afirma costumar ler livros além das obras didáticas solicitadas nos programas das disciplinas escolares.

A rede mundial de computadores – Internet – é acessada por vinte e três dos jovens. Três acessam em casa, um na escola, cinco em escolas de informática, sete em *Cyber Cafés*, um em telefone celular e seis não especificaram.

Vinte afirmam freqüentar cinema e dois, teatro. O rádio é referido ser ouvido por vinte dos respondentes, enquanto dez dizem observar os cartazes de rua e nove, os murais, as faixas e serviços de anúncios auto-ciclo-falante.

Vários jovens, sujeitos desta pesquisa, participam nos projetos realizados na escola, principalmente dos que oferecem esporte.

Apresentadas as questões relacionadas ao problema e ao objetivo, o arcabouço do referencial teórico-metodológico, o contexto e os sujeitos desta pesquisa, encaminho para o próximo capítulo.

CAPÍTULO II

ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DAS CULTURAS JUVENIS, DO LAZER E DA MÍDIA

Este capítulo pretende desenvolver algumas aproximações e apropriações aos conceitos e temáticas desenvolvidos nesta investigação, ou seja: as Culturas Juvenis, o Lazer e a Mídia. Intitulado de “algumas reflexões”, este capítulo tece assim a narrativa de um olhar, ainda curioso, sensível aos possíveis encantos de uma reflexão provisória que possibilitará caminhos para ampliar e aprofundar elementos e elos conectivos/relacionais.

2.1 APROXIMAÇÕES COM AS CULTURAS JUVENIS

A modernidade é também o processo histórico-social de construção das juventudes como hoje as conhecemos.

Luis Antonio Groppo

A atenção voltada aos jovens tem aumentado nos últimos anos no Brasil. A academia, com seus estudos acerca dos sistemas e instituições presentes nas vidas jovens (família, escola, sistemas jurídicos e penais e etc), ou as estruturas sociais que conformam situações “problemáticas”. As instituições governamentais ou não, tem se dedicado à juventude com serviços sociais. Nos meios de comunicação de massa, televisão, rádio, mídia impressa e outros, há uma torrente de produtos específicos para o público jovem (os cadernos *teen* nos jornais, programas de auditório na televisão, telenovelas segmentadas, os programas musicais nas rádios e tevês, revistas de comportamento, moda e aconselhamento, e na internet os *sites* e *chats* específicos). Segundo Abramo (1997, p. 25) há uma divisão nos modos de tematizar os jovens nos meios de comunicação: i) no caso dos produtos diretamente dirigidos a este público, os temas são cultura, comportamento: música, moda, estilo de vida, esporte, lazer; ii) quando os jovens são assunto dirigidos aos “adultos”, no noticiário, em matérias analíticas e editoriais, os temas são aqueles relacionados aos “problemas sociais”, como violência, crime, exploração sexual, drogas, as medidas para dirimir ou combater tais problemas. Desta tematização da mídia sobre a juventude, surge a hipótese de que a mesma elabore o roteiro das práticas de lazer da maioria dos jovens.

Há uma necessidade de focar os jovens a partir dos seus próprios modos de viver e elaborar essas situações do cotidiano, considerando-os com suas experiências, percepções e formas de sociabilidade e atuação.

É importante assinalar que a cristalização histórica das idades, embora ancoradas no desenvolvimento bio-psíquico dos indivíduos, não é fenômeno puramente natural, mas social e histórico, portanto, datada (PERALVA, 1997). Daí que o conceito de criança como indivíduo em desenvolvimento e com necessidades específicas surge em torno do século XVIII, enquanto o conceito de adolescência como período evolutivo se organiza no século XX, entre as duas grandes guerras (1914-1918 e 1939-1945). A especificidade da juventude foi reconhecida em outros tempos e em outras sociedades, anteriores à era medieval, e, da mesma forma como ainda acontece hoje em algumas sociedades não industrializadas, a criança assume a condição de adulto após rituais de iniciação/passagem.

Apresento, a seguir, as correntes teóricas da sociologia da juventude e daí elaboro o conceito de culturas juvenis adotada neste trabalho.

2.1.1 CORRENTES TEÓRICAS DA SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE

As diversas teorias a respeito da juventude no campo sociológico podem ser agrupadas em duas correntes teóricas principais, conforme Pais (1993, p. 37), que são utilizadas neste trabalho, como quadro de referência, por sua relevância e abrangência para este estudo: i) a corrente geracional e ii) a corrente classista.

“A *corrente geracional* toma como ponto de partida a noção de juventude, entendida no sentido de fase de vida, e enfatiza, por conseguinte, o aspecto unitário da juventude.” (PAIS, 1993, p.37). O quadro teórico desta perspectiva baseia-se nas teorias da socialização desenvolvidas pelo funcionalismo e na teoria das gerações. Desta forma, os conflitos ou descontinuidades intergeracionais são vistos como disfunções dos processos de socialização, na maioria dos casos, e estão na base de formação da juventude como uma geração social que difere da geração biológica (intervalo de tempo que abrange o número médio de anos que decorrem entre um certo ano e aquele em que nascem os filhos dos indivíduos) e da geração demográfica (simples agregado estatístico de indivíduos cujas idades se situam dentro de certos limites) (PAIS, 1993, p. 38).

A socialização contínua se dá quando, “sem grandes fricções, os jovens são socializados segundo normas e valores predominantes entre as gerações mais velhas. Nesta perspectiva, as gerações encontrar-se-iam imbricadas como as telhas de um telhado” (PAIS, 1993, p. 39), teoria esta predominante nos discursos médicos e psicológicos ao juntarem juventude à crise de puberdade e definir este “período difícil de maturação psicológica que deveria conduzir à idade adulta”. (PAIS, 1993, p 39).

As rupturas, conflitos ou crise intergeracionais se dão

quando as descontinuidades entre as gerações se traduzem numa clara tensão de confronto. Seria o caso de algumas gerações políticas formadas no curso de crises ou processos políticos de certa amplitude. Por se encontrarem num estado de disponibilidade, de aprendizagem da vida social e de alguma permeabilidade ideológica, os jovens viveriam esses processos de uma maneira muito própria, formando-se entre eles uma consciência geracional. (PAIS, 1993, p. 39 e 40).

Deste aspecto dado no imaginário social que é representativo em relação a juventude – os conflitos geracionais – , Bourdieu (1983, p. 180) aponta que “muitos conflitos de gerações são conflitos entre sistemas de aspirações constituídas em épocas diferentes. Aquilo que para a geração 1 foi uma conquista de toda uma vida, é dado imediatamente, desde o nascimento, à geração 2.”. E ainda que

Conflitos são evitados durante o tempo em que os velhos conseguem regular o tempo de ascensão dos mais novos, regular as carreiras e os cursos, controlar a rapidez da ascensão nas carreiras, frear aqueles que não sabem se frear, os ambiciosos que “queimam etapas”, que se “lançam” (de fato, na maior parte das vezes, eles não precisam frear porque os “jovens” – que podem ter cinquenta anos – interiorizam os limites, as idades modais, isto é, a idade na qual se pode “razoavelmente pretender” a uma posição, e não tem nem mesmo idéia de reivindicá-la antes da hora, antes de “chegar sua hora”). Quando o “sentido dos limites” se perde, vê-se aparecer os conflitos a respeito dos limites de idade, dos limites entre as idades, que tem como objeto de disputa a transmissão do poder e dos privilégios entre as gerações. (BOURDIEU, 1983, p. 120 e 121)

Pais (1993) aponta que os conflitos acontecem visto que os jovens requerem para si um espaço social próprio. A emancipação da família de origem, “habitualmente precedida pela obtenção de emprego (...) e formação de uma nova família” (p. 24 e 25) vê-se bloqueada pelas condições impostas e que novas relações tem que ser forçadas neste convívio forçadamente prolongado.

Para a corrente geracional, a renovação e a continuidade da sociedade dependeriam da relação entre as gerações, dialeticamente submetidas a uma ou outra forma de tensão. As experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem, por esse fato, circunstâncias semelhantes e que tem de enfrentar-se com problemas similares.

Em síntese, desta perspectiva geracional, os sinais de continuidade e descontinuidade geracional poderão se manifestar de duas formas:

por um lado, e na medida em que são alvo de processos de socialização através de jovens instituições sociais específicas, como a família ou a escola, as gerações mais jovens interiorizariam e reproduziriam na sua vivência quotidiana toda uma série de crenças, normas, valores e símbolos próprios das gerações adultas, isto é, todo um conjunto de sinais de continuidade intergeracional. Por outro lado, e na medida em que essa interiorização de sinais não é feita de uma forma nem indiscriminada nem passiva, geram-se iam fraccionamentos culturais entre as várias gerações, fraccionamentos esses que teriam a ver, entre outras razões: com a própria consistência da cultura transmitidas pelas instituições sociais dominadas pelas gerações mais velha, com os comportamentos e atitudes do 'mundo adulto' tal como são percebidos pelos jovens; e finalmente, com os próprios processos de transformação social e integração funcional das várias gerações" (PAIS, 1993, p. 42 e 43)

A questão central está na problemática da reprodução social centrada na análise das relações intergeracionais, ou seja, conservação/sedimentação ou não das formas e conteúdos das relações sociais entre gerações.

Para a *corrente classista* a reprodução social é fundamentalmente vista em termos de reprodução de classes sociais. Para esta corrente, "a transição dos jovens para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por desigualdades sociais: quer a nível da divisão sexual do trabalho quer, principalmente, a nível da condição social" (PAIS, 1993, p. 44). Esta teoria pode ajustar-se relativamente bem a economias de pleno emprego. A dificuldade que o prolongamento da escolaridade apresenta para adentrar o mundo do trabalho e a degradação material provocada pela situação de desemprego representa um motivo de inquietação para a maioria dos jovens. "O sistema educativo e a condição social dos jovens acabariam por 'determinar' que, por exemplo, os filhos de operários se tornassem operários" (p. 44). Haveria assim uma linearidade de certos determinismos nesta posição. Para a corrente classista, as culturas juvenis são sempre culturas de classe, entendidas como produto de relações antagónicas de classe. As distinções simbólicas entre os jovens (diferenças de vestuário, hábitos lingüísticos, práticas de consumo, etc) são

sempre vistas como diferenças interclassistas e raramente como diferenças intraclassistas. Os rituais dessas culturas acabariam sempre por manifestar uma capacidade de 'resistência' (às classes dominantes), ganhando e criando espaços culturais.

Não é definitivo que a fase etária da vida ou o agrupamento em classe social determine a juventude, pois não existe homogeneidade por pertencer a uma faixa etária ou classe social. Ambas não podem ser analisadas sem considerar as relações historicamente constituídas e as trajetórias construídas. Desta forma, não se concebe um enquadramento normativo.

Numa perspectiva que se diferencia das anteriores, culturas juvenis aqui parte das dimensões de resistência à classe dominante e ao determinismo social que permite a postura desviante e o funcionalismo, para

entender-se o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais (...) É admissível que alguns aspectos das culturas juvenis podem prevalecer ou não segundo os meios sociais e trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem" (PAIS, 1993, p. 54)

As culturas juvenis como resultado dos processos de socialização se amplia para a análise dos ordenamentos sociais no âmbito macrossocial (normas de geração, normas de classes sociais, etc) e no âmbito microssocial, entendendo como os indivíduos, cotidianamente, reproduzem e/ou ressignificam essas normas e ainda, criam alternativas à elas.

Segundo Bourdieu (1983, p. 112)

Os limites que são impostos para definir as juventudes podem ser considerados representações ideológicas e manipulativas num processo de construção social pois a manutenção de um estado de provisoriedade e de irresponsabilidade, como são imputados às juventudes, concedem, aos manipuladores, a permanência no poder, a detenção do patrimônio e ainda “acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar”.

Para estabelecer o entendimento nesta pesquisa de culturas juvenis, necessário se faz referenciar o conceito de cultura. Das várias vertentes conceituais, partimos do entendimento que cultura significa para além do produto das realizações humanas: expressões artísticas, bens materiais/simbólicos, línguas, crenças, modos de relação, mas as teias de significações que o ser humano constroe às suas ações.

Cultura pode ser entendida então como um

conjunto de significados compartilhados, um conjunto de símbolos específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo, uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, através dos quais a vida adquire um sentido. Esses ‘significados compartilhados’ fazem parte de um conhecimento comum, ordinário, quotidiano. (PAIS, 1993, p. 56)

As culturas juvenis então abarcam as teias de significações de uma dada parcela da população que é delimitada geracionalmente, mas como afirma Pais (1993), é no cotidiano que os múltiplos aspectos da vida social se revelam, cotidiano aqui entendido como rota de conhecimento, portanto, nestas situações cotidianas é que podemos compreender os meandros da categorização etária, e, de forma mais específica, a juventude, uma questão contemporânea, urbana, complexa e acadêmica.

As manifestações jovens se desenvolvem especialmente nas escolas através das linguagens, que em geral, são expressões que os diferenciam. O teatro, a dança, a música, o namoro, temas e termos de conversa, o Grêmio Estudantil, a

indumentária, a tatuagem, que reflete um ato de poder sobre o “próprio” corpo e conota uma perspectiva estética, uma marca de identificação, de pertença e outros elementos. Existe nas escolas um convívio intragrupal – parece fundamental possuir um grupo e este acaba por funcionar como um suporte ativo de rituais, de símbolos, de imagens e de códigos comunicativos que fazem emergir realidades de uma coexistência, nem sempre pacífica, entre estas diferentes culturas juvenis. Elas persistem no mesmo espaço, apesar de que no seu interior existam territórios altamente demarcados por grupos estilísticos ou estéticos, que têm, por sua vez, uma raiz social implícita.

A juventude foi concebida como uma categoria geracional, sendo também reconhecida social, acadêmica e até economicamente, durante a era industrial. É, portanto, uma categoria moderna que teve seu reconhecimento principalmente quando a educação formal, que é um dos principais projetos da modernidade, ficou sob o jugo e controle do Estado. As crianças e jovens, a partir desse momento, teriam o dever/direito de ficar nas escolas. A escolarização, como consequência, estabeleceu um processo de separação entre seres adultos e seres em formação. Nesse sentido, uma espécie de ordem hierárquica fundamentada nas relações entre as fases da vida foi constituída e estabelece-se nas relações intra-muros uma relação de poder, em que o adulto – ser formado – exerce a sua força em relação ao jovem – ser em formação – , reproduzindo as relações dadas na sociedade.

A juventude se tornou, desde o início do século XX, um grupo etário delimitado que vive uma fase quando o indivíduo possui menores responsabilidades, sendo tutelado pelos pais/família e/ou Estado.

A invenção e descoberta da juventude, com todos os aspectos sociais, econômicos e políticos que a constituíram, inevitavelmente produzem significados,

imagens e representações ambíguas do jovem. Não é por acaso, que, ao mesmo tempo em que o jovem é colocado às margens do poder político e abordado como um problema social ou uma ameaça a si próprio e a sociedade, estando vinculado à violência, às drogas e a uma sexualidade irresponsável, este jovem é também foco de fascinação e desejo dos adultos, e símbolo de esperança e futuro.

Os sentimentos ambivalentes diante da juventude produzem uma certa dificuldade de se considerá-la como capaz de construir ações significativas no campo social e contribuir ativamente para a solução dos problemas sociais. A visão constante no imaginário social de que o jovem ainda não alcançou uma competência crítica, social e política proporcionam inevitavelmente uma necessidade do desenvolvimento de uma pedagogia por parte dos adultos sobre estes seres em formação, com o intuito de controlá-los.

É no cotidiano que os jovens tecem seus projetos existenciais e transformam o seu lugar na realidade social. Pode-se, portanto, dizer aqui que o cotidiano é uma espécie de ateliê existencial, onde os jovens experimentam suas potencialidades criativas, criam novas formas de estar no mundo, novas formas de solidariedade e de representatividade social, podendo ser estas contrárias às normas sociais vigentes ou não. Qualquer prática do cotidiano é também iminentemente cultural daí o entendimento que os cotidianos juvenis não devem ser entendidos como cotidianos de alienação, porque são tempos/espços onde se cria/recria e comunica sentido/significado, onde há histórias que os jovens contam a respeito de si próprios e das suas vidas.

2.1.2 ENTENDIMENTO ACERCA DAS CULTURAS JUVENIS

Como vemos, as definições de juventude transitam por dois critérios principais que parecem não se conciliar – o critério etário e o critério sócio-cultural.

Podemos, segundo Groppo (2000, p. 7), definir a juventude como uma categoria social, sendo mais que uma faixa etária ou uma classe de idade – no sentido de limites etários e classe social, não na forma um grupo coeso, ao mesmo tempo, só por ser de indivíduos de uma mesma faixa etária.

Ao definir como categoria social, a juventude

torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. (GROPPO, 2000, p.7 e 8)

Trata-se, então, não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que tem importante influência nas sociedades modernas.

As culturas juvenis são, conforme Peralva (1997) inseparáveis do lento processo de constituição da modernidade, do ponto de vista do que ela implicou em termos de ação sobre os costumes e os comportamentos, ou seja, naquilo que ela teve de intrinsecamente educativo.

Assim, enquanto uma característica das culturas juvenis, as práticas de lazer se constituem em relevante aspecto para a compreensão dos cotidianos juvenis, daí que encaminho o trabalho fazendo aproximações estudos sobre o lazer.

2.2 ESTUDOS DO LAZER PARA COMPREENSÃO DA SUA IMPORTÂNCIA NAS JUVENTUDES

... Nenhum esforço excessivo da mente nem dos músculos. Sete horas e meio de trabalho leve, de modo algum exaustivo, e depois da ração de soma, os esportes e a cópula sem restrições e o cinema sensível.

Que mais poderiam pedir?

Aldous Huxley

A epígrafe, retirada de um clássico da literatura, ainda que caricaturado, parece ser uma possível leitura de uma realidade proporcionada pelo modelo societal tutelado e capitalista em que o lazer é compensatório ao trabalho. Daí que a noção de trabalho, segundo Marcassa (2003), como princípio ontológico é fundamental para a compreensão do lazer enquanto fenômeno social, visto que os fenômenos sociais derivam de certa forma de como a humanidade se relaciona mediado pelo trabalho, criando as condições para a produção e reprodução de sua própria existência.

Segundo Marx (1971, p. 50), o trabalho

como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem, – quaisquer que sejam as formas de sociedade, – é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre homem e natureza e, portanto, de manter a vida humana.

Deste modo, o trabalho figura como categoria central no universo da práxis humana, pois é dele que se originam todos os outros processos de interação entre os seres humanos, dentre os quais também o lazer. Mas para a adequada interpretação e explicação do lazer, é fundamental considerar a relação que este estabelece com a *forma* assumida pelo trabalho na sociedade concreta, isto é, sob o modo de produção capitalista. As conexões existentes entre lazer e trabalho sob a égide do capitalismo exigem de nós uma atenção especial quanto às implicações do fenômeno da alienação sobre a experiência do lazer, assim como aos desdobramentos da separação e definição dos tempos ocupados por cada uma dessas manifestações – trabalho e lazer – sobre a organização da vida cotidiana.

As expressões lazer, tempo livre, tempo de não trabalho são utilizadas, neste trabalho, como sinônimos e referem-se ao tempo em que o sujeito tem para si, livre de outras atividades (trabalho, estudo, etc), e possa usufruí-lo da forma que lhe convier ainda que os estudiosos da sociologia do lazer façam distinções teóricas acerca de cada uma delas, de alguma forma, elas se mesclam. Assim, é necessário encontrar um termo que transcenda a definição de tempo livre, tempo de não trabalho e lazer já que estes estão implicados em uma vertente que reproduz e legitima a ordem produtiva e daí a entendê-los como cultura lúdica⁵¹, que não compreende um caminho funcionalista, uma ação compensatória e utilitarista do tempo de não trabalho que justifica a existência de um tempo social fragmentado, ainda que estas expressões sejam, largamente, utilizadas neste texto.

⁵¹ Ver SILVA (2003).

A palavra lazer provém do verbo francês "*loisir*", que tem origem por sua vez, na forma infinitiva latina de "*licere*", que significa o permitido. O francês "*loisir*" dá origem à expressão inglesa "*leisure*", que se utiliza tecnicamente para significar tempo livre. (DUMAZEDIER, 1979).

Assim, ao analisar o sentido etimológico do lazer, GUZMAN⁵², detecta três tendências: para a primeira, o que caracteriza o lazer é a idéia de *permissão para atuar* – o lazer seria um conjunto de atividades nas quais predomina a ausência de restrições, de censuras, de proibições, de repressão; para a segunda, derivada do sentido etimológico do lazer, seria a *ausência de impedimentos de ordem temporal* – o lazer seria, antes de tudo, um tempo livre, sem restrições, sem ataduras, sem compromissos; já para a terceira tendência, seu sentido etimológico radicaria em uma *qualidade de ordem subjetiva* – o lazer seria constituído por uma série de atividades livremente escolhidas, atividades autônomas e agradáveis, benéficas física e psicologicamente.

Faz-se necessário também delimitar esta noção de lazer e isto será feito a partir de um olhar retrospectivo sobre uma sociologia do lazer.

2.2.1 DELIMITANDO A NOÇÃO DE LAZER

Os gregos foram os primeiros a inventar um tempo social chamado *scholé*, ou seja, um tempo em que se trabalhasse⁵³ pouco e utilizasse todo o tempo livre para dedicar-se ao culto do corpo e do espírito, ou seja, tempo ocupado por

⁵² In GOMES, 2004.

⁵³ O trabalho aqui se resumia a obrigações familiares, espirituais e políticas.

atividades ideais e nobres para o ser, por atividades livres como a contemplação teórica, a especulação filosófica e o ócio. O termo *scholé* significava, simultaneamente, lazer e educação de si mesmo isto para a sociedade de cidadãos livres e não para os escravos. Essa noção de lazer estava desvinculada da estrutura técnico-econômica que a sustentava, pois a sociedade grega não estava tecnologicamente preparada para liberar o trabalho escravo e dos imigrantes, daí que apenas os cidadãos livres poderiam usufruir deste tempo.

Ao distinguir duas dimensões na vida: a séria e a lúdica – a séria é assentada no trabalho e no dever, de forma a dignificar a pessoa que a assume, e a lúdica, assentada no prazer que é vista como sinônimo de vício, daí não desejável e não quista, nesta perspectiva o lazer é um prenúncio de vida desregrada – Santo Agostinho, no século IV d.C. já alertava para os perigos das brincadeiras infantis e Max Weber preconizava que o “trabalho justifica o ganho e toda atividade inútil à sociedade é uma atividade menor”⁵⁴.

Paul Lafargue em 1883 no seu manifesto “O direito à Preguiça” rechaça a paixão ao trabalho, pois para ele o socialismo se daria mais no tempo livre do que no trabalho. Recrimina a reivindicação do direito ao trabalho a qualquer custo, em suas palavras:

uma estranha loucura dominou as classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Essa loucura traz como conseqüência misérias individuais e sociais que há séculos torturam a triste humanidade. Essa loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda que absorve as forças vitais do indivíduo e de sua prole até o esgotamento. (...) Jeová forneceu aos seus adoradores o exemplo supremo da preguiça ideal, depois de seis dias de trabalho, repousou a eternidade. (LAFARGUE, 2003, p. 20 e 21)

⁵⁴ Conforme Dumazedier (1979, p. 25).

O lazer pode tornar-se um distintivo social quando do consumo ostentatório como mostrou Veblen, em 1899, no seu texto Teoria da Classe Ociosa. As diferentes posições no espaço social, correspondem estilos de vida, uma retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência conforme Bourdieu (1994, p. 82).

Veblen considera trabalho apenas o que as pessoas produzem com as próprias mãos, condenando todos os que atuam apenas indiretamente como os engenheiros, especuladores, sacerdotes, esportistas, militares, parasitas e governantes que desprezam o trabalho manual e não se contentam apenas em desperdiçar tempo e dinheiro, mas precisam exhibir o supérfluo. Assim, o lazer demarcaria a classe social do indivíduo reafirmando hierarquias sócio-econômicas.

Na sociedade burocrática de consumo dirigido, Lefebvre (1991, p. 95) aponta que

há duas espécies de lazer, bem distintos, “ estruturalmente” opostos: i) o lazer integrado na cotidianidade (leitura de jornais, televisão, etc) que deixa uma insatisfação radical (...) e ii) a espera da partida, a exigência de uma ruptura, a vontade de uma evasão: o mundo, as férias, o LSD, a natureza, a festa, a loucura.

Uma definição clássica acerca do Lazer é a de Joffre Dumazedier que via o tempo de lazer como produto de duas revoluções modernas; de uma revolução técnico-científica que permitiu ao trabalhador produzir mais com menor tempo de trabalho, e de uma revolução ético-estética que colocou os valores do lazer como nova referência para o cotidiano e mesmo para as instituições de base da sociedade. Ele afirma ainda que o lazer é composto de

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (1973, p. 34).

Conforme Ribeiro⁵⁵, o lazer pode ser “algo necessariamente cansativo, cheio de vícios do capital e de obrigações semelhantes ao trabalho” sendo então conceitos contraditórios, pois aquilo que é desinteressado e livre não pode ser obrigatório nem induzido, mesmo que sutilmente.

Já Mascarenhas (2003, p. 23) afirma que

no momento histórico o lazer é tomado como uma problemática social, constituindo-se enquanto objeto de estudos e intervenções de diversas instituições – estatais e privadas-, o que o situa entre os vários espaços de vivência, criação e recriação da cultura. Neste sentido, parece haver uma certa concordância de que o lazer se apresenta como lugar de experimentação valorativa em que a estética, a ética e a política articulam-se como dimensões que acabam por tornar impossível qualquer iniciativa de dissociá-lo da educação.

Deste aspecto podemos afirmar que o lazer compõe a formação humana numa dimensão integral e como Padilha (2000, p. 55) aponta, há duas perspectivas para se refletir o lazer: sobre os prismas do tempo e da atitude.

Adorno (2002) em seu texto sobre o tempo livre afirma que este exerce um fascínio sobre as pessoas. “Nem em seu trabalho, e nem em sua consciência dispõem de si mesmas com real liberdade” (p. 112). Para ele, as atividades fora do tempo de trabalho são tão sérias quanto, são momentos que compõem a integralidade da sua existência, ainda que se considere um privilegiado, pois de outra forma serviria apenas para matar o tempo e contribuir para a barbárie, pois “a rígida divisão da vida em duas metades enaltece a coisificação que entrementes

⁵⁵ In Padilha, 2000, p. 59.

subjugou quase completamente o tempo livre”. (p. 116). Sob as condições vigentes, seria inoportuno e insensato esperar/exigir das pessoas que realizem algo produtivo neste tempo livre, uma vez que “se destruiu nelas justamente a produtividade, a capacidade criativa” (p. 121). Adorno ainda afirma que “tempo livre produtivo só seria possível para pessoas emancipadas, não para aquelas que, sob a heteronomia, tornaram-se heterônomas também para si próprias”. (p. 123).

Maurício Silva (2003, p. 197) afirma que

não se pode confundir a noção antiga e medieval de ócio com o lazer moderno (...). O lazer, da forma como é concebido hoje, não é mais ócio, um tempo para o exercício da liberdade, da formação cultural e crítica e fonte de aprendizagem social para a emancipação dos sujeitos, mas um tempo funcional para o consumo permanente de mercadorias.

Daí que o conceito apresentado por Gomes (2004, p. 125) se faz pertinente.

Entendo o lazer como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.

A era industrial, com sua escala de produção, criou uma sociedade de consumo, por vezes, indiscriminado, acrítico, passivo. As tecnologias reforçam e sustentam este consumo provocando farpas nas teias sociais. As máquinas, como se previa, não superaram a forma humana de trabalho e as tecnologias sofisticadas não libertaram as pessoas, ao contrário, pode-se sugerir que presentearam a humanidade com mais algumas algemas atando esse tempo social ao mercado. O tempo de lazer é cada vez mais orientado pelas práticas e valores do universo midiático, especialmente da televisão, na formação de hábitos e modos dos

indivíduos. O Brasil, antes colonizado, hoje dependente, importa um modelo de sociedade competitiva, consumista e profundamente televisiva. Se acrescentarmos a essas características as conseqüências de uma sociedade pobre e excludente, identificaremos que apenas uma minoria vive situações culturais, de lazer e de entretenimento fora da "telinha mágica" que mantém as pessoas "anestesiadas" para que a Indústria Cultural subsista com seu propósito.

Entendo a experiência cotidiana de vida como o resultado de uma rede de relações sociais, culturais, materiais e simbólicas onde diferentes influências e fatores constituem os objetos deste conhecimento e os sujeitos. Assim, o ser humano é criador e criatura da sociedade; produto de suas próprias produções e de suas instituições o que também possibilita a reprodução e massificação de modelos ofertados pela Indústria Cultural, haja visto o caráter de "Aldeia Global" que segundo Ianni (1996, p. 16),

formou-se a comunidade mundial, concretizada com as realizações e possibilidades de comunicação, informação e fabulação abertas pela eletrônica. Sugere que estão em curso a harmonização e a homogeneização progressivas (...) além das mercadorias convencionais, sob formas antigas e atuais, empacotam-se e vendem-se as informações. Estas são fabricadas como mercadorias e comercializadas em escala mundial. As informações, os entretenimentos e as idéias são produzidas, comercializadas e consumidas como mercadorias.

Desta forma, o conhecimento se dá em uma rede, tecida com muitos fios e de diferentes tramas, mas a

utopia de emancipação individual e coletiva, nacional e mundial, parece estar sendo punida com a globalização tecnocrática, instrumental, mercantil, consumista. A mesma razão que realiza o desencantamento do mundo, de modo a emancipá-lo, aliena mais ou menos inexoravelmente todo o mundo. (IANNI, 1996, p. 22).

A mídia opera uma construção/desconstrução/reconstrução cultural que, gradativamente, substitui identidades e ideologias por estereótipos e padrões impostos, quase sempre regidos pela lógica do mercado econômico e pelas manipulações políticas, daí a necessidade de intervenção e mediação pedagógica, uma educação para a mídia.

Como bem afirmou Belloni (2001, p. 68), é preciso “exercer um olhar sempre atento e crítico... e até mesmo desligar esta máquina muito especial e ir viver a vida em vez de ficar vendo a vida passar na telinha”.

2.3 SOBRE A MÍDIA E SUAS RELAÇÕES COM O LAZER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A TV não manda ninguém fazer o que faz; antes autoriza, como espelho premonitório, que seja feito o que já é feito. Autoriza e legitima práticas de linguagem que se tornam confortáveis e indiscutíveis para a sociedade, pelo efeito da enorme circulação e da constante repetição que ela promove. A TV sintetiza o mito.

Bucci e Kehl

Mídia⁵⁶ é um termo utilizado para designar diferentes aspectos, ora conjunto de meios de comunicação de massa, veículos, recursos ou técnicas ou ainda o “conjunto de empresas (e cada uma delas) que produz e mercadoriza informação, entretenimento e publicidade” conforme Pires (2002a, p. 34). A literatura propõe ainda diferentes conceituações e classificações conforme a filiação teórica.

⁵⁶ Palavra aportuguesada do inglês Media, adotando a sua pronúncia. Origina-se do latim Media, forma plural de Medium = meio. Aplicada ao campo da comunicação social, é associada ao fenômeno de massa, sendo portanto também uma simplificação da expressão original em inglês mass media, ou meios de comunicação de massa. (conforme Pires, G. L. & Hack, C. Verbetes Mídia In: Gomes, C. L. (org.) Dicionário Crítico de Lazer. Belo Horizonte: Autêntica: 2004).

Neste trabalho, adoto a versão da vertente crítica, em que

a mídia pode ser compreendida como uma indústria – a indústria midiática – que produz, veicula e determina “mercadorias” ou bens culturais banalizados para o consumo, funcionando como o principal braço operacional da Industrial Cultural. (PIRES, G. L. & HACK, C. 2004, p. 162 e 163)

Retomando a epígrafe, Bucci e Kehl (2005) destacam na TV o que se percebe na mídia toda, a sua capacidade de criar, circular, massificar e autorizar hábitos e comportamentos. A mediação tecnológica altera as noções de tempo e espaço, assim como substitui a experiência formativa por vivências. Então, a atenção recai sobre a Cultura de Movimento – espectro de estudo da Educação Física e possibilitadora de várias práticas de lazer – que é um tema freqüente na mídia. Assim, resgato as preocupações apresentadas por Pires (2002) e Betti (1998; 2003) quanto à necessidade de formar “(tele) espectadores”, ou seja, os consumidores de mídia.

Desta perspectiva, se faz necessário aproximar dois outros conceitos da teoria crítica que ajudam, em certa medida, refletir e compreender esta realidade – Indústria Cultural e Semicultura.

2.3.1 INDÚSTRIA CULTURAL E SEMICULTURA

A indústria cultural continuamente priva seus consumidores do que continuamente lhes promete.

Theodor Adorno.

O conceito de *Indústria Cultural* foi divulgado por Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* (1985). Para eles, a indústria cultural, ao pretender a integração vertical dos seus consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas, determina o próprio consumo. Preocupada com as pessoas apenas enquanto consumidoras, a indústria cultural reduz a humanidade, em seu conjunto, assim como cada um dos seus elementos, às condições que representam seus interesses. Traz nela todos os elementos característicos do mundo moderno e nele exerce um papel específico, o de portadora da ideologia dominante, que dá sentido a todo o sistema.

O conceito indústria cultural é apropriado para identificar a mercantilização da cultura, a gestação de uma sociedade de consumo, que revela a perda de autonomia na produção cultural por parte da audiência dos meios de comunicação e funciona a partir de uma promessa que nunca será cumprida. A pobreza da experiência a partir da apropriação tecnológica colabora com a necessidade da integração, da identificação com o existente. O excesso de informação e carência/ausência de esclarecimento – uma disfunção narcotizante – estimula a perpetuação/continuidade de seres não emancipados. Transformam repetição em reconhecimento e reconhecimento em aceitação.

A indústria cultural oferece o produto cultural integrado à lógica do mercado. Filmes, rádio e revistas constituem um sistema. “Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 113). A unidade visível de macrocosmo e de microcosmo mostra aos seres humanos o esquema de sua civilização: a falsa identidade do universal e do particular. Filme e rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade, cujo nome real é negócio, serve-lhes de ideologia.

Adorno e Horkheimer defenderam que a racionalidade técnica é a racionalidade do próprio domínio, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena, importa que o meio possibilite alcançar o fim, não se este é bom ou mau.

A dependência da mais potente sociedade radiofônica à indústria elétrica, ou a do cinema aos bancos define a esfera toda, cujos setores singulares, são ainda, por sua vez, co-interessados e interdependentes. Segundo os autores, a indústria cultural impõe um novo ritmo ao consumidor. Ele não tem mais escolhas porque não há nada mais a classificar que o esquematismo da produção já não tenha antecipadamente classificado. A indústria cultural molda da mesma maneira o todo e as partes. Cada um dos produtos da indústria cultural é um modelo do gigantesco mecanismo econômico que desde o começo mantém tudo sobre pressão tanto no trabalho, quanto no lazer que lhe é semelhante. Cada manifestação particular da indústria cultural reproduz às pessoas como aquilo que já foi produzido por toda a indústria cultural. Com relação ao comportamento das pessoas, eles observam que quanto mais sólidas se tornam as posições da indústria cultural, mais fortemente esta pode agir sobre as necessidades dos consumidores, produzi-las, guiá-las e discipliná-las, retirando-lhes até o divertimento, pois o lazer nada mais é do que uma revitalização das energias para o trabalho vindouro, um tempo também controlado de consumo dirigido, ou seja, uma experiência degradada, um engano.

Os autores evidenciaram que as condições modernas da produção, com o auxílio da ciência e da técnica, criaram uma nova fórmula para garantir a perpetuação da produção capitalista denominada de indústria cultural. Dessa forma, ela passa ser de fundamental importância para garantir a manutenção e sobrevivência do sistema capitalista. Adorno e Horkheimer anteviram os novos tempos com a presença da televisão. Eles diziam que a televisão tendia a uma

síntese do rádio e do cinema, retardada enquanto os interessados (os capitalistas e dirigentes da indústria do entretenimento) ainda não tinham conseguido um acordo satisfatório, mas cujas possibilidades ilimitadas prometiam intensificar a tal ponto o empobrecimento dos materiais estéticos que a identidade apenas ligeiramente mascarada de todos os produtos da indústria cultural poderia triunfar abertamente.

Dadas às características da indústria cultural, ou seja, as transformações contemporâneas, a facilidade com que os efeitos se alargaram, denotam a procedência da Teoria da Semicultura, em que a degradação da experiência se deu ao nível do cotidiano, pois, a semiformação cultural é a “contraparte subjetiva da indústria cultural” (ADORNO, 1996, p. 388).

A idéia de democratização da cultura através da mediação tecnológica e da capacidade de reproduzir tecnicamente bens simbólicos e transmiti-los em escala massiva comprometeu a experiência e constituiu-se em semicultura.

A indústria cultural – produtora e disseminadora de cultura, sobretudo e profundamente, da cultura danificada – em particular, é fator de dominação do sujeito e auxiliará de forma idiossincrática na reprodução do capitalismo tardio⁵⁷. Ao apontar esta questão, faço, brevemente, uma retrospectiva do papel da cultura. A cultura, que em tempos de ascensão da burguesia, se consolidava como elemento diferenciador e enriquecedor do espírito emancipado, torna-se, no capitalismo tardio, elemento com sentidos diferentes. Nos tempos de luta do proletariado pela tomada do poder e consolidação do socialismo, desconfiava-se que os trabalhadores estariam deformados culturalmente, ou melhor, que haveria um déficit de cultura, dificultando a tomada de consciência da situação de exploração e alienação vivida pelos trabalhadores. A cultura e sua apropriação pelos indivíduos representavam,

⁵⁷ Expressão utilizada para ressaltar o caráter imobilizador e sem perspectiva de aperfeiçoamento social do período clássico do capitalismo, tornando-se promessa não cumprida pela burguesia emergente. (PIRES, 2002a, p. 67).

então, a possibilidade de ruptura com o estado alienado em que permaneciam os trabalhadores e com a exploração em relação aos proprietários dos meios de produção.

De forma diversa, a cultura se converte em arma de luta para manter afastada qualquer possibilidade de pensamento e reflexão sobre a vida administrada. A cultura, pelos grilhões da indústria cultural, se aproxima cada vez mais do sujeito, porém, agora, não como elemento de formação, mas como item fortalecedor e incentivador da integração à sociedade administrada. A indústria cultural, ao produzir cultura única e exclusivamente para o consumo imediato, visando o lucro, a destituiu de seus fatores imanentes de autonomia, esclarecimento e experiência formativa. A indústria cultural produz cultura apenas como mercadoria, como objeto sem valor formativo, somente com valor comercial: apenas como valor de troca e não mais como valor de uso. Congela seus momentos imanentes interessantes, quebra a tensão dialética entre autonomia e heteronomia, entre espírito e matéria, entre esclarecimento e mito. Cultura transformou-se, no seio da indústria cultural, em elemento transmissor de uniformidade e passividade. Imobilizou-se como cultura do ajuste, privando as pessoas da dimensão utópica e humana. Travou e recalçou os aspectos emancipatórios contidos em seu interior. Neste ínterim, os indivíduos estão inseridos no processo de produção material da sociedade não mais como sujeitos portadores de um “déficit de cultura”, como no início do século XX, mas como portadores e consumidores de uma cultura danificada pela mercadorização banal: uma semicultura, uma cultura reificada que não mais confere ao ser humano uma dimensão formativa, uma formação cultural plena, uma educação para a sensibilidade e reflexão, mas uma adaptação complacente ao real, uma não-reflexão sobre ele, uma semi-formação, uma semi-educação.

Então a educação e a cultura, que se imaginava como instrumentos para remover/corriger o déficit cultural dos sujeitos, passam a ter outra função: a de entregar o sujeito à sua própria exploração. A cultura agora tem o poder de integrar o ser humano a uma realidade desprovida de dignidade. Ela deixa de ser um instrumento revolucionário, de libertação, de correção da deformação e passa a ser elemento de regressão, de sofrimento, de integração à barbárie, de entretenimento perverso, de não-reflexão: a semicultura.

Neste contexto, torna-se primordial refletir as culturas juvenis no interior de uma sociedade em que existe essa figura poderosa da cultura danificada, ou seja, a voz ensurdecidora da indústria cultural com suas imagens sedutoras, que dirige as pessoas manipulando as suas necessidades, invertendo a subjetividade de modo perverso, mudando os indivíduos de tal modo que eles se conciliem sempre à sociedade, se integrem a ela, esquecendo todo o restante. É preciso pensar o indivíduo numa sociedade em que as condições subjetivas são invertidas e afastadas de suas possibilidades de esclarecimento. Inversão esta que passa a dirigir a humanidade rumo a um “progresso” que nos põe à mesa o indigesto prato da regressão. Parece que as condições do capitalismo tardio (cultura reificada, formação cultural danificada, não-reflexão, pragmatismo) reforçam a possibilidade de existência de uma relação empobrecida e de uma não-tensão entre esclarecimento e práxis pedagógica.

Contudo, os meios de comunicação exercem papel fundamental na permanência, continuação e expansão da indústria cultural. A mediação das tecnologias interfere, artificialmente, na escala das necessidades humanas, influi na construção do imaginário, compõem sugestivamente um conjunto de necessidades e permite a expressão de opinião sobre realidades distantes. Dentre estes meios,

principalmente pela condição de acesso, destaco a televisão. Para a juventude, expor-se e submeter-se a este meio sem uma crítica exaustiva é aceitar o turbilhão medíocre que assola a sociedade de consumo. O maior fluxo de informações e de acesso aos meios não implicou e não implica que os indivíduos se coloquem na condição de mais esclarecidos ou que exerçam suas capacidades com autonomia visto também o fator do agendamento⁵⁸, as pessoas sabem ou ignoram, realçam ou negligenciam elementos específicos dos cenários públicos conforme os *meios* circulam as informações.

O culto à cultura do aparente, transitório e espetacular transforma uma sala de aula obsoleta, ultrapassada. Em linguagem que não produz sentido e nem significados. Não quero insinuar a substituição e nem ao menos imitação da televisão pelos professores em sala, mas a sua tematização, sobretudo na formação, desenvolvendo aptidões críticas, aprendendo/ensinando o espectador a ver televisão, sem ser iludido, ou seja, sem se subordinar a ela como ideologia. Uma questão educacional se evidencia: a formação do sujeito diante de processos despersonalizados de comunicação. A subjetividade se forja no contexto das relações reificadas de produção, mais uma vez, há necessidade da mediação humana, crítica para além da mediação técnica no sentido de possibilitar a construção de estruturas de resistência. Não se deve dirigir um olhar na perspectiva de confronto, mas procurar estreitar as relações e convivência com a televisão. Para Adorno (1995, p. 76), a formação tem um duplo significado em face da televisão: i) é

⁵⁸ Conceito exposto pela primeira vez por McCombs e Shaw em 1972 “a capacidade dos *media* em influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública confirma o seu importante papel na figuração da nossa realidade social, isto é, de um pseudo-ambiente, fabricado e montado quase completamente a partir dos *mass media*” (In. TRAQUINA, 2000, p. 14) e que “em consequência da acção dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflecte de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (SHAW In WOLF, 2001, p. 144).

possível referir-se à televisão enquanto ela se coloca diretamente a serviço da formação cultural, ou seja, enquanto por seu intermédio se objetivam fins pedagógicos; ii) existe uma espécie de função formativa ou deformativa operada pela televisão como tal em relação à consciência das pessoas. Adorno afirma que a televisão está inserida em um esquema abrangente da indústria cultural e, enquanto combinação de filme e rádio leva adiante a tendência daquela, no sentido de cercar e capturar a consciência do público por todos os lados: Preenche-se a lacuna que ainda restava para a existência privada antes da indústria cultural, enquanto esta ainda não dominava a dimensão visível em todos os seus pontos. Adorno já reconhecia algumas potencialidades na televisão.

Ainda há a revolução microeletrônica, umbilicalmente associada à expansão da indústria cultural e aos novos processamentos informacionais que romperam estruturas clássicas de tempo/espço, que tem possibilitado mudanças qualitativas na relação sujeito/objeto através da mediação técnica, que evidencia o campo da estética como basilar para a concepção ampliada de educação na sociedade industrial. Isso quer dizer que a artificialidade da comunicação mediática demarcada pelo distanciamento do momento da produção e de recepção da mensagem, sob os efeitos das linguagens dos *mass media* e das novas tecnologias, como condicionante histórico-social característico do século XX, afirmou precondições sensoriais, alterando noções de memória, experiência e vivências. (COSTA, 2002, p. 11). Daí o argumento de que os sentidos e a inteligibilidade humanos não decorrem exclusivamente da natureza, mas também do caráter histórico. Benjamin apesar de concordar com Adorno e Horkheimer, ao atribuir à cultura em geral e à obra de arte em especial uma dupla função, a de representar e consolidar a ordem existente e ao mesmo tempo criticá-la, tem um olhar diferenciado

para a massificação e democratização do consumo. Entendemos que ele já indica de uma forma mais incisiva as novas formas de percepção e comportamento que a dinâmica da indústria cultural desencadeia.

Ao curso dos grandes períodos históricos, juntamente com o modo de existência das comunidades humanas, modifica-se também o seu modo de sentir de perceber. A forma orgânica que a sensibilidade humana assume – o meio no qual ela se realiza – não depende apenas da natureza, mas também da história. Desta forma, também as manifestações de lazer, o uso do tempo de não-trabalho estão comprometidos com a lógica determinante do capital dada pela agenda da Indústria Cultural.

Com toda esta produção de sentido pela indústria cultural, o jovem é um indivíduo que, em reconhecendo sua semiformação e a ação externa em suas decisões, pode contribuir para a sua transformação e superação, a partir do processo emancipatório ainda que este seja um processo dialético entre o indivíduo e a sociedade.

CAPITULO III

LAZER E MÍDIA NAS CULTURAS JUVENIS:

uma tessitura forjada no cotidiano

Acho que lazer é assim, a gente se fala toda hora, a gente combina um monte de coisa, daí eu fico pensando: - cara quando a gente terminar o colégio, vai te que uma se separar da outra, a gente combina de morar juntas em Cuiabá, mas a gente não sabe o que vai acontecer, eu não sei se vou de verdade, se vou passar no vestibular, não sei, mas são estes os nossos planos. Daí eu fico pensando: - cara do céu! altas tardes que a gente ficou andando de bicicleta pelas ruas, sem fazer nada, falando ao telefone, combinando festas, falando de menino, como será que vai ser quando não tiver mais isto porque a gente já é tão acostumada neste cotidiano que vai ser uma mudança radical nas nossas vidas. E a gente ia um monte de vezes, até que agora já passou, mas um monte de vezes que a gente tava na biblioteca cansada de ficar [estudando] daí a gente ia para beira do rio, aí a gente não sabia que existia este lugar, a caixa d'água, - Kelly a gente achou um lugar massa, vamos trazer todo mundo aqui! Aquela árvore dentro d'água que dava pra subir e ver tudinho ... a ponte. Só que todo mundo sabia que lá era a caixa d'água ... era um tempo muito bom que eu vou sentir a maior falta. Eu to crescendo, pelo menos eu espero crescer, estou crescendo, profissionalmente e na cabeça também, mas vai fazer muita falta este tempo, vou sentir muita saudades deste tempo, do colégio, das brigas, acho que é a melhor época da nossa vida.

(excerto de entrevista da pesquisa)

Este capítulo é organizado a partir de dois eixos: i) no primeiro *Lazer e Mídia nas vozes dos jovens* exponho as falas-dados da pesquisa em categorias e funções emergidas da reflexão acerca do referencial teórico-metodológico e do universo discursivo dos jovens e ii) no segundo *Entrelaçando os fios* pretendo refletir acerca das temáticas propostas tecendo uma trama que permite expressar a relação dialética existente entre elas, tendo as leituras do referencial teórico-metodológico e os dados dos cotidianos jovens como um pano de fundo.

3.1 LAZER E MÍDIA NAS VOZES DOS JOVENS

Oh, as estranhas exigências da sociedade burguesa, que primeiro nos confunde e nos desencaminha, para depois exigir de nós mais que a própria natureza! Pobre de toda forma de cultura que destrói os meios mais eficazes da verdadeira cultura e nos indica o fim, ao invés de nos tornar felizes no caminho, propriamente!

Goethe

Os anos de Aprendizado de Wilhelm Meister, escrito nos idos de 1780.

Neste momento do trabalho apresento e desenvolvo as categorias e funções construídas a partir do universo discursivo dos sujeitos da pesquisa nas entrevistas feitas no evento-campo 2 e evento-campo3⁵⁹, agrupadas a partir das temáticas Culturas Juvenis, Lazer e Mídia, que assim foram constituídas para efeito de análise.

As categorias/funções surgiram, cada uma delas, no bojo de suas temáticas, desenvolvidas durante o processo das entrevistas e discussões com os

⁵⁹ Ver descrição do evento-campo2 e evento-campo 3 no Capítulo I deste trabalho.

jovens, visto que o roteiro das entrevistas também foi organizado na forma de temática. A dinâmica do diálogo-entrevista permitiu uma conversa fluida, com o vai-e-vem sobre a proposta geral da pesquisa e como afirmou um dos sujeitos sobre o jovem, a mídia e o lazer “tudo isto faz parte do mundo do jovem, é um todo, tudo isto faz parte do jovem.”

Nesta perspectiva, apresento os dados na forma de temática para no próximo e último tópico do capítulo, ensaiar uma análise que se pretenda integral ainda que a faça a partir de eixos aglutinadores.

3.1.1 Manifestações das culturas juvenis no cotidiano

Nesta temática três categorias são emblemáticas das representações sociais sobre os jovens⁶⁰: a idéia de fase ou etapa da vida a ser superada, o cotidiano vivido pelas juventudes e as suas perspectivas de futuro. Categorias estas que emergem também do corpus teórico acerca das culturas juvenis e conforme Pais (1993, p. 32 e 33) referem-se ao paradoxo do termo juventude, visto que pode gerar equívocos, inclusive, semânticos:

⁶⁰ Cabe esclarecer que os termos juventudes e jovens são usados neste trabalho como nominadores para a população sujeitos deste estudo e ainda como conceito que ora assume um caráter geracional e noutras vezes, classista, e por último, pode assumir uma confluência destas perspectivas (conforme PAIS, 1993).

O mesmo nome – juventude – encapsula idéias diferentes. (...). [Proponho aqui] que a juventude fosse principalmente olhada em torno de dois eixos semânticos: como *unidade* (quando referida a uma fase da vida) e como *diversidade* (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros). De facto, quando falamos de jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude quando referida a uma *fase de vida*.

Assim, podemos considerar as culturas juvenis como um entrelaçamento entre os aspectos geracionais e classistas, pois quando nos referimos as juventudes levamos em conta as “possíveis e relativas *similaridades* entre os jovens ou grupos de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais) e principalmente as *diferenças sociais* que entre eles existem” (PAIS, 2003, p. 22).

3.1.1.1 Juventude como fase/etapa: uma perspectiva geracional

Esta categoria emerge das falas dos sujeitos quando perguntados “o que é/significa ser jovem”. Ressalta e consolida, empiricamente, o conceito geracional sobre juventude, numa perspectiva que denota certa unidade e a representação social do jovem como sendo uma pessoa de pouca idade e em transição entre “ser criança e ser adulto”, conforme Pais (2003, p. 23):

um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada “fase de vida”, prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase de vida – aspectos que fariam parte de uma “cultura juvenil”, específica, portanto, de uma geração definida em termos etários.

Mais algumas características são apontadas nesta perspectiva: ser solteiro, estudante, com tempo para divertir-se e “aproveitar a vida”, num caso típico de “irresponsabilidade provisória” como afirma Bourdieu (1983, p. 114), sem as responsabilidades da vida adulta ainda que com a perspectiva de pensar e preparar-se para o futuro, numa continuidade dos valores da geração anterior, num processo de “socialização contínua, quando, sem grandes fricções, os jovens são socializados segundo normas e valores predominantes entre as gerações mais velhas”. (PAIS, 1993, p. 39).

Neste sentido, as falas que compõem esta categoria reafirmam o que Abramo (1994, p.11) escreve sobre a condição de transitoriedade da juventude, que “é entendida como uma etapa de transição, que processa a passagem de uma condição social mais recolhida e dependente a uma outra mais ampla; um período de preparação para o ingresso na vida adulta”.

Destaco algumas das falas dos jovens-sujeitos que expressam esta concepção:

Ser jovem eu acho que é uma parte da nossa vida que a gente se diverte mais. (...) é um espaço para a gente parar e pensar ... é tipo uma divisa entre ser adulto e ser criança, é onde a gente tem que tomar algumas decisões em nossa vida. (Grifo meu)

Ser jovem (...) é estar numa fase ótima da vida... é ser jovem porque depois só vem tristeza... (Grifo meu)

Ser jovem é um momento muito bom (...) na vida de cada um porque a gente acaba descobrindo vários tipos de coisas na adolescência, e aí a gente passa pela adolescência, passa pela juventude, a juventude é uma coisa muito boa porque a gente tem mais oportunidades. (Grifo meu)

A juventude é uma coisa maravilhosa, é um momento bom demais (...). (Grifo meu)

Ser jovem pra mim é não ser mais criança. (Grifo meu)

Estes excertos das falas dos jovens nutrem e reforçam a tendência geracional, pois afirmam uma etapa ou fase na vida em que se passa por ela, deixa-se de ser criança e prepara-se para a fase adulta da vida. Conforme Abramo (1994, p. 11)

a juventude é o estágio que antecipa a entrada na 'vida social plena' e que, como situação de passagem, compõem uma condição de relatividade: de direitos e deveres, de responsabilidades e independência, mais amplos do que os da criança e não tão completos quanto dos adultos.

É um tempo para aproveitar a condição de “transitoriedade” e “provisoriedade” visto que predomina a idéia de que ser jovem é uma etapa na vida que se passa despreocupadamente, livre de aborrecimentos com a provisão das condições cotidianas de subsistência. Alguns demonstram que “curtem” a vida ao seu máximo porque lhes é permitido isto neste momento da vida, porém, existe neles a preocupação com o futuro e, para isto, devem preparar-se no momento atual, conciliando toda diversão possível com o processo de escolarização⁶¹, que renderá num futuro próximo ascensão profissional, financeira e condição de formar e manter uma família. Alguns excertos das falas dos jovens destacados abaixo ilustram isso:

Jovem assim é você estar começando uma vida séria porque depois da juventude a gente passa a ser alguém responsável. (...) Começando a ter responsabilidade. Ser jovem é aprender ter responsabilidade. Isto é ser jovem. É não ser mais criança. (Grifo meu)

⁶¹ Quanto aos termos processo de escolarização e educação, refiro-me a educação escolar, não em sentido limitado aos saberes escolares ensinados nas disciplinas curriculares, mas à educação escolar ampliada, numa visão da escola como espaço social de socialização e sociabilidade, em que práticas e representações ocorrem numa perspectiva de produção e reprodução, conformidade e conflitos sociais.

Pra mim é ser uma pessoa cheia de energia para gastar. É uma pessoa (...) que está começando a aprender a ter responsabilidade, mas também é muita brincadeira. (Grifo meu)

Estudamos mais, gostamos de brincadeira, começamos uma estrutura, uma formação para a vida adulta melhor (Grifo meu)

Registro aqui o paradoxo vivido (e a tentativa de conciliação) entre a responsabilidade e a preparação para o futuro (para a próxima etapa ou fase da vida – a condição adulta –) e o momento propício para aproveitar a vida e divertir-se como elemento da condição do ser jovem.

Mesmo assim, o que prevalece nesta categoria é a sensação de que ser jovem é estar e viver um “mundo diferente”, diferente do mundo da criança e do mundo do adulto. Ser jovem é uma idade da vida para ser saudosamente lembrada, rememorada.

3.1.1.2 Questões de classe social nos cotidianos juvenis

Esta categoria também emerge das falas dos sujeitos quando perguntados o que é/significa ser jovem, sinalizando, empiricamente, o conceito classista sobre juventude, em que “a transição dos jovens para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por desigualdades sociais: quer a nível da divisão sexual do trabalho quer, principalmente, a nível da condição social” (PAIS, 1993, p. 44), numa perspectiva que denota diversidade, ou seja:

A juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc (...) o principal atributo é o de ser constituído por jovens em diferentes situações sociais. (PAIS, 2003, p. 23)

Neste sentido, os jovens expressam-se apontando a problemática social em que estão inseridos, seja no tocante ao binômio trabalho/educação (formação profissional), de classe ou diferenças quanto ao gênero.

Uma fala de um jovem reflete esta tendência pelas dificuldades de conseguir trabalho e da responsabilidade que é vinculada à escola neste processo, que tem um peso relativamente grande na possibilidade de ascensão social. Melhor grau de escolarização, neste entendimento, oportunizaria os melhores empregos, conseqüentemente, melhores salários.

Falta muita oportunidade para gente principalmente no período do emprego, assim, para o jovem é assim bem mais difícil, bem mais concorrido, então a gente tem que ta estudando muito, é bem concorrido, sempre tem uma pessoa que tem mais conteúdo então você tem que ta buscando conhecimento, tem que ta estudando, porque hoje em dia ta muito difícil um emprego, principalmente emprego, porque a oportunidade é muito pouco, muitas vezes é necessário ter currículo, grau de escolaridade então a gente tem que batalhar bastante, correr atrás.

Outra questão relevante nesta categoria é a percepção de tratamento diferenciado quanto ao gênero, no convívio familiar. Denota-se isto quanto ao cotidiano doméstico, visto que na condição de estudantes, a maioria das jovens tem responsabilidades nos afazeres domésticos enquanto a minoria dos jovens assume (ou lhes são determinadas) estas tarefas. Outro exemplo, conforme o excerto de diálogo abaixo, refere-se à liberdade quanto às práticas de lazer:

- É, mas as meninas são mais presas em casa.
- A mãe não libera a filha pra sair. Não vai em festa.
- É, às vezes, só depois dos 15 ou depois dos 18 [anos].
- Os meninos são mais liberados. (Grifos meus)

Em outros trechos da entrevista, as jovens falam sobre a necessidade de estudar, ter uma profissão, um emprego para depois assumir um casamento e família porque se assim não for não haverá possibilidade de autonomia para elas.

Eu quero terminar o ensino médio, fazer minha faculdade, trabalhar, posso até tá namorando, mas eu quero terminar minha faculdade e ter minha casinha e daí casar. Depender de marido hoje não dá certo (Grifo meu)

Minha mãe me dá muito conselho e eu vejo o que ela passa. Eu quero me estabelecer sem depender de marido (...) pretendo me formar na vida e ter uma boa condição de vida. (Grifo meu)

Os jovens também apontam a necessidade de estudar para ter uma melhor colocação no mercado de trabalho para formar uma família, mas numa perspectiva diversa das jovens. Para eles, é necessário e importante ter condições financeiras para assumir e sustentar uma família (esposa e filhos), cumprindo um papel masculino, ou melhor, atribuído ao homem numa dada sociedade.

Por vezes, os jovens não se percebem jovens enquanto uma fase/etapa da vida ou grupo etário, e sim por um conjunto de características do que é ser jovem.

Não é uma questão de idade assim, ser jovem é qualquer um, pode ser uma pessoa mais adulta, mais velha, jovem é tudo de bom, então... é felicidade... (Grifo meu)

Pessoas não são jovens na idade mas são jovens no espírito, são extrovertidas, que é uma característica da maioria dos jovens, viver diferente, agir diferente. (Grifo meu)

Ser jovem é ter vontade, ter curiosidade, é tentar descobrir as coisas. Tem até um ditado chinês que diz que o sábio amadurece e não envelhece... (Grifo meu)

Pra mim, ser jovem é fazer tudo o que você gosta: divertir, passear e não só pessoas que tem pouca idade que são jovens, pessoas idosas porque eles também podem divertir, e se divertir é jovem. É fazer o que gosta. Isto para mim é ser jovem... (Grifo meu)

Se a gente permanecer jovem para sempre estaremos descobrindo sempre novas coisas. A maioria das pessoas acha que durante a adolescência a gente começa a descobrir e ir atrás pela curiosidade mesmo. A partir do momento que passa essa idade não precisa mais descobrir, mas é um erro, porque a gente tem sempre que ir descobrindo as coisas, ir atrás. (Grifo meu)

Esses excertos das falas dos jovens expostos acima admitem e apontam contradição com outras falas que relacionam a condição do ser jovem com uma idade específica, portanto fase/etapa de vida. Todavia, poderíamos destacar que as culturas juvenis aparecem, conforme Pais (2003, p. 23)

referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar (...) quer seja de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional) ou quer das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente classista).

O ser jovem se dá no viver cotidiano, “nos modos de pensar e agir, nas suas perspectivas em relação ao futuro, nas suas representações e identidades sociais, ou seja, nos paradoxos da juventude” (Pais, 2003, p. 23). O ser jovem significa ainda pensar sobre o futuro, vivendo essas perspectivas no presente, cultivando valores e ações que garantam sua existência.

Para Pais (1993, p. 51)

As trajetórias individuais são também imprevistas, como de resto acontece com a própria vida quotidiana. O carácter súbito e imprevisto é essencial à vida. (...) sem obviamente rejeitar o facto de as vidas humanas se confrontarem com “condicionalismos sociais” e “campos de possibilidades” bem rígidos ou constringedores, em grande parte dos casos.

Na fala dos jovens:

Ser jovem pra mim é começar a pensar no nosso futuro, começa a trabalhar, a ter mais responsabilidade.

Amadurecer... não ficar na dependência das coisas, de ninguém. Eu não dependo dos meus pais para comprar roupa e calçado, eu trabalho e faço isto por mim.

Quando se trata dos aspectos relacionados ao relacionamento entre os jovens e os adultos surgem duas vertentes, conforme Pais (1993, p. 41): i) de um relacionamento problemático e conflituoso “que coloca manifesto que os jovens e não jovens se vêem mutuamente como *outros*, isto é, situados sob tectos culturais diferentes” expressando “a existência de pautas culturais incompatíveis ou, de algum modo, divergentes, ou só muito relativamente articuláveis, sob um mesmo tecto cultural” e ii) um relacionamento aproblemático, “que revela que na definição de *juvenil* prima a noção de fase intermediária, não conflituosa, entre a adolescência e o estatuto adulto” e que o que ocorre é uma integração “no tecido social compartilhado pela cultura adulta: isto é, as pautas culturais dos jovens e dos adultos seriam compatíveis e, inclusivamente, complementares”.

Esta fala de uma jovem-sujeito reforça este paradoxo:

Os adultos não dão importância para as nossas crises existenciais, para os nossos problemas, sabe? Eles costumam desmerecer e diminuir isto... mas a gente só sabe a gravidade dos problemas quando se está passando por eles, e os adultos acham que é pequeno porque eles já passaram por isto mas pra gente é grande, a gente ainda não passou e daí não sabe, a gente tem medo, muito medo, muita vontade ao mesmo tempo, é um choque muito grande, a gente não sabe o que quer e quando sabe não sabe como fazer, é uma loucura, ora a gente é adulto, ora a gente é criança, ora não é nada, é uma bagunça...

A liberdade é mais que um conceito abstrato para esses jovens, ela se traduz em algumas falas aqui expostas que vão da permissividade à responsabilidade, ao agir consciente, ainda que sob a tutela dos pais/responsáveis. A figura do adulto como cerceador da possibilidade desta liberdade também se apresenta.

É fazer o que pode e não o que quer...

Não fazer o que mandam, mas o que eu tenho vontade, o que eu quero fazer...

Eu penso muito antes de fazer porque toda causa tem uma conseqüência e daí tem que pensar muito pra não fazer besteira... eu penso muito nas pessoas que estão ao meu redor.

O jovem não é livre, porque nós somos dependentes dos nossos pais, mesmo quando não for, a gente ainda não vai ser totalmente livre porque muita coisa ainda... por exemplo se eu quiser sair vai impedir... se eu não tiver dinheiro não posso sair. Se for morar em Cuiabá, a gente não vai poder sair como aqui... lá tem violência que aqui não tem...

Consciente de pensar no futuro... para ter liberdade tem que ter responsabilidade primeiro... As pessoas não conseguem pensar direito... interpretar as coisas: liberdade com responsabilidade. Liberdade é isto, é responsabilidade...

Não tem responsabilidade na visão das pessoas, os adultos acham que todo jovem é porra louca... alguns são mesmo mas outros não... não dá para misturar tudo... mas não pode confundir liberdade com libertinagem... o que tem muita gente confunde.

3.1.1.3 Juventudes presentes, expectativas futuras

Esta categoria reúne as perspectivas para o futuro que abarca um conjunto de dois “sonhos”, ordenados segundo a importância dada pelos jovens, identificada a partir da recorrência e ênfase nas falas: i) o emprego/trabalho como

desdobramento da formação profissional (estudo) e ii) família. As prioridades foram citadas nesta ordem, provavelmente, pelo imperativo de se garantir a subsistência inclusive para possibilitar o acesso/permanência/conclusão de um curso na universidade para depois, estabelecido profissional e financeiramente, formar uma família sob sua responsabilidade e com condições de dignidade.

Numa entrevista, quando solicitado dos jovens verbalizar os seus sonhos e projetos de vida, houve grande silêncio. A princípio, reformulei a questão, mesmo assim, ainda percebi um misto de exitação e constrangimento. Será que estes jovens não sonham? Será que eles não esperam nada do e para o futuro? Estão completamente sem perspectivas? Como lembra Eduardo Galeano⁶² "todos os pecados têm redenção, menos o pecado contra a esperança". Ou os sonhos são só seus e não devem ser compartilhados com estranhos?

Neste contexto, me valho do discurso de Melucci (2001, p. 104 a 105) que discorre sobre as características das juventudes dizendo sobre

uma outra característica, repetidamente evidenciada na cultura juvenil, é a falta de projeto, a provisoriedade dos interesses, das agregações, das escolhas. Descendemos de uma cultura na qual a história se apresentava como um desenho dirigido para um fim e o presente tinha somente o valor de um ponto instrumental de passagem. A ação no presente encontrava o seu sentido apenas no que diz respeito ao resultado final perseguido e à luz dele (...). Nas sociedades pós-industriais, nas quais a mudança se torna condição cotidiana de existência, o presente assume um valor inestimável. A história, portanto, a possibilidade de mudança, não é orientada para fins últimos mas por aquilo que ocorre já hoje. A cultura juvenil exige, então, da sociedade o valor do presente como única condição de mudança; exige que aquilo que vale se afirme no aqui e no agora; reivindica o direito à provisoriedade, à reversibilidade das escolhas, à pluralidade e ao policentrismo das biografias individuais e das orientações coletivas. E, por isso, não pode desencontrar-se com as exigências do sistema que impõem previsibilidade, redução da incerteza, estandarização.

⁶² Em entrevista na mídia televisiva em 2005.

Enfim, os jovens falaram sobre os seus sonhos na perspectiva de garantir o presente e como condição de continuar existindo.

Sobre o emprego/trabalho, trago duas falas representativas de um conjunto que se caracterizou fria e secamente pela necessidade de organizar condições materiais de subsistência; desta perspectiva, avultou-se a necessidade primeira de competir no mundo do trabalho:

Se não tiver emprego, um bom salário como é que vive? E para ter um bom trabalho é preciso estudar muito.

Ter que correr atrás porque não tá fácil. Meu primo disse que emprego não tem. Então tem que fazer concurso em cima de concurso... não tá nada fácil... até conseguir passar em algum. O maior sonho é ter um emprego. (Grifo meu)

Da necessidade de garantir um bom emprego atrela-se outra perspectiva que gira em torno da formação profissional. É comum às falas almejar ascensão social via escolarização. Daí que a possibilidade de estudar em uma universidade está presente em grande parte dessas falas, numa idealização de ascensão profissional e financeira advindas da formação profissional através de um curso superior. As falas, neste sentido, são unívocas. Eis algumas delas:

Eu quero fazer ou ciência da computação ou história. Preciso pensar primeiro no meu futuro do que em mim mesmo. Acho que vou fazer computação que está na área de informática que dá dinheiro e depois história pra me satisfazer mesmo.

Formar numa faculdade e ter uma boa profissão.

Bom eu quero terminar de estudar, fazer faculdade para enfermagem, se Deus quiser eu vou passar, conseguir e talvez continuar cuidando da fazenda dos meus avós ... depois que eu me aposentar...

Destas falas, percebe-se uma questão interessante sobre a escolarização e formação profissional. O ensino médio não é visto como o fim dos estudos, ainda que seja o nível escolar obrigatório. Adentrar o universo de um curso superior não é visto como um ganho no sentido de prêmio para quem o alcançar, mas é uma perspectiva necessária para o futuro, um sonho ainda que exista consciência das dificuldades de acesso, pois nem todos conseguem. No Brasil, a educação é um direito de todos e dever do Estado ainda que as perspectivas a encaminhem para o estatuto de serviço, com o Estado se desobrigando e tornando a educação em produto para ser comercializado indistintamente.

A preocupação com o estudo parece fundamental, uma vez que também há significativa inquietação com a qualidade no processo da educação formal. A valorização da instituição escolar atravessou as falas dos sujeitos ainda que com sérias críticas ao sistema. A persistência no processo de escolarização deixou visível que existe uma representação interiorizada dos discursos políticos, familiares e dos meios de comunicação de massa que atribuem à educação a saída para a profunda crise do (des) emprego e, ainda, o grau de escolarização como um valor simbólico na obtenção de maior prestígio social. Reproduzo abaixo uma fala representativa deste sonho que diz:

Na minha concepção todos os jovens querem para si uma educação melhor, com certeza, um ensino melhor porque o que nós fazemos hoje estamos plantando para amanhã. Entendeu? Ter bons professores, é isto!

Ainda sobre a formação profissional, tanto para nível técnico quanto superior, houve uma numerosa indicação para o curso de enfermagem. Depreende-se daí que há uma perspectiva de continuar em Cáceres visto que com a instalação

do Hospital Regional de Cáceres e oferecimento de curso técnico e superior em enfermagem aliam-se possibilidade de formação com um futuro emprego.

Vários jovens, porém, têm seus sonhos baseados na carreira militar, curiosamente, pois parece algo já “fora de moda”. Talvez seja por influência do 2º Batalhão de Fronteiras e da Marinha do Brasil através da Agência Fluvial de Cáceres instalados na cidade,. Estes jovens sonham com a possibilidade de, completado o serviço militar, seguir carreira e, na impossibilidade desta, cursar o ensino superior.

Eu quero ingressar no exército e seguir carreira.

Eu quero entrar no exército (...) mas se não der certo, quero formar em algum curso feito enfermagem, medicina...

Eu? Quero ser marinheiro e se não der certo na marinha, vou tentar medicina.

O segundo dos sonhos, a formação de uma família, pareceu ser um item relevante da lista dos sonhos, as falas são brandas, românticas, com traços de nostalgia. A formação da família constitui-se num passo importante e, a preocupação primeira é reunir condições de sustento, daí que a afirmação “formar primeiro, arranjar um bom trabalho digno que ajude depois casar e construir uma família” denota a valorização do convívio familiar e da importância de ter condições dignas para formar esta família. A seguir, exponho uma fala significativa quanto à relação familiar:

Quando jovem nós fazemos bastante bagunça, namoramos também mas sonho mesmo é ter uma família, ficar quieto num canto, sair de vez em quando...

Outras perspectivas de futuro se apresentaram, ainda com grande ênfase no estudo (formação profissional) e emprego como condição para a realização dos demais sonhos:

Estudar agora, batalhar, para depois ter um emprego e poder fazer as coisas que eu quero: viajar e conhecer outros lugares. No começo é difícil (...) mas depois tem uma recompensa.

Fazer o curso [superior] é essencial, batalhar o emprego, ganhar dinheiro, fazer outras faculdades, vai do teu interesse, viver feliz com a família, formar uma família, realizar os sonhos, viajar, conhecer a Disney, outros países, outras línguas...

Ainda que arrojados, “curtidores” da vida quando jovem e sonhadores, percebe-se traços de um discurso moralista, que se expressa em críticas em relação à postura de alguns jovens, diferente das suas próprias, aos comportamentos julgados inadequados, lendo uma realidade diferente do que projetam os seus sonhos:

Bom... têm uns jovens que pretendem alcançar seus objetivos, arrumar um emprego, terminar uma faculdade, tem uns que já quer mais bagunça, badalação, não estuda, só quer saber de curtir a vida, ir aos bailes, tomar cachaça, tomar muito álcool, fumar, então depende da consciência de cada um, né? Mas assim, quem quer buscar mesmo alguma coisa, um objetivo de vida que é um trabalho, que é construir família, essa pessoa se ela quiser, consegue!

Tem alguns jovens, eu pelo menos quero estudar exercer uma profissão ser alguém na vida, e têm outros que só querem festa bagunça somente os filhinhos de papai, não se preocupam com o futuro - pô papai tem grana, só vou sair, me divertir, não tão nem aí com a vida.

Mas, para além destes sonhos e talvez sintetizando-os, os jovens “sonham em ter um futuro melhor” que lhes garanta “mais divertimento”, uma vida simples, digna e feliz. A próxima temática trata das questões ligadas às práticas culturais de lazer, visto ser esta uma das características das culturas juvenis.

3.1.2 O lazer no âmbito das culturas juvenis

O lazer não é mais a Festa ou a recompensa do labor, também não é ainda a atividade livre que exerce para si mesma. É o espetáculo generalizado: televisão, cinema, turismo.

(LEFEBVRE, 1991, p. 62)

Nesta temática principio apresentando algumas das percepções mais representativas manifestadas pelos jovens quando questionados acerca dos seus conceitos de lazer/tempo livre. Curioso é, num primeiro momento, em um grupo focal, a questão proposta foi questionada, pois o que teria de especial em saber o que eles e elas, sujeitos da pesquisa, pensavam/pensam sobre lazer/tempo livre? E qual a diferença entre um e outro? Após tentativas de “convencimento” com base na necessidade para a pesquisa acerca da representação deles, concordaram.

Os termos lazer e tempo livre trazem em si um profusão de possibilidades que os teóricos demandam em reflexões para explicar coerentemente, origens e caminhos, e as representações sociais expressadas pelos “pequenos nadas da vida quotidiana” (PAIS, 1986, p. 21), desde questionamentos acerca de quem pode usufruir o que se concebe enquanto lazer - atividades específicas em locais específicos e possivelmente com alguma forma de custos - até quem pode ter um tempo livre e condições necessárias para tal. Em si, a temática do lazer/tempo livre é complexa, pois é um dos elementos constituintes das teias e tramas sociais.

Para os jovens, lazer é...

É mais divertimento, ir pro rio no final de semana, é ter mais lugares para ir, para jogar bola. Por exemplo, aqui não pode entrar para jogar bola, ali não dá para ir... sei lá. Ir na praça.

O lazer é uma necessidade não só para os jovens, todo mundo tem que se divertir... Tem gente também que pensa assim que só porque tem uma idade assim mais avançada pensa que já passou da meia idade, acho que todo mundo tem o direito de ser feliz, de passear, curtir, ter um lazer...

É fazer o que você mais gosta, sem se preocupar com as dificuldades do dia a dia. Ir acampar, pescar...

Lazer é assim essa vida que a gente leva porque a gente não tem tanta responsabilidade, a única responsabilidade pelo menos da maioria é estudar sempre (...) e combinar uma festa no final de semana... porque é tão bom só estudar, a gente se diverte a beça.

Lazer é tipo assim, o jovem está estudando e o lazer é vir para escola falar com todo mundo, sair da escola e combinar de lanchar no Roni [lanchonete numa praça próxima a escola], como a gente sempre faz, é estar em algum lugar e falar assim vamos fazer tal coisa, conversar com as amigas, andar de bicicleta quando não tem nada para fazer. A vida do jovem, a vida da gente é assim diferente, se tá lá em casa sem fazer nada uma liga para você, já arranjou coisa pra fazer. Vamos para caixa d'água. Vamos, já tem o que fazer. Lazer é ter tempo para fazer as coisas de repente...

A maioria das percepções acerca do lazer apresentadas pelos jovens refletem os valores/funções comumente atribuídos a ele conforme Dumazedier (1979, p. 32) e Marcelino (2000, p. 13 e 14) descrevem: i) função de *descanso* que libera da fadiga; ii) função de *divertimento, recreação e entretenimento* que propiciam a saciedade da necessidade de ruptura/fuga do universo cotidiano através de atividades específicas e mudança de lugar; e iii) função de *desenvolvimento pessoal e social* que permite uma participação social maior e mais livre e que ainda possibilita novas formas de aprendizado, ainda que haja percepções que remetam ao caráter de cultura lúdica, num sentido que não privilegia a natureza daquilo que é feito, mas da maneira como é feito.

Na perspectiva de valores relacionados ao lazer a classificação, mais aceita, segundo Marcelino (2000, p. 17 a 19), é a proposta pelo sociólogo francês

Joffre Dumazedier⁶³. Desta classificação, distinguem-se seis áreas fundamentais que são os interesses artísticos, intelectuais, físicos, manuais, sociais e turísticos. Numa síntese, assim seria a classificação: i) o campo de domínio dos *interesses artísticos* é o imaginário – as imagens, emoções e sentimentos; seu conteúdo é estético e configura a busca da beleza e do encantamento. Abrangem todas as manifestações artísticas; ii) já nos *interesses intelectuais*, o que se busca é o contato com o real, as informações objetivas e explicações racionais. A ênfase é dada ao conhecimento vivido, experimentado. A participação em cursos ou a leitura são exemplos; iii) as práticas esportivas, os passeios, a pesca, a ginástica e todas as atividades onde prevalece o movimento ou o exercício físico, incluindo as diversas modalidades esportivas, constituem o campo dos *interesses físicos*; iv) o que delimita os *interesses manuais* é a capacidade de manipulação, quer para transformar objetos ou materiais - por exemplo o artesanato e o *bricolage*⁶⁴ -, quer para lidar com a natureza, como no caso da jardinagem e o cuidado com animais; v) quando se procura fundamentalmente o relacionamento, os contatos face-a-face, o convívio social, manifestam-se os *interesses sociais* no lazer. Exemplos específicos são os bailes, os bares e os cafés servindo de pontos de encontro e a freqüência a associações; e, vi) a quebra da rotina temporal e espacial, pela busca de novas paisagens, de novas pessoas e costumes é a aspiração mais presente nos *interesses turísticos*. Os passeios e as viagens constituem exemplos.

Contudo, a ação humana é complexa e não cabe limitá-la nas facetas de uma classificação mesmo porque os lazeres não são “escolhidos” rigidamente por

⁶³ A classificação proposta por Dumazedier refere-se aos cinco primeiros interesses (artísticos, intelectuais, esportivos, manuais e sociais) e segundo Melo (2004, p. 54), o último interesse (turístico) proposto pelo sociólogo brasileiro Luis Octávio de Lima Camargo.

⁶⁴ *Bricolage* é uma palavra da língua francesa que não tem correspondente na língua portuguesa, que se refere à prática de todos os ofícios e execução no lar de pequenos trabalhos ligados a esses ofícios. Conserto. Recuperação de instalações e objetos variados, sem fim lucrativos. Ver nota em Dumazedier (1979, p. 22)

um interesse específico e sim uma conjunção deles, por vezes, transgredindo quaisquer limites e possíveis imposições.

Os entendimentos de lazer, apresentados pelos jovens, apontam significativamente para o modelo de sociedade administrada na qual estamos inseridos. As práticas culturais de lazer se estabelecem como fuga do cotidiano e se apresentam como uma necessidade a ser satisfeita num determinado tempo para compensar outras facetas da vida.

A partir da interpretação das falas dos jovens, foi possível identificar três categorias principais a respeito do entendimento deles sobre um possível conceito de lazer, a saber: espaço, tempo e atitude. De certo modo, essas categorias estão relacionadas a teorias do campo dos estudos do lazer, em que se constituem em elementos que ancoram diferentes correntes ou tendências teórico-conceituais, conforme Marcellino (1987).

3.1.2.1 Os espaços de lazer na perspectiva da juventude

Compõem esta categoria os locais identificados como espaços para as práticas de lazer. Estes espaços foram agrupados em três diferentes conjuntos: i) naturais – rios, praias, serras...; ii) comerciais – lanchonetes, sorveterias, danceterias... ; e iii) relacionais – a casa de parentes e amigos, igreja, espaços públicos como a rua, a praça, a escola e os equipamentos esportivos.

O lazer quando pinçado na forma de espaços encontra um amplo território demarcado por relações econômicas e sociais. Dadas às áreas fundamentais em

campos de interesses (artísticos, intelectuais, físicos, manuais, sociais e turísticos) em que o lazer se distribui, os espaços, também lhes são correspondentes.

Quando situado em locais aqui denominados de naturais encontramos uma ampla possibilidade oferecida naturalmente na extensão do município como os rios, as praias na época da seca, as cachoeiras, a dolina, as cavernas, serras/morros, fazendas, córregos, pantanal, estação ecológica, e aquário natural - espaços turísticos. A grande variedade de locais naturais e gratuitos não corresponde igualmente às possibilidades de usufruto das populações tendo em vista que se impõem como limites econômicos dadas as dificuldades de acesso, as longas distâncias a serem percorridas, inclusive via fluvial. Há ainda a questão de autorização para adentrar, quando em propriedades privadas. Outro fator relevante neste aspecto é o desconhecimento dessas áreas por grande parte da população. As áreas naturais denominadas turísticas são desconhecidas da maioria da população local, ao mesmo tempo, são transformadas em mercadoria de consumo para turistas através das agências de viagem e secretaria municipal de turismo. Daí que as belezas naturais em Cáceres são em quantidade expressiva e estão expostas, mas parece não serem para “qualquer um”.

Impera ainda outro fator negativo para os ambientes naturais: a poluição e o descuido por parte das autoridades competentes, principalmente nos locais mais próximos, nas áreas públicas. A própria baía do rio Paraguai, no centro da cidade, que antes era uma praia convidativa à população agora recebe uma vala de esgoto. Algumas falas realçaram esta questão:

Apesar disto tudo o povo cacerense só tem o rio Paraguai que ainda por cima está contaminado com os dejetos que são jogados lá, está contaminado.

Deveriam preservar o que é nosso. Igual domingo que você não tem o que fazer, não pode tomar banho no rio porque vai pegar doença...

Espaços para lazer? Bem, antes era a mini praia, o pessoal não soube valorizar e virou um esgoto, era limpo mas...

Os ambientes denominados comerciais são constituídos pelas lanchonetes, bares, restaurantes, sorveterias, cinema, cyber café, clubes, danceterias e outros, considerados como equipamentos de lazer e, marcadamente, como espaços de consumo, que impõem claramente um impeditivo de ordem financeira, ainda que muito apreciados. Os jovens não recebem mesada e os jovens trabalhadores destinam seus salários para gastos fixos; de qualquer forma, a renda familiar não permite, constantemente, gastos desta natureza, constatação feita a partir de algumas das falas dos sujeitos abaixo reproduzidas:

Eu não ganho mesada, mas eu peço [aos pais] e às vezes ganho uns trocados.

Eu faço depósito para o meu pai e ele me dá uma quantia.

É assim, quando eu vou sair final de semana, meu pai mora em Cuiabá, fazendo curso de sargento, e ele sempre vem eu peço e ele me dá.

Depende muito da ocasião familiar, às vezes está apertado, às vezes não está, mas é muito difícil, né?

Quando tudo está tranquilo, a família não está apertada, sobra um dinheirinho, a gente vai e valoriza ele, usa no lazer.

Todo dinheiro que eu consigo é para pagar o curso que eu to fazendo no Senai, daí quando sobra um real eu vou jogar...

Meu dinheiro está todo assim, lugar definido, é dentista, é curso e outras coisas assim, aí não dá...

No caso, eu deixo mais reservado porque meu pai trabalha na Sucam, é funcionário do governo, recebe uma vez por mês só, é aquilo lá e ponto. As contas come tudo...

Mesmo nestes espaços comerciais, com uma razoável diversidade de ambientes, são apontadas falhas e limites, porque atendem um grupo restrito quanto ao gênero musical e cinematográfico, por exemplo. Os gostos⁶⁵, inclusive as possibilidades econômicas, não são contemplados nestas ofertas. Abaixo, algumas dessas falas:

Praça Barão, por que lá é tipo um point, um lugar para o pessoal se encontrar ... é um espaço que tem restaurante, lanchonete, sorveteria, cyber ... Mas tem que ter dinheiro para você ir... tem que ta abonado....

Não tem opção: no Pub é pop rock, no Casarão é pop rock, só tem isto. Não tem opção. Quem gosta de MPB fica em casa, e escuta lá, quem gosta de rock fica em casa porque na rua só tem pop rock. Não tem como diversificar, hoje eu quero isto, não, só tem a praça, amanhã vamo para a praça, e depois vamo de novo ... só isso.

Condições financeiras é que muita gente não pode. Porque agora tem cinema, tem a praça Barão, que nos domingos depois da missa as pessoas ficam por lá, enche de jovens, mas tudo é pago lá...

Cáceres deveria abrir negócios onde toda a sociedade pudesse ir. Tem muito lugar que só vai quem tem dinheiro porque tudo é cobrado. Estes clubes, por exemplo, só vai quem é sócio. Devia ter outros lugares porque muitas pessoas não vão... (Grifo meu)

Os espaços relacionais são, a princípio, os mais democráticos. São espaços de interesses sociais, em que os sujeitos se propõem a estarem juntos e a relacionarem-se. A casa dos parentes, dos amigos, a própria casa, a igreja, os grupos de interesse religiosos e folclóricos, por exemplo, e os espaços públicos, como a escola, a rua, as praças e as estruturas esportivas, tornam-se locais economicamente acessíveis e agradáveis. Conforme De Pellegrin (2004, p. 71), são

⁶⁵ Segundo Bourdieu (1983, p. 127) “para que haja ‘gostos’, é preciso que haja bens classificados, de ‘bom’ ou ‘mau’ gosto, ‘distintos’ ou ‘vulgares’, classificados e ao mesmo tempo classificantes, hierarquizados e hierarquizantes, e que haja pessoas dotadas de princípios de classificações, de gostos, que lhes permita perceber entre estes bens aqueles que lhes convém, aqueles que são ‘de mau gosto’.” Daí que para “conhecer as condições em que se produzem os produtos oferecidos e por outro as condições em que os consumidores são produzidos” (1983, p. 131) é condição necessária retomar o conceito de Indústria Cultural e a Teoria de Semicultura.

estes – “a casa, a rua e a escola - exemplos de equipamentos não-específicos de lazer”. Registro, contudo, o descontentamento referido em relação às estruturas públicas de lazer, que são numericamente poucas e, as existentes, carecem de um programa de manutenção.

Fazer uns programinhas em casa mesmo, promover uma festinha na sua casa para não ficar aquela coisa monótona, faz um churrasquinho, chama os amigos e os vizinhos, cada um ajuda com alguma coisinha, uma cota básica porque hoje em dia não dá para bancar tudo...

Outra parte que eu tiro por lazer é ir bastante à igreja, (...). A fé.

Eu também, jogava na escolinha, agora não jogo mais, mas eu gosto muito de pescar, mas agora estou num clube lá da minha igreja, aos domingos, e nós vamos assim viajar, nós viajamos muito. Os desbravadores da Igreja Adventista - tipo escoteiros. Eu gosto muito deste clube nas horas vagas, porque nos domingos a gente vai para lá e faz as reuniões tudo certinho, joga bola com os amigos da igreja na quadra do CAIC.

Eu também gosto assim nos finais de semana, sou do grupo Raízes, né? Aí nos finais de semana a gente sempre tem reunião na chácara que o coordenador do grupo tem, a gente vai no final de semana lá, vai ensaiar, tomar banho no rio porque assim pra mim, os finais de semana é bom, para o meu grupo. O grupo vai para São Félix do Araguaia no encontro das águas, acampar na praia, um dia e meio de viagem... só nós e o grupo Guató da Unemat que vai...

Eu mesmo gosto muito de jogar futebol, nos finais de semana jogo uma bola e fico em casa com a família, tenho dois sobrinhos e brinco muito com eles, é legal o meu lazer.

Eu creio que na parte de lazer hoje ... a nossa cidade não tem um ponto de lazer e de diversão. A única coisa hoje que influencia hoje para o jovem é ele se divertir, praticar esportes, ir para o rio... não temos lazer aqui fora isto.

Ao mesmo tempo em que há consenso quanto às opções em relação aos ambientes comerciais (diversidade e localização/distribuição pela cidade, ainda que não contemple os gostos pessoais e condições financeiras das populações) percebe-se uma preocupação quanto à precarização dos espaços públicos bem

como a falta de iniciativas do poder público em fomentar programas e atividades voltadas para as populações jovens (sem entrar no mérito de outras populações). Há um sensível apelo ao fomento de políticas públicas e um planejamento para o setor, visto que os equipamentos de lazer são, na maioria de caráter privado, daí inacessíveis. De Pellegrin (2004, p. 74) faz referência ao poder público quanto ao desenvolvimento de políticas públicas e espaços públicos para o lazer:

se concordarmos com Milton Santos (1987) quando diz que cada cidadão possui um 'lugar socioeconômico', que lhe dá mais ou menos possibilidades de acesso aos bens e serviços da rede urbana, fica fácil perceber que o espaço de lazer está articulado com as relações de poder, de controle e de hegemonia. A tensão entre público e privado interfere, necessariamente, no trato com o espaço urbano e, conseqüentemente, no trato com o espaço de lazer. Nesse sentido, o planejamento urbano sofre efeitos da lógica do mercado e da especulação imobiliária, como denuncia o geógrafo: as áreas ricas, as áreas fluidas, não admitem planejamento porque o mercado tem mais força que o Estado.

Neste sentido, as desigualdades produzem profundas segregações. As populações com baixo poder econômico se vêem privadas do seu direito constitucional ao lazer⁶⁶. Ainda que em alguns discursos, se apele à dimensão pacifista do lazer⁶⁷, parece incompreensível que o governo não proponha, com certa prioridade, mecanismos para ampliar os espaços e possibilidades de lazer, tornando-os acessíveis. Mesmo que o Estado não se mobilize quanto à questão, continua latente e evidente a necessidade da intervenção do poder público na organização e promoção de ambientes públicos e de programas que possam

⁶⁶ Consultar trabalho do Grupo de Pesquisa Observatório da Mídia Esportiva intitulado "Lazer, Comunidade e Universidade: registro de uma ocupação pacífica" publicado nos Anais do ENAREL 2003 em que se discutem os espaços para o lazer.

⁶⁷ A dimensão pacifista do lazer é apontada por Marcellino (2001, p. 20) quando discorre sobre as políticas públicas do lazer que são desenvolvidas orientadas para a promoção da paz social, na perspectiva de manutenção da "ordem", "instrumentalizando o lazer como fator que ajuda[...] a suportar a disciplina e as imposições obrigatórias da vida social, pela ocupação do tempo livre em atividades equilibradas socialmente aceitas e moralmente corretas".

atender essas populações. São apresentados alguns excertos de entrevistas sobre o diagnóstico feito:

Tem espaços, mas precisa estruturar melhor esses lugares.

Se não tem nem praça para as crianças brincar, quer o que? Pra todos os esportes faltam condições.

No meu bairro colocaram um parque para crianças que não durou um mês e ta tudo quebrado, porque era tudo mal feito e porcaria, agora não tem nada e ainda dão culpa nas crianças que não cuidou... agora só tem areia. Areia e poeira...

Não se tem espaços específicos para o lazer do jovem. No meu bairro tem um campo de futebol que é bom. Mais nada.

Porque espaço é muito difícil, Cáceres é muito grande, muito populosa, deveria ter mais lugares....

Tem muita gente excluída da possibilidade de usufruir de um clube ou de uma área pública de lazer porque isto não existe por aqui... tem que pagar mensalidade para usar clube e o salário das pessoas não dá para isto. Se a prefeitura construísse este clube, resolveria, teria que manter convênios, manter limpo, a prefeitura tem dinheiro, criaria empregos...

Eu penso no lado turístico, essa cidade é uma cidade turística, tem FIP, tem o rio Paraguai que é lindo ... Falta a prefeitura investir em estruturas que comportem os turistas que vem e atendam o lazer do povo daqui. Na verdade, nós somos todos turistas aqui em Cáceres, lazer que a gente tem é só uma vez por ano no festival, por isto que a cidade é turística porque todo mundo é turista aqui.

A reivindicação de espaços públicos e do olhar do governo sobre a questão não é meramente uma abordagem funcionalista do lazer⁶⁸ mas, a constatação de um direito não atendido. Esses jovens requerem os seus direitos enquanto cidadãos e cidadãs, reclamam para si a possibilidade de lazer como

⁶⁸ Conforme classificação de Marcelino (1987) sobre as abordagens funcionalistas do lazer: i) *românticas e moralistas* que situam o lazer numa perspectiva nostálgica apontando para a necessidade de manutenção de certas tradições e defendendo hábitos, crenças e valores em que a exaltação da instituição familiar tem forte presença; ii) *compensatórias* que, vendo o trabalho como tempo e espaço de alienação, acreditam no lazer como uma possibilidade de fuga individual às insatisfações e iii) *utilitaristas* que potencializam as atividades de lazer como instrumento de recuperação e manutenção da força de trabalho.

prática de liberdade, daí a cobrança de organização, implementação e manutenção de equipamentos de lazer que sejam públicos e acessíveis às populações não apenas em períodos específicos como época de eleição ou do Festival Internacional de Pesca.

Para alguns, há um lugar específico de lazer com atividades próprias, para outros, a escola, mesmo sendo uma instituição obrigatória, torna-se um espaço relacional de lazer, numa lógica subversiva ao sistema, aproximando-se de uma perspectiva de cultura lúdica.

Discutir se a escola é um espaço de lazer ou se é papel dela educar para o lazer, dependeria considerável argumentação, o que não é foco deste trabalho. Mas, lançando pistas sobre a questão, se faz necessário partir dos conceitos e formulações acerca do Lazer e da Escola. Se tomarmos a direção que indica a perspectiva da cultura lúdica, constataremos que todos os espaços e tempos são possíveis e plausíveis para o lazer, resultando daí que a escola também seja este espaço. Quanto ao papel ou aos papéis que cabe (m) à instituição escolar, é necessário considerar que ser humano se quer formar e para qual sociedade, daí cabe dizer quais 'competências' desenvolver, como por exemplo, educação para o lazer e educação para mídia.

Algumas falas dos sujeitos apontam o espaço escolar e algumas das suas atividades e disciplinas enquanto possibilidade de lazer. Seguem algumas destas falas:

Na escola a gente concentra bastante, tem momento de lazer na escola, mas tempo livre tem que aproveitar para divertir, esfriar a cabeça porque na escola a gente fica com a cabeça assim bastante concentrado no conteúdo que a professora passa e no tempo livre tem que distrair a cabeça porque ... para desconcentrar mais um pouco porque isso pode até gerar stress de vez em quando.

Eu acho assim, pra mim cada dia tem um lazer, assim, a escola, por exemplo, eu gosto muito de ficar na escola (...) é um lazer.

O diálogo abaixo também é representativo da percepção da escola enquanto espaço de lazer:

- *O recreio, as aulas de educação física, o projeto que acontece dia de sábado, aula de vídeo, aula de espanhol, ...*
- *As aulas de educação física, que a gente sempre brinca, vai pra fora, joga vôlei...*
- *Ah então filosofia também é...*
- *Acho que não, o professor é mais bravo.*
- *Mas a gente brinca nas aulas.*
- *Quando a gente faz excursão, aula de campo é lazer porque é divertido... é diferente de estar na sala fechada.*

Ainda que a perspectiva de “escola ideal” não seja concreta no cotidiano desses jovens, a leitura que fazem do que seria possível assim como ela é/está, se houvesse um rearranjo das condições e oportunidades, se manifestam nas contribuições elencadas abaixo, num tom de cobrança. Assim, eis algumas dessas falas:

A escola devia ter um espaço do tamanho do auditório, é sonhar demais... cheia de bancos, sofás, livros, obras, para você ficar como quisesse, uma sala de leitura, e devia ter um psicólogo, toda escola devia ter um psicólogo. Seria ótimo...

Em relação à escola uma coisa que eu acho errado é ter uma sala cheia de computadores e nós não termos acesso. Desde o início do ano nossa sala freqüentou uma vez só essa sala de computadores para digitar trabalho de biologia. Acho que deveriam dar mais oportunidades para nós aqui na escola. Tanto de computadores aí e a gente não tem oportunidade. Eu mesmo não sei mexer.

A internet deveria ser acessível. O laboratório de informática... Porque para ir nesta sala de computador demora um mês... é uma enrolação que só... A biblioteca fica fechada o tempo todo...

A escola se constitui, para as juventudes, num espaço amplo de possibilidades, mas o que se apresenta no cotidiano desses jovens ainda é uma lógica perversa que os mantém afastados de algumas fontes de formação, constituindo-se assim e reafirmando o caráter explícito de semiformação (ADORNO, 1996) para os filhos das classes trabalhadoras operada pelos próprios trabalhadores.

3.1.2.2 Lazer e tempos nas culturas juvenis

Esta categoria se constitui a partir da fragmentação do cotidiano em tempos para diferentes atividades, segundo Sue⁶⁹, os chamados “tempos sociais”: tempo de trabalho, tempo livre, tempo da família, tempo de educação e outros. A organização do tempo é um vetor de uma ordem social, ainda que não possam ser tomados como tempos autônomos e de importâncias diferenciadas nas diferentes sociedades.

Padilha (2000, p. 55) afirma que Bacal

parece dar um enfoque central a variável “tempo” (...) Ela denomina, “tempo necessário” ao tempo despendido para a execução das tarefas de trabalho; “tempo liberado” ao tempo de que o homem⁷⁰ dispõe após o tempo necessário e “tempo livre” como sendo uma parcela do tempo liberado pressupondo a liberdade de escolha do que fazer ou não fazer. Assim, o tempo livre compreende tanto o lazer como o ócio.

⁶⁹ In: Padilha, 2000, p. 48.

⁷⁰ Entenda-se aqui “ser humano”.

Visto que, a partir da revolução industrial o tempo passou a ser regulado pelo “tempo das máquinas” e não mais pelos “tempos da natureza”⁷¹, demarcou-se a dicotomização do tempo dispendido para o trabalho e o tempo para o lazer, efeito ainda atuante. O lazer é visto então como parte desta fragmentação do tempo em contraposição ao trabalho, daí que o lazer é restrito a determinados momentos e de formas diferentes para os jovens que não trabalham, pois, aparentemente, estes têm uma gerência maior dos seus tempos cotidianos do que os jovens trabalhadores, diferente ainda para os adultos. Ainda assim, numa sociedade urbana e moderna, a premissa de que o tempo é uma mercadoria a ser gasta, implica empregá-lo com atividades, de alguma forma, produtivas e/ou de consumo.

Antunes (2003, p. 174) aponta que

A questão do tempo (...) implica uma possibilidade de domínio sobre a vida dos indivíduos e sobre a organização social, do tempo de trabalho e da produção capitalista ao tempo da vida urbana. (...) implica um conflito sobre o uso do tempo, tanto no sentido quantitativo quanto no qualitativo, bem como das diversas prioridades na concepção da organização social: é, no fundo, uma batalha de *civilità*.

O estudo é a primeira e principal atividade dos jovens – a sua atividade produtiva, mesmo para os jovens-trabalhadores que o fazem por necessidades óbvias. Ainda assim, quando o lazer é visto pela perspectiva do tempo, no contexto dos tempos cotidianos, os sujeitos se manifestam pela possibilidade de tempos variados, desde um momento de liberdade até um momento afetivo, dedicado à família, namorado/a, amigos/as passando por um tempo de “desenvolvimento

⁷¹ Conforme Werneck (2003, p. 32), na antiguidade, o tempo era entendido como algo natural, regidos pelos movimentos da lua e do sol, do ciclo das estações, da alternância do dia e da noite. Dessa forma, antes da era moderna, a sociedade não apresentava a mesma necessidade de medir o tempo como fazemos hoje, de separar o curso da vida em frações estanques. Esta noção padronizada e artificial do tempo foi desenvolvida, segundo Elias (1998), entre os séculos XVII e XVIII, modificando radicalmente a compreensão natural do tempo até então dominante.

peçoal ou higiene mental” conforme Marcelino (2000, p. 14). Alguns destes tempos são destacados a seguir na fala dos sujeitos:

É ter tempo de ser livre...

A gente ser criança, ta lá brincando é tão bom... meu Deus eu queria voltar para a minha infância, porque não queria pensar no futuro, crescer dói. (...)

Jogar futebol, ir na casa de amigos, de semana não tem tempo (...) só no final de semana, assistir jogo. Tento aproveitar o tempo que é curto.

Eu acho que é um tempo que a gente tem que dedicar a família, ao namorado, aos amigos.

É um tempo de reflexão, pensar um pouco sobre o que você vai fazer lá na frente, o que você vai ser... o lazer é um tempo bom para pensar na vida.

É um momento de descontração, para relaxar... esfriar a cabeça... não pensar....

O lazer é um tempo que quebra a seqüência da semana.

Um lazer é um momento de aprendizagem...

Poderíamos fazer uma referência ao filme de Charles Chaplin “Tempos Modernos” quanto a lógica de produção que determina o uso do tempo, a seriação, cada um na sua função, no tempo estabelecido.

Enfatizando as diferenças de concepções para o tempo de lazer que os jovens têm em relação ao lazer dos adultos, os jovens se posicionam marcadamente assumindo uma mentalidade de leveza, e por mais que tenham obrigações, serão sempre responsabilidades menores do que as do estatuto de adulto. Seguem excertos dessas falas:

Eu acho que é isto que difere o jovem das outras pessoas, digamos assim, a gente consegue conciliar, em tudo, tem tempo para tudo, até para não fazer nada...

O lazer do jovem é diferente do adulto porque o lazer do adulto é menos feliz, digamos assim, é mais mandar. Por causa da responsabilidade. A partir do momento que você se torna adulto é isto que difere um adolescente de um adulto, às vezes, você pode ter um adulto de 18 anos e um adolescente de 20. São as responsabilidades que diferem e não a idade. Muita gente tem 16 anos mas é maduro o bastante para ser comparado a uma pessoa de 25. Então, é a responsabilidade que inicia a vida adulta, é trabalhar, se sustentar, é manter casa, é difícil isto, a gente sabe que é, começa a pensar em constituir família, tem que correr atrás, e quando a gente é adolescente a gente tem quem faz isto por nós, que são os nossos pais... o adolescente tá pouco se lixando.

A diferença grande que tem entre o adulto é que ele trabalha a semana inteirinha e daí no final de semana o lazer dele é descansar, o jovem já é ao contrário, ele sempre trabalha a semana inteira e no final de semana quer aproveitar o tempo que não está trabalhando, sair com os amigos, ir para festas... a diferença é essa.

3.1.2.3 Lazer e atitudes: significando/ressignificando o cotidiano juvenil

A atitude é uma “variável básica”, conforme Padilha (2000, p. 55) para compreendermos o lazer na vida cotidiana. Daí que esta categoria reúne as perspectivas conceituais e operacionais quanto às práticas de lazer, as atividades desenvolvidas e abarca também a dimensão das sensações em que, conforme depoimento, “se relaxa, distrai e pensa em nada...”.

Quando tratamos de atitude frente o lazer, dizemos que, marcadamente, tratamos de opções. O lazer concebido como *estilo de vida*, não num sentido “psicologizante e comportamentalista, que escamoteia compromissos sociais/públicos, transfere e individualiza responsabilidades” (PIRES, 2002c, p. 28) mas na perspectiva da cotidianidade, considerando a dialética arte de viver, ser e estar no mundo.

Ainda que tenha distinções conceituais entre ócio e lazer⁷², Marcellino⁷³ expõe ambos num mesmo campo, salientando que o que os diferencia é a opção por contemplação (ócio) ou por atividade (lazer). Conforme Padilha (2000, p. 58 e 59), “a ociosidade está num outro plano, pois não compreende a possibilidade de opção. Assim, o desemprego, por exemplo, não corresponderia a um tempo disponível mas, desocupado – não por opção -, o que sugere ociosidade. Esta não complementa nem compensa o trabalho, ela o substitui; isso é fundamental.”

Na caracterização do lazer, Dumazedier (1979) expõe a premissa de que a atividade de lazer deve ser “desinteressada”, ou seja, não pode ter fim lucrativo, utilitário ou ideológico. Segundo Padilha (2000, p. 56), “quando uma atividade está ligada a algum destes fins, ela não deve ser chamada de lazer e sim de “semilazer”⁷⁴. No contexto social atual, parece não existir atividades de lazer desvinculadas das perspectivas apontadas, não há o exercício pleno da autonomia no lazer ou outra esfera da vida, ainda que existam diferenças quanto ao acesso, consumo e os produtos consumidos entre as diferentes classes.

Parece então que não há uma perspectiva criadora e fruidora para o lazer. O entendimento do lazer enquanto tempos e atitudes de realização das necessidades do ser humano - que caracteriza uniformidade de necessidades quando estas são criadas em determinados contextos - , a insistência em atividades de lazer que se constituem, em essência, funcionalistas, absorvem o cenário, daí que Padilha (2000) questiona se o cotidiano revela a prevalência de um tempo livre funcionalista, compensatório em que as atividades de lazer propiciem apenas a

⁷² Ócio é derivado do latim *otium*, traz consigo a idéia de tranqüilidade, de repouso, de não fazer nada e Lazer, derivada do verbo *licere* que, em latim, significa ser lícito, ser permitido, poder, ter o direito ou seja, ao lazer está ligada a idéia de liberdade de fazer, mas fazer algo.

⁷³ In: Padilha, 2000.

⁷⁴ Reafirmando a expressão que Dumazedier (1979) utiliza para lazeres parciais, visto que não contém gratuidade, liberdade de escolha e etc.

“manutenção” do ser humano para nova carga de trabalho. Não existiria então espaço para um tempo livre crítico do qual pode emergir questionamentos e mudanças na sociedade? Conforme Marcellino⁷⁵, essa dimensão crítica do lazer talvez exista apenas como “um fenômeno gerado historicamente” cuja importância para a vida social moderna deve ser admitida.

Se a afirmativa de que o lazer se conforma alienado posto, que é a contrapartida do trabalho alienado, fosse única, as esperanças de uma sociedade esclarecida e autônoma ririam e o medo venceria. O lazer seria apenas uma compensação para o trabalho. Contudo, o lazer é fundamentalmente ambíguo e apresenta aspectos múltiplos e contraditórios que se avolumam no cotidiano. Dessa forma, apresenta-se uma perspectiva de resistência, que se furta a esse princípio de alienação e aponta para os chamados “lazer transgressores”⁷⁶, que na esfera da cotidianidade, oferece outras possibilidades de avanço e superação, os “consumidores críticos e românticos ou saudosistas dos lazeres de culturas mais tradicionais”⁷⁷ conforme Maurício Silva (2003, p. 193).

Dentro do campo das atitudes relacionadas ao lazer, destaca-se a importância e a crítica expressa pelos jovens ao uso de drogas. Existe uma preocupação quase normativa quanto ao seu uso que pode ser relacionada a uma função moralista do lazer. Ainda que para alguns, a emoção, aventura e liberdade sejam os motivos para os que fazem uso de substâncias ilícitas, mesmo que exista consciência quanto as possíveis conseqüências, pela condição juvenil de menor idade e liberdade, tudo é possível. Este hábito é ligado a algumas práticas

⁷⁵ In Padilha, 2000.

⁷⁶ Ver Silva, Mauricio R. (2003)

⁷⁷ Expressão cunhada por Silva (2003) sugerindo que “esses sujeitos, no ponto de vista das escolhas de lazer, caracterizam-se por rebelar-se contra os hábitos sociais convencionais, estabelecendo, portanto, uma relação entre a busca de identidade e a fuga dos ditames do poder instituído”.

competitivistas, exibicionistas ou aventureiras ao limite. Os excertos abaixo dão a dimensão desta relação entre drogas e lazer:

Tem jovem querendo se matar, usar droga... lá no aeroporto, os carinhas vão andar de moto, zoar... coisa de doido, empinando moto, querendo se matar, procurando jeito de se matar...

Tem muitas pessoas que tá entrando no mundo das drogas, e a gente tem muita outra coisa para fazer melhor que isso, melhor que bebida, melhor que droga, por exemplo, divertir, tem pessoas que usam droga, pra que usar droga? Se você usa droga você vai perder a sua juventude vai começar a roubar e a matar para ter dinheiro para comprar isso.

O lazer considerado como atitude “caracteriza uma relação entre o sujeito e a experiência vivida de forma que ela propicie satisfação; assim até o trabalho pode ser uma atividade de lazer”, conforme Padilha, (2000, p. 55), ainda que, na leitura dos jovens, “quem não trabalha tem muito mais tempo de lazer, e quem trabalha sabe que tem que ficar ali o tempo todo no trabalho e daí dá muito mais valor ao lazer... porque não pode se divertir a hora que quer”.

Nem todos os jovens elaboraram uma escala hierarquizada entre trabalho e lazer, conforme depoimentos: “os dois são importantes, se equivalem” e “acho que o trabalho e o lazer se equilibram, são iguais” ou que “o trabalho dignifica o homem... é uma questão de dignidade também ter lazer”. Outros apontaram diferenças entre ambos já que “o trabalho é para suprir as suas necessidades, e quando é prazeroso pode ser considerado como um lazer” e que “pode-se achar lazer no trabalho...”. Parece que estas afirmações são contraditórias, mas a atitude tomada diante da relação trabalho e lazer ressaltam a ambigüidade da questão. Este entendimento pode evocar várias possibilidades visto que o lazer pode se constituir na contrapartida do trabalho (daí uma necessidade a ser saciada), numa mercadoria (consumo) e/ou um estilo de vida (atitude).

Outro elemento nesta relação é destacado: a precariedade das condições de trabalho e os reflexos disto na vida cotidiana, e respectivamente, nas práticas de lazer. A dinâmica do mundo do trabalho se mostra cruel⁷⁸, senão vejamos os excertos das falas dos sujeitos:

Antigamente eles assim que tiveram a colonização do Brasil existiam escravos, e hoje não faz diferença, hoje existe escravos, hoje existe escravos do trabalho, funcionário não tem liberdade, e é a mesma coisa, continua a mesma rotina, sempre sugando os mais sem condições de renda familiar...

A diferença grande que tem entre o adulto é que ele trabalha a semana inteirinha e daí no final de semana o lazer dele é descansar o jovem já é ao contrário, ele sempre trabalha a semana inteira e no final de semana quer aproveitar o tempo que não está trabalhando, sair com os amigos, ir para festas... a diferença é essa.

Mas sabe o que acontece, eu acho que não é só essa diferença, há uma diferença muito grande, porque é uma coisa psicológica também, a gente muitas vezes trabalha aí po cara tem que trabalhar no final do mês tem pagar um monte de roupas que comprei em tal lugar, um monte de coisas que muitas vezes pode ser deixada de lado, os nossos pais não, eles trabalham e tem que pagar no final do mês as contas, fazer supermercado, telefone, energia, material escolar, farmácia então só isso cansa muito mais que a gente ...

As categorias da racionalidade instrumental – eficácia, rendimento e performance – associada a racionalidade econômica imprimem uma vigência da concepção funcionalista no lazer; ainda que este não possa ser colocado da mesma forma para todos, a sua importância é atribuída em relação aos vetores por elas apontados.

Numa dada perspectiva, que acompanha a premissa de que “tempo é dinheiro”, as atividades de lazer assumem determinadas funções⁷⁹, ou seja, i) *função educativa*, caracterizada pelo interesse próprio dirigido para a ampliação dos horizontes mentais, busca de novas experiências e de novo conhecimento; ii) *função*

⁷⁸ Significativa e contundente a reflexão produzida por Maurício Silva (2003) com a qual concordo.

⁷⁹ Conforme VAZ (2003).

de ensino, caracterizada pela assimilação ou aprendizagem das normas culturais, de ideais filosóficos ou políticos, das normas de convivência social ou de comportamentos; iii) *função integrativa*, que tem por objetivo solidificar ou integrar os grupos, principalmente os familiares, de amizade-companhia, de interesses comuns; iv) *função recreativa*, que compreende atividade relacionada com o descanso psicológico e físico; v) *função cultural*, que refere-se à compreensão e assimilação dos valores culturais ou à criação de novos; vi) *função compensadora*, seriam as atuações que, de alguma forma, nivelam as insatisfações das outras áreas da vida.

Assim, “assistir televisão, ir ao cyber, jogar bola...” são atividades preferidas por alguns dos jovens, as jovens preferem “dar uma voltinha na praça, olhar novas pessoas, fazer novos amigos (...)”⁸⁰. Contudo o rol de atividades é mais extenso, a prática de esportes, por exemplo, (jogar bola, futebol, xadrez⁸¹, ping pong, ..) foi lembrada por todos os grupos de entrevistas e a justificativa mais contundente é de que “o jovem tem muita energia e daí tem que jogar bola, correr para queimar esta energia”. Os jogos eletrônicos são também uma preferência “é verdade, agora que viciou no computador só quer ir para o cyber...”.

Atividades de socialização como festas (em casa, reunião de amigos, parentes e vizinhos ou festas ‘pagas’), sair com os amigos, ir no clube, na casa de parentes e amigos, são compromissos que perfazem a agenda de lazer social. Outras atividades como aprendizado de um instrumento musical, dormir, pescar, acampar e passear são elencadas, ainda que sem muita incidência.

⁸⁰ Ainda que algumas atividades tenham sido identificadas como de preferência dos jovens ou das jovens, as incidências sobre gênero não chegam a instituí-lo aqui como categoria.

⁸¹ O xadrez foi uma atividade ensinada na disciplina de Educação Física e que se tornou do gosto desses jovens assumindo uma constância na agenda deles.

A atitude frente ao cotidiano da vida perpassa a representação de que vida de jovem “é só curtidão... eu acho que a vida jovem é isto, só curtidão...” ainda que se apresente uma gama de elementos contraditórios e complexificadores.

A mídia, com sua extensa gama de produtos para o entretenimento, se configura como uma possibilidade presente e preferida para ocupar o tempo destinado ao lazer, sendo opções significativas aos sujeitos ouvir música, assistir TV, ler revistas e acessar mídia interativa. Desta forma, assume uma grande relevância para o cotidiano dos jovens a relação estabelecida entre a mídia e o lazer.

3.1.3 A apropriação e fruição dos meios de comunicação como estratégias de lazer dos jovens

Esta temática aborda a relação aproximada/imediata dos jovens com a mídia. As funções⁸² por elas assumidas – Informação, Entretenimento e Comportamento – são aglutinadoras do entendimento da relação dos pesquisados com os meios de comunicação de massa. Estes meios têm como sua principal atração a televisão⁸³, ocasionado pela facilidade no acesso, pois é a ela que dedicam um tempo maior (média aproximada de 5 horas diárias)⁸⁴. Contudo lança-

⁸² Neste caso, preferi denominar funções da mídia, ao invés de categorias visto que não houve possibilidade de elaborar categorias, pois as falas dos jovens trazem elementos que transitam entre as três funções apresentadas. É numa perspectiva de funcionalidade que a mídia é percebida nos cotidianos jovens, e estas funções se dão concomitantemente.

⁸³ Conforme dados da pesquisa Perfil da Juventude Brasileira (2003), a preferência dos jovens, por assistir TV de 2ª a 6ª feiras é de 91% e 87%, aos finais de semana.

⁸⁴ Conforme Remoto Controle (2004), a quantidade média de tempo diante da TV é de 4 horas para os jovens brasileiros segundo estudo publicado pelo UNICEF em 2002, com uma diferenciação segundo as regiões do país e classes econômicas.

se mão de outros meios tais como o rádio, o jornal, a revista e a internet que também compõem esse mosaico midiático ainda que com limites de acesso aos três últimos meios citados em decorrência da condição financeira familiar e estrutura imposta⁸⁵.

Então, à televisão – essa estranha janela⁸⁶ que está totalmente familiarizada nos lares – cabem vários papéis, conforme os jovens da pesquisa, por vezes e/ou simultaneamente, o de informar, entreter e ditar comportamentos.

[a TV] é uma possibilidade de lazer, você tá assistindo, curtindo um programa, de repente um programa informativo. Mas não pode ficar o tempo todo na frente da TV porque senão a conta de luz sai cara. Não dá para ficar sempre assistindo televisão.

A TV influencia no estilo de roupa. Uma roupa famosa, uma marca, nem é do gosto, mas todo mundo quer para ficar na moda. É valorizado quem anda na moda.

3.1.3.1 Informação como pressuposto da mídia

Reúnem-se nesta função dois aspectos quanto à mídia: i) seu entendimento enquanto produtora/veiculadora da informação necessária para proceder a uma leitura dos acontecimentos do cotidiano em escalas local e global, daí que, a mídia, neste sentido, se transforma num espelho que possibilita dimensionar o mundo, o que faz com que a informação assuma um caráter educativo/formativo, concomitantemente ii) a crítica que se faz aos valores que

⁸⁵ As famílias não dispõem de verba no orçamento para contrair dívida com assinatura de jornais, revistas e TV a cabo. O acesso a esses meios se dão por empréstimo ou consulta em bibliotecas públicas. O acesso à Internet se dá através dos cursos de informática ou cyber cafés ainda que haja uma solicitação expressa da necessidade de utilizar o laboratório de informática da escola.

⁸⁶ Termo atribuído a TV por Popper & Condry (1995, p. 70).

algumas cenas, programas, produções, canais midiáticos expõem ainda que esta avaliação não seja consensual.

A mídia produz e oferece informação como mosaico, aos pedaços, fragmentada e desconectada. Assim, duplamente perversa i) porque não traz a informação completa no sentido de contribuir para a formação pessoal, permitindo interpretações ambíguas e ii) porque quem acessa pode ter a impressão de que foi informado completamente o que se constitui novamente numa faceta da semiformação, conforme Adorno (1996). Dado que o discurso midiático é fragmentado enquanto técnica há necessidade de tratar pedagogicamente a recepção, pois sem a mediação esta também será fragmentada e não crítica.

A televisão é considerada como o principal canal midiático, que faz o papel de informar e atualizar as pessoas quanto aos acontecimentos nacionais e mundiais, pois conforme um jovem declarou nesta pesquisa “hoje você tem que se informar de tudo”. Num dado momento, parece que a televisão ganha um poder absoluto, só o que ela veicula é ‘verdade’⁸⁷. Algumas das falas que representam este aspecto são transcritas a seguir:

Pra mim, [a TV] é a maior fonte de informação porque quem não tem acesso a internet a TV é o meio mais fácil. [grifo meu]

[a TV] ela informa tudo o que está acontecendo no país e no mundo. [grifo meu]

⁸⁷ Numa sociedade isolada, sem toda esta parafernália midiática, a ‘notícia’ se constituiria noutra dimensão, “um grupo humano isolado, para o qual o mundo se reduz aos limites dados pela sua convivência direta, nas suas atividades cotidianas, e o resto pertence à esfera do mito” (CONH, 1973, p.9).

A TV hoje incentiva muito na educação também, tem muitas novelas e programas que eu acho não deveriam passar e não é questão de horário, diz que até as 10 horas tem certas coisas que não podem passar, mas as crianças vai até meia noite na TV, isso incentiva muito. Eu tava assistindo um vídeo esses dias e antigamente era assim o aluno entrava na escola é como se fosse uma página em branco, entendeu? Porque tudo que a professora falava ele não sabia ainda; hoje não, você vem para escola uma criança de 7 anos sabe muita coisa porque assiste TV e ouve rádio, essas notícias.... Essa geração, o pessoal da sala, está muito mais adiantada que a minha, eu tive infância, hoje em dia uma criança de 6, 7 anos tá muito mais adiantada até que eu!

Ainda assim, apresentam falas de resistência a partir do questionamento quanto ao caráter informativo da mídia, num entendimento mais complexo. Cito como exemplo a fala mais incisiva neste sentido:

A TV não informa, ela manipula a mente das pessoas, ela influencia sim, a gente é manipulado e se torna alienado, e isto é um resquício do mundo capitalista... eu sou totalmente contra o capitalismo, eu detesto, assim ... outro dia estava conversando com um amigo meu: vamo vira hippye? Não tem como, cara! Eu sou hippye, detesto o capitalismo mas daí pego uma Coke, um Marlboro, ah não tem como! O capitalismo está na nossa vida, não tem como... é terrível ... eu não to falando do capitalismo como dinheiro mas como cabeça das pessoas como ficam, elas ficam bitoladas, elas acham que você é o que você tem e isto é muito triste porque você não cuida do seu espírito, você não cuida da sua alma... então é gente de alma bem pequena, vou falar que nem Cazuza, que não muda quando é lua cheia... é muito triste ter que ver isto.

Quando tratam da crítica aos valores transmitidos via forma e conteúdo das informações, seja em propagandas ou programas veiculados, os sujeitos consideram que há um ponto de vista “tanto negativo como positivo” visto que a mídia também apresenta “propaganda mentirosa”, conforme um depoimento, e que há contradições em seu conteúdo, como exemplo, numa perspectiva da ditadura do corpo, a propaganda televisiva “fala que se tomar um negócio lá rapidinho emagrece e a pessoa compra o negócio, só gasta dinheiro e continua gorda...”; e numa perspectiva política: “um dia a Globo tá elogiando o Lula e toda terça feira o Casseta

e Planeta ta metendo o pau nele. Fala que ele ta tomado, aquelas piadas deles, os ministros super poderosos... ta assim. Apóia e ao mesmo tempo mete pau”. Estas falas apontam uma acuidade na percepção dos sujeitos telespectadores de que existe um jogo de interesses que não está completamente resolvido para eles.

A qualidade das informações da TV ainda “depende dos programas” e “conforme for usada e os programas que forem apresentados...”. Assim, qualquer gênero de programa é avaliado, por exemplo, o “Momento Esportivo⁸⁸ é um programa de esporte, é legal às vezes, mas nem sempre.” Porque se limita a um esporte, o futebol que é a paixão nacional, e não cobre a agenda esportiva no município e ainda entrevista ‘sempre’ as mesmas pessoas sobre os mesmos assuntos, desta forma não acrescenta ‘aprendizado’ para os telespectadores, que esperam do programa aprender sobre esportes variados.

Os telejornais são considerados programas que informam qualitativamente os telespectadores. Entretanto, há uma percepção de que os telejornais não prendem a atenção do público jovem, conforme o seguinte depoimento: “acho que o jovem deveria assistir mais jornais. (...) Os jovens, a maioria, não gosta de assistir [tele] jornal. [se assistissem] eles teriam mais informações.” Ainda sobre esta questão, a percepção quanto a outros programas televisivos a conclusão é de que “tem muitos programas que não ajuda também, programa de sexo assim, agora quando tá assim num programa de reportagem que nem o programa do Jô, sempre ele fala sobre sexualidade e isto ajuda, mas assim filme de sexo não”.

A crítica se estende às emissoras locais que “falam um monte de coisas que não tem nada a ver com a cidade (...), por exemplo, a televisão tem os jornais,

⁸⁸ Momento Esportivo é um programa local de esportes. Veiculado em manhãs alternadas durante a semana, com duração aproximada de trinta minutos em que o apresentador faz o papel de comentarista esportivo e entrevistador. Os entrevistados são, geralmente, atletas, dirigentes esportivos e políticos locais.

em vez de passar coisas da cidade tá brigando um com o outro” e “essas duas televisões ficam uma brigando com a outra, uma debatendo com a outra, a TV Descalvados e a TV Pantanal. Uma briga com a outra por causa de política”.⁸⁹ A programação televisiva é questionada incisivamente quanto ao seu conteúdo. Os fragmentos de diálogo transcrito abaixo revela este dado:

- a TV trás muito benefício mas também trás malefícios, né? Que passa coisas que não deve passar.
- A TV mostra muita violência, drogas, prostituição...
- Ah, mas isto é realidade...
- É realidade, mas é muito duro, é bom, mas os valores acabaram... violência contra pai... a TV mostra muito desrespeito.
- Incentivam a violência quando mostra isto.
- A TV é um meio de comunicação... Os adolescentes estão se formando, as idéias na cabeça, daí eles podem imitar o que a TV mostra, o que a TV mostra de errado. (Grifo meu)
- Na nossa cidade tem duas TV principais (Pantanal - Record e Descalvados - SBT), elas não oferecem programação diretamente aos jovens, não chamam as escolas, não fazem gincanas, poderia fazer isto, né? Nem as outras (TV Vitória Régia - Bandeirantes e TV Taiamã - Cultura), fazem isto.

Há uma percepção, fortemente evidenciada na fala dos jovens, de que a mídia, principalmente a televisão, não oferece uma programação de boa qualidade. Não só a percepção de que as informações são superficiais e fragmentadas, mas de que há, visivelmente, uma intencionalidade de banalização de fenômenos complexos, tais como a violência.

Outra consideração feita quanto à qualidade do conteúdo da programação específica para o público jovem seguem no seguinte diálogo:

⁸⁹ Essas falas dirigem-se aos programas de telejornalismo produzidos em Cáceres, em que os apresentadores estão numa ‘eterna’ rixa profissional e política, inclusive com processos judiciais pessoais, da emissora de televisão e do poder público municipal. Os canais são de propriedade de famílias de políticos do município.

- *A TV tem programas específicos para jovens, porque tá cheio de putaria e porcaria, e eles acham que é para o público jovem, que é isto que os jovens gostam, mulher pelada, cheia de bunda e é isto.*
- *Mas não é para todos os jovens...*
- *Jovem gosta de cultura, pô! Podia passar programas com espaço para falar o que a gente está falando agora, sabe? [referindo-se ao universo da pesquisa: lazer e mídia em culturas juvenis]*
- *Até que passa, mas não na TV de fácil acesso...*

Convidados a falar sobre como deveria ser a programação televisiva para as juventudes, na perspectiva deles, os jovens se mostraram animados. A partir da crítica à TV, exposta acima, em que demonstraram o descontentamento, discorreram suas propostas, direcionando a mídia uma função social educativa, incluindo os próprios jovens na produção dos programas, assegurando a linguagem do meio e as estratégias dos programas para seduzir, atrair, divertir e emocionar com o diferencial na qualidade e profundidade das temáticas abordadas. Alguns fragmentos das falas seguem:

Seriam programas para os jovens trocar idéias uns com os outros, seria uma boa mesmo...

Seriam programas de lazer e um momento de aprendizagem...

A mídia poderia produzir mais programas com estes temas educativos. [referindo-se a temas comentados durante a entrevista, por exemplo, sexualidade, drogas, educação, violência, lazer, cultura...]

Programas que os jovens decidissem tudo, do assunto ao horário. Poderia ter gincana entre escolas feita com provas inteligentes... Tudo bem chamativo e educativo.

Quando solicitei que abordassem sobre a mídia, de forma ampliada, considerando todas as possibilidades de acesso, no processo de educação formal, os dados revelaram uma necessidade urgente da apropriação dos meios pela escola para oferecer elementos de uma educação para a mídia. A tecnologia, já existente na escola, está sendo subutilizada, não conferindo autonomia e maior acesso ao

conhecimento produzido pela humanidade, mas constituindo-se em ferramenta de alienação. O próximo fragmento de diálogo revela isto somado ao acesso restrito ou inexistente que esses jovens têm em relação ao laboratório de informática e a biblioteca da escola conforme falas já referida:

- *O jornal, a revista, computador/internet, livro contribuem para a gurizada, mas o que a gente mais gosta é do computador que é bem mais prático para achar as informações, as vezes nem precisa ler para fazer o trabalho que o professor pede...*
- *É bem mais prático do que a biblioteca mesmo porque aqui na escola ela quase não funciona.*
- *No computador é só digitar o assunto e apertar uma tecla que o trabalho está praticamente pronto...*
- *No livro precisa ler tudinho para fazer a introdução e a conclusão...*
(Grifos meus)

O computador (internet) não serve desta forma, como ferramenta para acessar e construir conhecimento e sim numa possibilidade facilitadora de cumprir um ritual: entregar um trabalho sobre um determinado assunto para um certo professor/a de uma certa disciplina. Ainda que pareça existir consciência quanto a menoridade exposta nessa atitude fica a pergunta: que educação escolar é esta que compactua com este procedimento?

3.1.3.2 Entretenimento: vivências lúdicas com a mídia

Compõem esta categoria as falas que atribuem à mídia o papel de oferecer entretenimento – produções desenvolvidas especificamente com o intuito de “ocupar” o (tele) espectador no seu tempo livre. O excerto de fala aponta esta condição:

Esses meios [de comunicação de massa] servem então mais para entreter, mas você nunca fica quieto num canto sem ouvir uma música, ler uma besteira e assim...

Uma função primordial para a mídia, na perspectiva da indústria cultural, é justamente oferecer entretenimento, impondo formas universalizantes de comportamento de consumo ainda que pareça um leque de ofertas à escolha do sujeito. Produz ao mesmo tempo a necessidade, o produto e o seu consumidor.

Segundo J. B. Thompson (1995, p. 43) a recepção dos produtos midiáticos é uma atividade situada e deveria ser vista como

uma atividade de rotina, no sentido de que é uma parte integrante das atividades constitutivas da vida diária, (...) que permitem ao indivíduo, se distanciarem dos contextos práticos de suas vidas cotidianas (...) e perder-se em outro mundo.

Para os jovens é a televisão que oferece, em quantidade, variedade e acessibilidade, oportunidade de entretenimento visto que é identificado a partir da grade de programação da televisão brasileira, em canais abertos⁹⁰, o maior conjunto de possibilidades de entretenimento nos meios de comunicação de massa. As revistas de comportamento e fofoca são exemplos de produtos midiáticos de entretenimento apontado nas falas dos jovens, contudo, é a TV que ganha maior destaque.

A programação televisiva foi classificada então, a partir das falas dos sujeitos, em dois agrupamentos i) programas elaborados especificamente para jovens e os ii) programas para o público adulto que tematizam os jovens. De forma geral, surgiram algumas falas quanto às produções feitas para outros segmentos de

⁹⁰ Lembrando que dos jovens desta pesquisa apenas um afirmou ter acesso a TV por assinatura.

público, visto que houve afirmação de que “tem mais programas para adulto ou criança” do que para os jovens, além da afirmação de que “é separado mais para o público infantil e para o adulto. Para o público infantil desenho, coisa assim”. Visivelmente, observa-se uma segmentação dos programas produzidos por parte dos seus produtores e exibidores⁹¹, no entanto, os jovens, ainda que tenham esta percepção, assistem o que tem vontade “é... mas não é só criança que assiste desenho... adulto e jovem também ficam na frente da TV assistindo”.

No primeiro grupo - programas feitos especificamente para jovens - temos uma variada relação entre novelas; programas com jogos, competições e músicas.

No caso das novelas, *Malhação*⁹² foi identificada como um programa produzido para o público jovem com intuito de tratar das questões relativas à etapa de vida em que os jovens se encontram, numa perspectiva de que há muitos tabus, muitos problemas e conflitos geracionais a serem resolvidos.

As falas aqui reproduzidas dão uma noção da percepção que os sujeitos têm do programa, que do ponto de vista do diálogo campo-teoria, reforça a teoria da semicultura, pois os jovens – sensíveis a semiformação – não percebem a glamourização a que a juventude é submetida:

Malhação é super jovem... (Grifo meu)

Parece que cada episódio eles inventam um tema que ajuda os adolescentes, que mostra como que é a realidade, a vida, a vida das pessoas. (Grifo meu)

⁹¹ Esta segmentação é percebida inclusive pelos produtos que tem sua propaganda exibida nos intervalos.

⁹² A pesquisa Remoto Controle (2004) analisou alguns programas indicados pelos produtores/exibidores como intencionalmente segmentado para o público jovem. *Malhação* também figura nesta relação como a novela mais assistida. É um programa que segue o modelo da teledramaturgia das *soap operas* norte-americanas, que não têm um final e vão mudando de temas, personagens e perfis. É exibido de segunda a sexta-feira às 17h30, pela Rede Globo, com uma duração média de trinta minutos e em âmbito nacional. Os jovens participam como atores e atrizes.

Malhação fala de coisas que acontecem na escola como preconceito. (Grifo meu)

É uma novela feita para jovens que mostra o mundo dos jovens, o que os jovens querem e o que tão usando... e várias coisas. (Grifo meu)

Malhação fala de violência, de sexo e de relacionamento. Coisas que acontecem na vida dos jovens. (Grifo meu)

Malhação é sobre a relação dos jovens, com os amigos, com a família... Outros discutem sobre drogas, cigarro, bebidas... (Grifo meu)

Ainda que esta novela seja a mais assistida, o programa preferido de muitos, não implica, contudo, que não receba críticas. Assim, esta novela afetaria o seu público alvo disseminando valores de uma juventude estereotipada na visão dos seus produtores: a imagem de eterna felicidade, os amores resolvidos, as paixões vividas, a escola maravilhosa (ampla, limpa, equipada com tecnologia e toda sorte de equipamentos acessíveis aos alunos e professores e ainda, um belo jardim), os diálogos abertos nas famílias e outras que não têm ressonância real, no cotidiano das juventudes. Transcrevo algumas dessas falas

Eu acho irreal.

Sem querer defender, eu assisto, já teve o seu lado bom... agora a história que tá passando é muito surreal... eu não gosto de Malhação, por exemplo, acho extremamente surreal, umas histórias que não tem nada a ver...

Só que o que acontece é que ali é uma vida diferente da nossa, a vida de estudantes de classe média, que tem dinheiro, que não passam por nenhuma destas dificuldades, é uma escola paraíso...

Um exemplo do que é surreal: a menina que é pobre, que o pai é gari: a casa da menina... é ridículo assim cara... a menina é considerada pobre perante os outros na escola mas não é a realidade de um pobre... só falta ter uma Ferrari. E ela é muito boazinha, sei lá, não tem nada a ver... vo te contar.

Também foram citados programas com jogos, competições, desenhos e músicas identificados como produtos que compõem o cotidiano da juventude. Os apresentadores de alguns destes programas também foram lembrados como exemplos de e para os jovens. Seguem algumas falas que apontam os programas e apresentadores:

Tem esse do Celso [Portioli] de jogos e perguntas.

O programa que eu tava assistindo noutra dia, crianças pobres que tem um sonho de ser músico, daí eles tocam com tambor feito de lata, apresentado pelo Serginho Groissman. Ação de manhã que passa no Sábado.

Caldeirão do Luciano Huck, por exemplo, é feito para jovens. Jogos, tem bastante jogos.

Tem na TV cultura... como é o nome? Esqueci mas na cultura tem.

Tem Cavaleiros do Zodíaco também... Todo mundo tá deixando de assistir Malhação para assistir Cavaleiros do Zodíaco.

Jovens tardes que estava passando antes, eu adoro música, e o Jovens tardes era cultura de certa forma, este programa ensina a história da música, passava sobre a bossa nova desde o início até o final, no outro Domingo era sobre rock, desde o início até o final, era legal, é uma forma de cultura, não sei se inútil, mas é...

Destaque especial foi dado pelos sujeitos ao programa *Altas Horas*. Conforme a pesquisa Controle Remoto (2004), este programa também foi indicado por seus produtores como idealizado para o público jovem. Ele é exibido desde o ano 2000 nas madrugadas de sábado para domingo, sempre depois da 1 hora. Tem uma duração média de uma hora e trinta minutos a duas horas, transmitido pela Rede Globo em âmbito nacional, o estilo predominante é de variedades. Os jovens participam do programa como platéia. As falas apresentadas abaixo, ainda que negando o gosto pelo programa, dão o destaque:

Um programa que eu acho que é bem cara jovem, que tem um papo, que é bem bacana, que chama a nossa atenção é aquele Altas Horas, só que tem um lado ruim que é altas horas...

O Altas Horas é legal, ensina uns lances, discute, é uma discussão onde cada um aprende um pouquinho, é bom, mas só que é bem no sábado de madrugada...

Eu não gosto do Altas Horas porque só trás popstar, é entrevista só com popstar.

O segundo grupo – os programas para o público adulto que tematizam os jovens – aborda a percepção que os jovens têm acerca de como a programação específica para o público adulto trata os jovens. Eles vêem um caráter educativo nestes programas. Apontam maneiras de comportamento e esclarecem dúvidas sobre várias temáticas. Os trechos abaixo, extraídos de um diálogo, deixam isto evidente:

- a maioria do que eles falam para os jovens é para não envolver com drogas, tráfico, contrabando de armas que eles usam os jovens para fazer porque não fica muito tempo preso, quando vai preso.

- Dá uns alertas para os jovens. As novelas dão dicas, coisas que passam na novela, coisas do dia a dia... passa mesmo a realidade...por aí...

- É mais instruir comportamentos... como o jovem deve se portar.

- Como no jornal assim. Todos sabem que pouco jovem não dá importância então é para um público mais adulto... dá dica de como os pais cuidar dos filhos adolescentes... tem aquele programa caso de família, ele fala sempre sobre mãe, filho, exemplos que a gente pode ter em casa porque tem pais que não sabem como lidar com filho adolescente... e às vezes mostra que o mesmo problema que tá lá pode ter com a família da gente...

3.1.3.3 Comportamentos sociais juvenis: ditadura da mídia?

Nesta categoria são apontados alguns hábitos de utilização/consumo da mídia extrapolando para a produção midiática e sua influência no viver/agir dos sujeitos, que demonstram uma mescla de passividade, crítica e subversão nesta relação. Ainda apresento algumas áreas da vida, identificadas pelos jovens-sujeitos, passíveis de sofrer influências advindas da mídia.

3.2.3.3.1 Hábitos de consumo da mídia como lazeres juvenis

Eu prefiro o rádio, sou louca por música, daí escuto bastante. De TV não gosto muito, poucas vezes eu sento para ver, às vezes assisto um jornal, um filme...

Eu gosto de ouvir rádio porque eu gosto de música. Eu toco violão e daí eu consigo tirar de ouvido. Eu sempre tiro música de ouvido.

Estes excertos da fala dos sujeitos são minoria num contexto de hábito de consumo de mídia em que assistir TV predomina (97,77%), seguido da leitura de livros (82,22%), navegar na Internet (51,11%), leitura de revistas (46,66%), ouvir rádio e ir ao cinema (44,44%), ler jornais (26,66%) e ir ao teatro (4,44%).

Sobre o hábito de ir ao teatro é altamente justificado o pequeno índice visto que a cidade não está incluída no circuito teatral, quer seja no âmbito regional ou nacional, e as produções locais são eventuais, limitando-se a produções amadoras. E ainda, pela inexistência de outras salas de teatro.

O cinema tem uma freqüência mediana, dado alguns fatores de ordem financeira, histórico-cultural. A (re) instalação de salas de cinema na cidade é recente, após décadas do seu fechamento foi (re) inaugurado no início de 2004, constituindo-se numa novidade para a maioria dos sujeitos. Daí que, segundo eles, “não tem a cultura de ir [ao cinema]”, “os filmes não são chamativos...”, “porque não vale a pena... os filmes são velhos.” e “não tem interesse pelo programa e também tem a questão financeira...” são razões comuns para não serem apreciadores e/ou freqüentadores de cinema.

O jornal é um meio quase esquecido pela maioria dos sujeitos e as razões pelas quais esses jovens não se interessem pela leitura do jornal transitam, aparentemente, entre a condição financeira para aquisição e a linguagem/estética do meio. Os excertos a seguir denotam estas razões:

A gente não lê jornal por falta de tempo e porque não temos acesso aos jornais, a gente assiste televisão, falar a verdade a gente não gosta, perde muito tempo...

Primeiro porque tem que ter assinatura dos pais para receber, e daí tem mais uma conta para pagar. Eu só leio jornal se eu ganho. Porque é mais uma conta por mês.

Jornal é chato, muito papel, é feio...

Contudo, quando questionados acerca da agenda de leitura de livros, respostas como “leio nas horas vagas”⁹³ e outra justificativa que também serve para a não leitura de jornal surgiram: “a gente não gosta muito de ler” e “eu leio por obrigação, quando professor manda fazer trabalho”. Parece então que há uma contradição expressa, pois ainda que os livros figurem na segunda colocação de hábitos de mídia, a leitura não é um hábito fiel e a condição financeira que dificulta o

⁹³ Neste caso, as horas vagas são determinadas “quando to lá em casa sem fazer nada”.

acesso aos livros, revistas e jornais é reforçada pelos limites das bibliotecas públicas⁹⁴. Isto pode demonstrar o vigor da linguagem e da estética do meio na construção de um forte vínculo de dependência, aspectos em que a TV e a internet cumprem bem este papel.

As revistas, também nesta perspectiva, contemplam as características (linguagem e estética) de um produto chamativo, visto que as preferidas são as revistas de comportamento e fofoca. As justificativas para esta “opção” de gosto não diferem entre si: “a gente gosta de saber da vida das celebridades”, “para acompanhar a moda das pessoas” e “eu gosto porque sou curiosa, gosto de saber da vida dos outros...”.

Quanto a Internet, só não há uma constância maior no acesso, pois:

É difícil ter que pagar para acessar a internet. E uma grande maioria dos brasileiros não tem computador e internet em casa. A escola tem, mas não sabemos por que não podemos acessar.

O acesso é limitado principalmente pela questão econômica. Novamente, a má distribuição de renda que gera condições precárias de sobrevivência às populações impede o usufruto de mais esta tecnologia e a tendência classista de juventude se faz presente na definição de hábitos de relação com a mídia. Contudo, para perplexidade dos sujeitos, a escola, espaço de formação para estes jovens, lhes nega o acesso ainda que reúna algumas condições⁹⁵ para não fazê-lo. Quanto ao uso do laboratório de informática, não estão explícitas para estes jovens quais são as regras na escola e nem quem as define. As possibilidades de uso da Internet

⁹⁴ O município conta com duas bibliotecas principais, uma municipal e a outra da Unemat, ambas com um acervo limitado também pela precariedade de investimentos.

⁹⁵ A Escola possui um laboratório de informática com 13 computadores equipados e conectados a Internet banda larga. Teve uma professora designada para coordená-lo durante o ano letivo de 2004, ano de sua instalação.

são variadas, desde ferramenta para pesquisa escolar até para entretenimento. Na voz dos sujeitos: “É mais fácil de fazer trabalho de escola”, “Porque tem o bate-papo, zoar...”, “Olhar mulher bonita”, “Jogos”, enfim “tem várias coisas que dá para fazer”.

A televisão exerce também a função de entretenimento. Independente do público alvo da programação na perspectiva dos produtores, os jovens assistem o que lhes convém. A função de “zapear” também é bastante exercida. Dois exemplos:

Eu assisto o que eu gosto: Malhação, um desenho e só isto no mais... ah o jornal que é bom, só isto.

Eu assisto Malhação e Cavaleiros do Zodíaco, daí ponho na Globo, daí volto para Band, é uma loucura mas tento assistir os dois juntos.

Uma consideração a ser feita quanto ao canal preferido, a Rede Globo foi apontada neste sentido porque “tem mais programas diversificados”, “passa mais novelas, os temas são da atualidade, as novelas da Globo são melhores do que outros canais, e passa bem a realidade”, “porque passa jogo”, “os diretores são melhor qualificados do que em outros canais”, “a qualidade é melhor”. No entanto, “a Band teria ganho se quando a senhora começou [a pesquisa] já passasse Cavaleiros do Zodíaco e agora vamos assistir por conta das Olimpíadas que vai passar mais na Band”.

Ainda que os sujeitos apontem para a necessidade da TV [comercial] exibir uma programação de caráter educativo, a TV Cultura [pública], que tem a sua programação com este caráter, não é muito prestigiada/assistida. “É interessante o canal”, mas “os jovens em geral não assistem a TV Cultura”. Alguns programas são assistidos, à vezes, com a família, na TV Cultura:

Me identifico muito com um programa de música que tem lá, é muito legal. Concertos que passam geralmente depois das 10.

Meu avô gosta de Viola Minha Viola; Som Brasil, as crianças lá de casa gostam de assistir os desenhos da Cultura, muito desenho...

3.1.3.3.2 Sobre possíveis influências da mídia no cotidiano dos jovens

Esta questão é posta em cena para discutir o alcance da influência que a mídia exerce nos cotidianos juvenis. Trago um excerto da pesquisa Remoto Controle (2004, p 45) como apoio:

A imagem de adolescente que predomina na mídia é a mesma que permeia o imaginário da sociedade como um todo, (...) o jovem de cor branca, de classe média, com alto padrão de consumo. (...) Essa imagem tem origem em uma concepção disseminada pela psicologia, (...) é uma etapa marcada por conflitos e tem interesse especial por questões ligadas à sexualidade, (...) uma imagem estereotipada de juventude. (...) Essa potencialização midiática impacta diretamente a experiência de vida dos jovens, reforçando determinados padrões de ser, regidos em grande parte pelos valores de consumo. Com isso a mídia contribui para colocar em situação de exclusão aqueles que não têm acesso a tais bens – que não constituem apenas significados materiais, mas que também determinarão o valor que o jovem irá atribuir a si mesmo. Não se reconhecendo dentro dos padrões, ele constrói uma percepção negativa de si. A busca por uma aproximação com os modelos presentes na mídia transforma-se em objeto de desejo, por seu valor estético ou de consumo, podendo gerar frustração e revolta e desencadear desajustes de naturezas diversas. Essa condição tem sido uma das principais causas de atos violentos.

Não trilharei um caminho de análise psicológica e nem responsabilizarei completamente a mídia pela violência social, quando esta cria os desejos e faz promessas que não podem ser cumpridas, visto que ela compõe uma sociedade em que o acúmulo de riquezas por uns poucos e a miséria distribuída em larga escala é

naturalizada. Contudo se faz necessário retomar os conceitos de Indústria Cultural e de Sociedade do Espetáculo para dimensionar a lógica perversa deste sistema. O mecanismo de controle dos meios de comunicação ‘impede’ outras/novas formas de pensar visto que o olhar instituído pela mídia destrói os referenciais de espaço e tempo, constituintes da percepção, e instituem-se a si mesmos como espaço e tempo, sem distâncias, horizontes ou fronteiras. (CHAUÍ)⁹⁶ .

Parte dos sujeitos identifica a presença da mídia, principalmente da TV, influenciando os seus modos de ser/fazer, contudo não é uma percepção unânime, alguns acreditam que “a TV não influencia, cada um escolhe o que fazer e o que quer fazer”. Há ainda uma terceira percepção que relativiza:

Assim, com relação a mídia, vai depender de cada pessoa. Cada um tem um gosto. Às vezes, eu posso gostar de esporte e de música ao mesmo tempo. Então, neste determinado lugar, por exemplo, eu posso assistir um filme, pode ser um lazer para mim, para minha casa, minha família, desde que seja interessante, depende bastante. Daí que influencia ou não.

A mídia parece contribuir, em larga escala, com sua programação nas manifestações de lazer, daí que os filmes, os desenhos e as propagandas “influenciam bastante” nos cotidianos juvenis conforme um depoimento: “claro, deixa um pouco curioso, né? As pessoas vão querer saber como é. Isto influencia”. Alguns argumentam sobre o não-experimentado que “influencia a juventude a fazer o que não conhece”, pois “para saber se é bom ou não, só indo lá e fazendo”.

Como se dão estas influências? Que campos da vida cotidiana das culturas juvenis parecem sofrer influências da mídia? Assim, outras falas neste sentido foram agrupadas a partir dos principais elementos agregadores identificados no conjunto de entrevistas: moda, esportes, personagens e propagandas.

⁹⁶ In: BUCCI, E. e KEHL, M. R., 2004, p. 7.

Sobre a *Moda*, os excertos aqui reproduzidos denotam a percepção dos jovens quanto à influência da mídia em relação ao conjunto de vestuário e adereços que compõem o “visual” corporal. São falas afirmativas quanto à fabricação do desejo de consumo de mercadorias que a “moda” impinge.

Você assiste um programa de moda aí, vou comprar esta roupa que está na moda, quero andar igual a todo mundo.

Sei lá, assim, eu gosto de uma coisa, se é cara eu dou um jeito e compro, e se for barata, se eu gostar, eu também compro. Eu dou jeito de comprar o que eu quero.

A TV influencia no estilo de roupa. Uma roupa famosa, uma marca, nem é do gosto, mas todo mundo quer para ficar na moda. É valorizado quem anda na moda.

Taí, que nem favela, roupa de favela, quando vai para a televisão, até os bacanas querem... nunca tinham visto, daí todo mundo quer. Tem muita gente usando.

Esta “fábrica de desejos” não atinge a todos igualmente, mesmo porque existe um fator limitante para o acompanhamento da moda: a questão financeira ainda que aliada ao gosto pessoal: “Eu compro o que é mais barato, mas que eu goste” e “Eu não sou muito ligada nisto, na moda. Eu gosto de vestir o que tiver porque se eu for acompanhar toda moda das estações do ano com roupa, o dinheiro não dá conta. Se eu tivesse uma boa condição financeira, eu iria acompanhar, mas assim não...”.

Nesta perspectiva, cabe anunciar dois fatores intimamente relacionados: a questão de classe e de consumo.

A partir da questão formulada, “Vocês tem consciência de alguma coisa que fazem e/ou usam que foi/é influenciado pela mídia?”, os jovens-sujeitos deram alguns exemplos. Contudo, a percepção desta influência é evidenciada mais nos

outros do que em si mesmo, ainda que de forma geral, no entendimento deles, influencie a todos.

O boné, o jeito que eu uso o boné.

Um exemplo aqui da escola, o pessoal que é do Hip Hop entrou por gosto, viu e gostou, outros porque viram na televisão, outros porque os amigos influenciaram... e assim tem um grupo aqui.

O time que eu torço.

Corte de cabelo na época do Ronaldinho.

Como se pôde perceber, o *Esporte* também influencia, inclusive, através dos seus *ídolos*. Assim, percebo que para a prática esportiva e o conhecimento geral sobre os esportes e os modos de ser esportivo, a mídia desempenha, na opinião dos sujeitos, um papel fundamental, pois alimenta o imaginário com possibilidades de consumo de esportes (e seus produtos) antes nunca visto, seja para a prática ou o teleespetáculo. Ainda que para alguns esportes, a origem do aprendizado tenha sido outro que não a mídia (a escola, por exemplo), ainda assim predominantemente a TV o informa sobre a modalidade.

A mídia influencia também no lazer porque é através da mídia que passa, por exemplo, o jogo de futebol, isto influencia a gente a querer jogar também.

A TV determina o gosto por certos esportes porque a gente só vê eles ali... a gente não tem como conhecer algumas coisas a não ser pela TV...

Eu por exemplo gosto de assistir futebol e daí eu gosto de jogar. Eu aprendo na TV para jogar...

Ah eu vi noutro dia o karatê [na TV] e achei interessante e comecei a praticar [na academia], mas é bom né? É interessante este esporte. Eu achei bonito e quis...

Outro aspecto, na vida cotidiana, que merece destaque como fonte e possibilidade de influência são os *Personagens*, principalmente de novelas, pois estes foram relacionados como referência de estilo para as juventudes. Compor o visual a partir das personagens é andar na moda que a TV lança. Alguns excertos das falas demonstram esta relação:

O caso da Darlene⁹⁷: o estilo dela de se vestir, a mochila, muitas pessoas querem copiar, é um estilo, uma moda. As pessoas copiaram porque era uma personagem de uma novela famosa, e também porque era a Débora Secco, sei lá... o estilo dela meio ousado, agradou, ... o personagem tava passando que existem pessoas daquele jeito doido, de querer aparecer, corre até risco de vida, faz loucuras para aparecer. Tem muita gente assim, cada pessoa tem um jeito, um tipo de ser, uma personalidade...

Que nem aquela novela Kubanacan⁹⁸, o carinha⁹⁹ andava sem camisa, demorou uns tempos todo mundo andava sem camisa...

Algumas pessoas gostam de cortar cabelo conforme os artistas. Tipo uma cópia desses que aparecem na televisão e que dizem que são artistas... Pode até ser legal, mas é uma cópia, a pessoa tem que ter criatividade com ela mesma, mas esses estilos são muito doido!!!

A TV influencia principalmente nas novelas, que a gente tava assistindo, tem aqueles caras com um shortão maneiro, bermudão, cabelão¹⁰⁰, as pessoas querem ter aquele estilo, criam um novo estilo...

A *Publicidade* é a “alma do negócio”. A ela, é atribuída uma responsabilidade quanto a influencia exercida sobre o cotidiano dos jovens, visto que é esta, reconhecidamente, a função dela: criar e despertar o desejo e necessidade de consumo. Desde produtos de alimentação, passando por locais para fazer as refeições e passeios, eventos e lojas específicas aos locais para o lazer e produtos de vestuário são lembrados.

⁹⁷ Personagem de Debora Secco na novela *Celebridade*, transmitida pela Rede Globo em 2004 no horário das 20h.

⁹⁸ Novela das 19 h transmitida pela Rede Globo em 2003.

⁹⁹ Personagem de Marcos Pasquim.

¹⁰⁰ Personagens da Família Sardinha na novela das 19h *Cor do Pecado* transmitida pela Rede Globo em 2004.

A imprensa e a publicidade têm a função de organizar a cotidianidade ainda que

não haja sistema da cotidianidade apesar dos esforços para constituí-lo e fechá-lo. Há somente subsistemas separados por lacunas irreduzíveis, e no entanto situados sobre um *plano* ou ligados a esse plano (...) ou um nível da realidade” (LEFEBVRE, 1991, p. 96 e 108).

Algumas falas expõem o alcance da propaganda em suas vidas:

Acho que sempre passa o festival de pesca... passa na televisão, não só aqui em Cáceres, mas em Cuiabá e em todo lugar, daí o pessoal vê e fala - ai que legal! E vem pra cá...

Uma propaganda de tênis, você se interessa pelo tênis e dá vontade de comprar.

Mesma coisa com um tipo de comida, você quer, você passa e compra ou vê quais são os ingredientes e faz... procura os mantimentos porque você quer, você viu na TV então você quer...

A TV influencia sim, só um exemplo, a gente viu aquele Sesi Clube de Cuiabá na TV, daí eu falei que queria ir para Cuiabá só para ir naquele clube... já quer, né? É simples, é a propaganda que é a alma do negócio...

O que acontece é que mesmo você tendo personalidade, sendo você, você se deixa levar. Um exemplo muito claro, se você vê uma coisa na TV, uma roupa, uma calça que é o máximo, ah falo, que você não vai se deixar levar, falo que você não vai querer comprar? Ninguém também é perfeito, né gente...

Curiosamente, por se situarem, em sua maioria, num papel declaradamente de esclarecidos, livres do alcance da publicidade na mídia, não titubeiam em atribuir ao (s) outro (s) o rótulo de influenciados por ela, vide a seguinte fala “tem gente que compra só porque apareceu na televisão, nem gostou muito, mas ta lá então quer... nem é tão bonita mas compra”. Ainda é possível perceber o agendamento das marcas e a identificação com os artistas através dos produtos por eles lançados, conforme as falas a seguir:

A maioria quando vai para Cuiabá chega direto no shopping, a primeira coisa que quer é um sorvete do Mc Donald, um lanche do Bob's... mas vocês acham que isto se deu a toa? Não foi, toda hora passa Mc e Bob's na TV ...

Eu acho que influencia mais as crianças, que vêem a sandália da Carla Perez, da Vanessa Camargo, do Rouge, ah mãe eu quero, eu quero...

Encerro assim a apresentação dos dados observados a partir das vozes dos jovens-sujeitos e das categorias/funções agrupadoras. Passo, então, a um momento de tecer as reflexões em num pretense conjunto. Assim, neste texto final, a partir de uma nova e outra leitura integral dos momentos antecessores deste trabalho elaboro uma análise do conteúdo das três temáticas – Culturas Juvenis, Lazer e Mídia – que me levaram ao campo, agora na perspectiva de três eixos integradores principais que nelas foram identificados: classe social, inter-geração e funções midiáticas.

3.2 ENTRELAÇANDO OS FIOS

Não há como analisar ou refletir acerca da temática proposta sem o entendimento de que ela está inserida num todo complexo e permeado pelas interrelações dos subsistemas que conformam a cotidianidade¹⁰¹, ainda que em determinados momentos alguns aspectos sejam privilegiados com um destaque maior e/ou com melhor nitidez, por questões recorrentes a condução do pensamento dialético.

¹⁰¹ Sobre os subsistemas que formam o cotidiano ver Lefebvre (1991).

Dada esta consideração, necessito apontar alguns elementos (fios) para analisar e compreender a relação do discurso midiático nas manifestações do lazer nas culturas juvenis. Para tanto teço alguns pressupostos para acompanhar a análise: i) que as culturas juvenis o são, na complexidade da confluência de fatores geracionais e classistas; ii) que o lazer figura para além de um mecanismo do sistema capitalista tanto como contraponto do trabalho e/ou uma mercadoria para o consumo tutelado, mas como possibilidade de “sentido pleno”; iii) que as práticas de lazer ou ao menos a busca por elas, podem ser identificados como uma das características das culturas juvenis; iv) que a mídia reflete, reproduz, conforma – dá forma – e significa a sociedade e o indivíduo, na medida em que estabelece para ele necessidades e opiniões; e que v) a mídia é percebida tanto como fonte de informação quanto possibilidade de fruição do lazer para estes jovens.

Acerca das culturas juvenis vale resgatar a exposição de Pais (1993) que propõe o entendimento de que essas culturas o são na confluência dos elementos integradores das correntes sociológicas sobre juventudes (geracional e classista) visto que, isoladamente, nenhuma delas consegue explicar a complexidade da categoria juventude. Os dados do campo desta pesquisa confirmam este posicionamento, pois, no conjunto, vão de encontro às teorias geracional e classista, se tomadas de forma isoladas, para expressar as culturas juvenis.

Ainda que os jovens se percebam vivendo uma etapa da vida – a juventude considerada como determinada faixa etária – e daí possam ratificar a teoria geracional, contraditoriamente eles se posicionam favoráveis a um “espírito jovem”, que independe da idade, contradizendo a tese da juventude como etapa da vida ou faixa etária. Isto posto, denota que os próprios jovens não se conformam

com uma única perspectiva quanto a sua condição juvenil, mas vislumbram a possibilidade de viver um cotidiano repleto das contradições da e na vida.

Com isso, estou considerando que o critério etário não pode ser descartado, mas relativizado, visto que a juventude não se limita a uma determinada geração, por ser, sobretudo, uma representação ou criação simbólica associada a comportamentos, atitudes e ainda como segmento mercadológico¹⁰².

Assim, os jovens são sujeitos no universo mais amplo da juventude como categoria sociológica e historicamente construída (PAIS, 1996; BOURDIEU, 1983), mesmo com toda complexidade inerente a esta categoria, visto que ora apresentam-se com certa unidade e homogeneidade, relativa à idade, quando comparada a outros grupos geracionais, porém diverso e heterogêneo, quando observados a partir das divisões sociais, de classe, gênero, etnia, enfim, das diferentes origens sociais dos jovens, em suas diferentes perspectivas e possibilidades.

Por sua vez, o limite da teoria classista se põe quanto à possibilidade relacional assumida pelos próprios jovens entre as classes e condições sociais. Isto se dá através de elementos que podem ser considerados de subversão ou não conformação ao *status quo*, inclusive pela perspectiva de não conciliação ou aceitação dos valores e normas vigentes, e também pela “ainda” não definição ou enquadramento a estas normas, o que implica em maior liberdade de trânsito interclassista, em aspectos que os diferenciam ou igualam, marcadamente quanto a linguagem juvenil se expressa no vestuário/acessórios e nas atividades de lazer¹⁰³.

¹⁰² Quanto ao segmento mercadológico ocorre um fenômeno social denominado de *Adolescentização*, que se constitui em um alargamento para cima e para baixo da condição jovem visando justamente criar e difundir elementos das “culturas juvenis” em outros *segmentos etários*, criando um nicho consumidor maior.

¹⁰³ Embora esteja claro, pelos depoimentos, que os fatores socioeconômicos são limitadores do acesso a algumas práticas de lazer; isso, todavia, não impede a estes jovens o desejo de significá-las e vivenciá-las.

Pode-se observar, ainda, uma perspectiva de negação dos parâmetros indicados pela corrente classista no que tange à condição determinante e inapelável de reprodução das condições sociais familiares. Os jovens identificam, ainda que ingenuamente, numa expectativa relativa ao futuro, possibilidades de construção de uma outra via de resistência através do estudo/formação profissional, pois a titulação acadêmica ampliaria a capacidade de geração das condições objetivas de vida (remuneração/renda), o que possibilitaria uma superação dos limites de classe.

Quanto ao futuro, é interessante observar como este se apresenta recheado de aspectos confirmadores tanto das teorias geracionais quanto classistas, o que vem demonstrar, uma vez mais, a complementaridade existente entre elas para compreensão do fenômeno das juventudes. Há uma preocupação em corresponder a determinadas expectativas sociais, para atingir “certa” idade em condições de prover os papéis socialmente configurados para os jovens e, sobretudo, uma insistência quanto a ambigüidade posta entre juventude como etapa e responsabilidades. Daí que os sonhos se caracterizam pela necessidade de se alcançar a “condição” de adulto a partir da estabilidade financeira, através do estudo e, conseqüentemente, um emprego que lhe proporcione condições para estabelecer um novo núcleo familiar, esta como estrutura básica para a vida “adulta”. Desta perspectiva, a reprodução de valores geracionalmente inscritos aflora como condição de continuidade da vida, mas, ao mesmo tempo, se expressa a superação ou, no mínimo, o desejo de trânsito entre classes.

As vozes decorrentes do campo da investigação revelam que o lazer é uma categoria considerada importante pelos e para os jovens, visto a sua condição privilegiada de poder usufruir maior tempo livre, pois suas responsabilidades são menores do que as do adulto, mesmo quando somados seus tempos sociais de

estudo e trabalho, ainda que a dimensão temporal quanto ao usufruto do lazer é percebida, frequentemente, linearmente medida pelo relógio. Sua atitude frente ao lazer também difere, pois os jovens consideram que a juventude está diretamente relacionada com a perspectiva que o lazer assume nos cotidianos visto que, para além de o perceberem numa perspectiva funcionalista, entendem o lazer como cultura lúdica. O lazer parece estar assim relacionado com o que consideram uma “qualidade de vida”, daí que os jovens “curtem” mais a vida!

Dessa forma, é possível depreender que o lazer é visto pelos jovens como relevante em seus cotidianos, embora a ele possam ser atribuídas também perspectivas dialeticamente contraditórias: i) em certos depoimentos, pode ser tomado como uma característica do “ser jovem”, o que denota a corrente geracional; ii) há também a compreensão da existência concreta de lazeres específicos para as diferentes classes e outros fatores sociais (gênero, etnia), o que vem confirmar o reconhecimento de aspectos da corrente classista de juventude.

Assim, da perspectiva geracional apreende-se que o lazer é uma característica jovem, existindo, portanto lazeres jovens que se distinguem das práticas de lazer de outros segmentos etários. Em relação às teorias classistas, percebem-se diferentes possibilidades de lazer específicas às classes, determinados pelas condições objetivas que estas classes possuem. Deste modo, o lazer aparece multifacetado nas culturas juvenis, com diferenças que se expressam em condições inter e intra classes.

Nas relações cotidianas do âmbito do lazer nas culturas juvenis, outro aspecto que merece consideração é a mídia, que se constitui num elemento primordial de socialização dos jovens. Com segurança, posso afirmar que os desdobramentos do discurso midiático em relação ao lazer se fizeram perceber

acentuadamente nas falas e composições apresentadas pelos jovens-sujeitos. A compreensão dessas relações foi elaborada a partir dos diferentes papéis ou funções desempenhadas pela produção, veiculação e consolidação de signos, sentidos e significados acerca do lazer em culturas juvenis, juntamente com outras instituições sociais mediadoras (família, escola, religião¹⁰⁴,...), compondo assim, o cenário cotidiano dessas culturas.

A mídia se relaciona com/se expressa nos tempos e manifestações de lazer das culturas juvenis por meio de duas vertentes, basicamente cíclicas e de certo modo complementares entre si: i) sendo tomada pelos jovens como um meio de fruição do lazer, quando eles se referem a assistir programas de entretenimento na TV, ouvir rádio, ir ao cinema, navegar na internet, ler revistas, jornais e livros; ii) na condição, pouco percebida pelos jovens, de formadora ou, no mínimo, influenciadora em suas opções de lazer, na medida em que age no processo de agendamento da oferta de possibilidades de lazer, além da fixação de gêneros¹⁰⁵ dos produtos midiáticos, conforme se estabelecem as funções midiáticas observadas neste estudo – informação, entretenimento e comportamento.

A primeira vertente se relaciona às possibilidades de acesso e aos hábitos de consumo lúdico destes produtos midiáticos, em que as condições socioeconômicas são o principal determinante. A segunda se expressa ante a exposição massiva e continuada aos diversos meios. Daí que dois fatores, tempo de exposição e o conteúdo dos produtos midiáticos, se aglutinam, se potencializam e se complementam quanto aos efeitos produzidos.

¹⁰⁴ A religião influencia nas práticas de lazer, pois oferece um código de postura a ser seguido, por exemplo, assistir TV para praticantes de alguns credos é proibido já o rádio é um meio aceito.

¹⁰⁵ No sentido midiático, *gênero* refere-se à tipologia geral das programações, que podem ser novelas, programas de variedades, *talkshows*, etc.

O alcance da influência midiática supera o âmbito das manifestações de lazer para dar contorno a vários outros aspectos da vida cotidiana. Faz-se perceber inclusive sobre as mídias primária (corpo, linguagem) e secundária (vestuário, adereços), na acepção de Baitelo (2000), a exemplo do que faz, principalmente, a TV que se constitui numa caixa de sonhos e surpresas com personagens e personalidades/celebridades que apontam/determinam os modelos a serem seguidos. A narrativa ficcional da televisão vai ao encontro também de temas sociais no cotidiano, não apenas agendando-os, mas igualmente estabelecendo valores e opiniões que, disseminados pela mídia, são absorvidos e reproduzidos nos cotidianos juvenis.

Vários motivos parecem levar os jovens-sujeitos da pesquisa a priorizarem a assistência da TV como o principal modo de ocupação do tempo livre, entre eles o fato de ser o meio mais acessível, apresentar uma linguagem audiovisual que permite fácil acesso às informações veiculadas, permitir adequação de seu tempo disponível com as programações preferenciais, além de ser uma boa maneira de “relaxar”. Vista assim como a maior e melhor fonte de informação, a TV exerce, hegemonicamente, o papel de estabelecer as agendas cotidianas do lazer dos jovens.

Outro detalhe a considerar nesta tentativa de compreensão sobre o porque da importância atribuída pelos jovens à TV na ocupação de seu tempo livre são as recorrentes referências feitas por eles quanto à “falta do que fazer”. Sem desconsiderar os aspectos relativos a uma possível semiformação cultural, na perspectiva adorniana, como consequência da própria exposição massiva à mídia, principal operadora da indústria cultural, a ausência “do que fazer” referida pelos jovens pode significar também a sua percepção de que faltam políticas públicas para

o lazer e a juventude, por não disponibilizar, por exemplo, equipamentos de lazer acessíveis, adequados e bem dimensionados à demanda desta população.

A violência contida na produção midiática, por exemplo, nos filmes e gibis consumidos pelos jovens, mas principalmente na programação televisiva se constitui num paradoxo quando é identificada e negativamente referida, mas ao mesmo tempo, é assistida/consumida. A TV proporciona diversão, entretenimento e possibilidades de relaxamento, na afirmação de que os programas humorísticos, por exemplo, provocam risadas. Porém muitas vezes as situações hilárias são inspiradas em vexames, humilhações, preconceitos e na própria violência, o que resulta numa abordagem superficial e por vezes leviana diante da complexidade do fenômeno violência.

Outro aspecto a ser destacado quanto a violência disseminada pela mídia, refere-se a naturalização da violência contra os jovens que está explícita e amplamente divulgada, por exemplo, na internet através de *sites* de pedofilia, turismo sexual, intolerância racial e outros.

É perceptível também como o consumo se localiza na relação trabalho-lazer na perspectiva dos jovens trabalhadores. O trabalho gera condições objetivas (renda) para o consumo de produtos e oportunidades diferenciadas de lazer, de certo modo reforçando neles a compreensão do lazer como um produto de consumo.

Quanto ao conteúdo dos produtos midiáticos elaborados para os jovens, é necessário considerar as condições sob as quais são produzidos e recebidos. Assim, percebo dois problemas na radicalidade da crítica: i) os produtos se pautam (ou são pautados) em conteúdos superficiais (informações-mosaico), estereotipados e geralmente, orientados, sobretudo por um viés mercadológico, o que gera uma conformação ao já instituído (reprodução); ii) estes produtos são considerados

menores na escala do *status* da produção midiática (vide, por exemplo, a programação televisiva exposta no horário nobre ou a qualidade de impressão de revistas *teen*), ainda que esteja em franco crescimento o filão mercadológico dos “consumidores” jovens, não restrito aos produtos televisivos.

Outro aspecto relevante na leitura de produções midiáticas segmentadas para os jovens que destaco é a estereotipação de um tipo idealizado de juventude, que poderia ser denominada de “glamurização da juventude”. Exemplo explícito disto tem-se na telenovela *Malhação*, criticada em referências anteriores dos jovens-sujeitos desta pesquisa, quanto à equalização das personagens e dos seus cotidianos, independente das diferentes condições de classe, gênero e etnia, indicando que os jovens seriam todos iguais, dispendo todos de idênticas possibilidades de inserção nas culturas juvenis, o que parece fornecer um modelo a ser seguido ou, antes, desejado.

Ainda que os jovens não se limitem à programação e produtos midiáticos direcionados para este segmento específico, ou mesmo que se perceba uma perspectiva de resistência quanto ao consumo dos “pacotes” midiáticos para as juventudes, ela ainda incipiente e desponta num grupo muito restrito. Observa-se que não é corrente entre os jovens a perspicácia da crítica no sentido da superação, ainda que suas falas sugiram que os produtores/emissores têm uma responsabilidade social quanto ao conteúdo do que veiculam. Assim, apesar de insatisfeitos, tendem a se adaptar às ofertas da mídia para o seu lazer, por uma certa acomodação pessoal e pela falta de iniciativas públicas que oportunizem outras possibilidades de experiências formadoras lúdicas.

Quando questionados acerca da produção midiática e sobre que características esta deveria ter para atender o público jovem (e não apenas ser o

jovem tematizado pelo e para o adulto), percebi com algumas restrições que as juventudes se propõem a dar oportunidade e espaço para o diálogo entre os jovens, proporcionando momentos de construção coletiva de conhecimento e relação social. Desta perspectiva, percebo também a carência em outros espaços (escola, família,...) de oportunidades para o exercício da autonomia dos jovens, diferentemente do que é proposto, por exemplo, pelo Protagonismo Juvenil¹⁰⁶. Esta necessidade se expressa através da reivindicação de autonomia para o esclarecimento, em que os jovens reconhecem em si limites, mas também potencialidades.

O tempo de lazer, percebido como um reflexo dos contextos cotidianos das sociedades, se desenvolve no plano da cultura, em que articula a noção de tempo e atitude e é produzido historicamente, incluindo-se aí as dimensões dos conflitos, questionamentos, reproduções, ressignificações e conformações da e na sociedade. Neste sentido, mais um viés a ser destacado é o processo de espetacularização das manifestações culturais, isto é, a transformação dos bens culturais em mercadoria-espetáculo veiculada/vendida pela mídia, como, por exemplo, os shows musicais e os ídolos pops, os eventos esportivos, também com seus ídolos, as atividades esportivas na natureza, que exploram (e destroem) cenários naturais, e tantos outros. Essa espetacularização mediatizada faz com que esses produtos da semicultura sejam consumidos enquanto meras vivências de um pseudo-lazer, o que danifica as possibilidades da experiência formativa lúdica autêntica.

¹⁰⁶ Protagonismo Juvenil foi um programa lançado pelo governo federal (2002) com o intuito de oportunizar aos jovens possibilidades de ação própria utilizando espaço e suporte da escola para resolução de conflitos e problemas localizados da comunidade local resultando em um prêmio para as “melhores” propostas, ainda que não tivessem financiamento público, num modelo que responsabiliza o sujeito, individualmente, pelas condições a que está submetido.

Assim, percebo que a mídia explora as contradições possíveis do e no lazer para a manutenção da mercadoria na sociedade do espetáculo em que “o espetáculo é a outra face do dinheiro (...), na qual a mercadoria contempla a si mesma no mundo que ela criou.” (DEBORD, 1997, p. 34 e 35)

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES: PARA ALÉM DA PESQUISA

O melhor do mundo está na quantidade de mundos que o mundo contém.
Eduardo Galeano, 2000

A TV é o mundo sob o meu teto.
Fala de um camponês In Dumazedier, (1979, p. 199)

Ainda que Galeano tenha sido feliz em dizer da quantidade de mundos que cabem no mundo, para muitos, o mundo é a TV. E na finalização deste trabalho contribuo para pensar, então, um dos mundos possíveis.

Encenar um final, ainda que provisório, remete a responsabilidades quanto à pesquisa e sua amplitude de alcance no cotidiano. Assim, estas considerações se constituem numa tentativa de apontar os achados principais da pesquisa relacionando-os, de certa forma, as políticas públicas acerca das juventudes e lazer, indicar algumas possibilidades, limites e possíveis conseqüências do estudo.

Categoria central deste trabalho, as culturas juvenis têm relevância social, e econômica, despertando a atenção do Estado. Por isso, indico alguns elementos das políticas públicas brasileiras quanto a juventude, os sujeitos deste trabalho.

No Brasil, os programas e ações voltados direta ou indiretamente para a juventude estão dispersos entre vários Ministérios, Secretarias e Agências da Administração Federal¹⁰⁷, além dos Estados e Municípios. Além dos programas mantidos, o atual governo federal criou outros 14 programas e ações voltadas direta ou indiretamente para a juventude¹⁰⁸, como o Brasil Alfabetizado (MEC), Segundo Tempo (Ministério dos Esportes), Primeiro Emprego (Ministério do Trabalho), Inclusão Digital (Ministério do Planejamento), Empreendedorismo Jovem (Ministério do Trabalho/FAT), entre outros.

Criou ainda, recentemente, a Secretaria Nacional de Juventude, ligada estruturalmente a Secretaria Geral da União, sendo aquela responsável por iniciativas do governo voltadas para a população jovem, levando em conta as características, especificidades e a diversidade da juventude, além do papel de integrar programas e ações do governo federal.

Assim, o Presidente da República editou a Medida Provisória (MP) nº 238, em 1º de fevereiro de 2005 que instituiu, no âmbito da Secretaria-Geral da Presidência da República, o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem - e criou o Conselho Nacional de Juventude – CNJ. Nesta MP estão contidas as intenções político-ideológicas do governo federal quanto a juventude deste país.

¹⁰⁷ Em 2003, apenas na Administração Federal, havia 34 programas em andamento, voltados direta ou indiretamente para a Juventude, em áreas como Saúde, Educação, combate ao abuso e exploração sexual de adolescentes, Meio Ambiente etc.

¹⁰⁸ Ver relação completa dos programas do governo federal com ações voltadas para a Juventude no Anexo III.

O primeiro programa – ProJovem¹⁰⁹ – é

destinado a executar ações integradas que propiciem aos jovens brasileiros, na forma de curso, elevação do grau de escolaridade visando a conclusão do ensino fundamental, qualificação profissional voltada a estimular a inserção produtiva cidadã e o desenvolvimento de ações comunitárias com práticas de solidariedade, exercício da cidadania e intervenção na realidade local. (Art. 1º da MP nº 238)

Já o segundo – CNJ – tem “a finalidade de formular e propor diretrizes da ação governamental voltadas à promoção de políticas públicas para a juventude e fomentar estudos e pesquisas acerca da realidade sócio-econômica juvenil”. (Art. 8º da MP nº 238). Formado por representantes de diversos setores sociais, é uma instância de avaliação e definição de políticas públicas para a juventude.

Do discurso do Presidente da República, proferido na solenidade da criação da Secretaria Nacional da Juventude e do Conselho Nacional da Juventude, do texto da própria Medida Provisória e de outros documentos acerca das juventudes¹¹⁰, depreende-se o entendimento de aspectos geracionais quanto as juventudes, bem como a visão de que o “jovem” é um ser mais propenso às transgressões, ilegalidades e marginalidades. Ainda assim, reconhece nos jovens a esperança da nação, o que faz com que o governo federal preocupe-se em lançar programas e políticas públicas que minimize o custo social relativo às juventudes

¹⁰⁹ Os matriculados no Pró-Jovem receberão, ao longo de um ano, um incentivo mensal de R\$ 100, com recursos da União repassados por convênio, e terão de desenvolver, também nesse período, ações sociais em suas próprias comunidades. A qualificação profissional oferecida nos cursos será adequada ao mercado de trabalho de cada capital (serão atendidos somente jovens moradores das 26 capitais e Distrito Federal com idades entre 18 e 24 anos que tenham completado a 4ª série do Ensino Fundamental, mas não concluíram a 8ª série e nem têm qualificação adequada para o ingresso no mundo do trabalho) e ao nível de escolaridade dos alunos. O objetivo do governo, para 2005, é incluir 200 mil alunos no Pró-Jovem, gradativamente, em todas as capitais. Essa meta corresponde a 20% da população das capitais na faixa etária e nas condições determinadas pelo novo programa (cerca de 1 milhão atualmente) e o programa conta com uma verba de R\$ 311 milhões.

¹¹⁰ Todos os documentos citados (discurso do presidente, MP e outros) estão disponíveis na íntegra na www.brasil.gov.br.

nas classes sociais miseráveis do país, para aliar Estado e Sociedade na perspectiva de construir um país forte.

Essas políticas têm um caráter fortemente vinculado com o provisório e instável, no sentido de que não atingem a radicalidade do problema (a miséria, a distribuição de riqueza e renda, etc.), não supera o modelo da divisão social de classes da sociedade capitalista e sim, paliativamente, organiza alguns meios, estatisticamente promissores, que acobertam este estado de (des) assistência social e indignidade humana. Mais do que isso, algumas dessas políticas/programas beneficiam a iniciativa privada e organizações não governamentais com renúncias fiscais, deduções nos impostos, repasses de verbas públicas na forma de convênios e outras benesses financeiras adicionais.

Ainda assim, estas políticas públicas atingem grupos restritos das juventudes e alguns programas não atingem todos os municípios da nação, o que corrobora os dados desta pesquisa quanto a falta de políticas públicas para as juventudes e também para o lazer destas populações.

A compreensão apresentada pelo governo federal, através das estruturas organizativas, discursivas e legislações criadas, acerca das juventudes difere do que é proposto por Pais (1993), em que o estatuto de jovem é negociado e renegociado entre os jovens e seus familiares, com seus pares e as instituições da sociedade, o que faz com que os jovens sejam atores com estatutos em construção e reconstrução. Neste sentido, Bourdieu (1983, p. 201) considera imprescindível perceber os jovens, as juventudes, "num processo e seqüência de percursos, de trajetos que se realizam nos vários espaços sociais e pelos vários quadros institucionais, entre a infância e o estatuto adulto".

Dialeticamente, as ações dos movimentos juvenis no decorrer dos séculos XIX e XX foram fundamentais para a constituição de tempos e espaços para a sociabilidade em que se desenvolveram as práticas culturais do lazer contemporâneo; ao mesmo tempo, a afirmação do lazer gerou um *locus* privilegiado para a criação e o exercício das identidades juvenis no século XX. (GROPPO, 2000). Assim, as contradições das categorias socioculturais do lazer e juventude se imbricam, constituindo a primeira como relevante característica da segunda.

Nesta perspectiva, as administrações públicas definem políticas públicas relacionadas ao lazer, que podem ser usufruídas pelas populações jovens. Por exemplo, o atual governo federal, através do Ministério do Esporte, lançou o Programa Esporte e Lazer da Cidade que se apresenta como meio para que a população acesse o esporte e o lazer enquanto direitos sociais¹¹¹, tem como referência o “Estatuto da Cidade – instrumento legal fundamental na garantia do pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade” e objetiva “garantir e ampliar o acesso ao esporte recreativo e ao lazer”. O programa se expande em 4 vertentes: i) fomentar a implementação de conselhos municipais, gestores e fiscalizadores do Programa, integrados por representantes da sociedade civil e do poder público local; ii) aplicar metodologia de avaliação processual das políticas públicas de esporte e lazer; iii) Articular ações voltadas para públicos diferenciados nos núcleos de esporte e lazer, de forma a privilegiar a unidade conceitual do Programa; e iv) programar a

¹¹¹ Ainda que “a Política de Lazer do Ministério do Esporte não se limita ao esporte recreativo, expandindo-se para outros campos onde a vivência de oficinas culturais, brinquedotecas, salas de leitura, projeções e debates de filmes, peças teatrais, somam-se àquelas outras voltadas aos jogos populares e de salão, danças regionais, contemporâneas, clássicas, artes marciais, capoeira e as ginásticas” (In. Apresentação do Programa Esporte e Lazer da Cidade. Disponível em www.brasil.gov.br).

Formação Continuada dos agentes Sociais de Esporte e Lazer e dos gestores públicos de conformidade com os modelos conceituais estabelecidos no Programa.

Justifica-se pela “carência de políticas públicas e sociais que atendam as crescentes necessidade e demandas da população por esporte recreativo e lazer, especialmente, aquelas em situação de vulnerabilidade social”. Novamente o governo propõe, como estratégia operacional, convênios com a iniciativa privada e setores públicos e da sociedade civil para implementar suas políticas sociais, com todas as implicações e problemas já mencionados sobre este procedimento.

Outro exemplo, Projeto “Esporte, Lazer e Saúde” em parceria do mesmo ministério com o da Saúde, trilha pela perspectiva de implementar políticas que tratem o binômio saúde e atividades (esportivas e de lazer), num sentido funcionalista de promoção da saúde, ou seja, esporte e lazer tomados utilitariamente como dispositivo de controle social.

Assim, o entendimento de lazer que o governo federal tem, é expresso como direito social, mas necessariamente não atinge toda a população brasileira, de forma que as juventudes, com todas as singularidades e diversidades possíveis, recebem, diretamente, os reflexos dessa situação implicando em poucas oportunidades de acesso aos bens e práticas culturais de lazer.

Ainda neste sentido, nos vários espaços sociais, deparamo-nos com a indústria cultural que expressa a fusão de interesses e poderes invisíveis (conglomerados sem identidades) que operam em conjunto para controlar e conformar a subjetividade humana à racionalidade técnica, para a qual tudo se homogeneíza e a cultura torna-se, por sua vez, mercadoria. Sua capacidade de

desenraizar, reproduzir e disseminar códigos de conduta, formas de comunicação e entretenimento que correspondem aos padrões estabelecidos pela razão instrumental, ou seja, pela lógica da própria dominação, é o que lhe permite seduzir, enquadrar e administrar toda uma sociedade, já alienada em si mesma. Prometer e não cumprir, oferecer e privar são um único e mesmo ato da indústria cultural.

A mídia, enquanto operadora da Indústria Cultural, se caracteriza como um elemento, acentuadamente, constituidor dos cotidianos juvenis, em diversas situações e esferas. Ela é percebida no âmbito do lazer como uma possibilidade de fruição e também como influenciadora no lazer (consumo). Assim, o discurso midiático provê de sentidos e significados os cotidianos de forma que não pode ser considerado isoladamente, mas no conjunto das relações, aspectos e manifestações deste cotidiano. Desta perspectiva aponto duas possibilidades necessárias, que poderiam ser organizadas e desenvolvidas imbricadas uma à outra, inclusive como intervenção pedagógica da Educação Física Escolar.

Uma das possibilidades que este estudo aponta, direciona para a necessidade da implementação de educação para a mídia, principalmente nos contextos escolares (de formação), mas não limitados a eles, visto a penetração e dinamismo da mídia na constituição das teias sociais/relações humanas e conformação dos discursos. Esta educação para mídia se dá através da apropriação dos meios e da leitura/recepção crítica da mídia.

Assim, a apropriação dos meios consiste em promover uma educação crítica para a mídia por meio da produção de conteúdo, desenvolvida a partir da utilização de conhecimentos técnicos e teóricos que resultam em atividades como produção de vídeo, jornais, programas de rádio, internet e etc. O conhecimento e a apropriação do processo de produção possibilitam uma análise e crítica ampliada e

profunda acerca do caráter ideológico e manipulador dos meios de comunicação de massa ao mesmo tempo em que permite uma experiência nova de criação, análise, crítica e ação coletiva na perspectiva da autonomia dos sujeitos.

A leitura/recepção crítica da mídia consiste no processo de “desconstrução” da produção midiática, através de estudo aprofundado da forma como diversos elementos (linguagem, conteúdo, edição, fontes de informação e outros) são utilizados na sua elaboração. Difere-se da apropriação dos meios por seu foco basicamente analítico, não fazendo uso de instrumentos de produção midiática, mas a convergência destas duas abordagens propicia uma formação integral no sentido de complementaridade.

Neste sentido, a televisão (e outros meios) deixa de ser apenas instrumento de percepção do mundo, para tornar-se uma ferramenta pedagógica que a Educação/Educação Física mobiliza para intervir na vida. (BETTI, 1998; BELLONI, 2001 e PIRES, 2002a).

Outra possibilidade aponta para o exercício da educação para o lazer que em si prima por valores e experiências lúdicas constituindo a autonomia do sujeito por considerar seu potencial contraditório e reconhecidamente, libertador. Na perspectiva de educação como esclarecimento, preocupar-se com o desenvolvimento dos aspectos da cultura relativas a fruição do lazer se constitui em

via de aprendizado para a construção de uma cidadania com valores menos imediatistas, especulativos e alienantes. Contra a restrição qualitativa de acesso à produção cultural e o consumo conformista de bens da indústria cultural, o lazer exerce, assim, duplo papel educativo, seja como veículo, seja como objeto da educação. (PIRES, MATIELLO JUNIOR, GONÇALVES, 1999, p. 79).

Assim, por entender a necessidade da mudança do caráter e dos valores da sociedade contemporânea, concordo plenamente com a perspectiva de Antunes (2003, p. 177) que considera

Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social, dada pela *omnilateralidade humana*, somente poderá efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre *tempo de trabalho* e *tempo de não-trabalho*, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido, autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente e, portanto sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade. Uma sociabilidade tecida por indivíduos (homens e mulheres) sociais e livremente associados, na qual ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano, na multilateralidade de suas dimensões. *Em formas inteiramente novas de sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente*. Se o trabalho torna-se dotado de sentido, será também (*e decisivamente*) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo.

Os limites que apreendo deste trabalho são os limites de uma aprendiz iniciante, em que a pouca experiência com pesquisa, com referenciais teóricos-metodológicos e, ainda, em que o tempo *Kronos* é quem determina os prazos e é muito mais veloz do que o tempo *Kairós*, no qual a formação se dá e amadurece, não me eximo da minha responsabilidade, ainda que pese as possibilidades e impossibilidades estruturais e o papel que ocupo nelas (BOURDIEU, 1997, p. 78).

Assim as possíveis conseqüências que este estudo aponta, neste momento, é um caminho de formação para o esclarecimento e as transformações das contradições cotidianas na práxis pedagógica, visto que, retorno para o campo da pesquisa, não mais como a pesquisadora somente, mas como profissional – professora-pesquisadora atuando no chão da escola. Transparece também a necessidade e relevância em continuar os estudos acerca das temáticas propostas

no sentido de compreensão, superação e aprofundamento do conhecimento acerca das culturas juvenis, do lazer, da mídia e da vida cotidiana.

Encaminho para o término desta dissertação com um excerto de fala de um jovem de dezesseis anos participante desta pesquisa, que se indigna, mas que se constitui numa esperança!

É lamentável ver a situação do nosso país, as nossas crianças brasileiras, precisando de auxílio, vamos dizer assim precisando de afeto politicamente, é muito difícil ver uma criança passando fome, é muito difícil ver um pai desempregado, é muito difícil ver um jovem que anda de caminhão, como no Ceará, que eles vão nos paus-de-arara, aqueles caminhões, que acontecem muitos acidentes, eu vi uma reportagem na Veja, isto é lamentável ver pelo povo brasileiro, eu creio que assim que para nós fazer um futuro mais sólido precisa de educação, precisa de cultura ao mesmo tempo e precisa do apoio político, de um presidente melhor, um senador mais sincero, de uma política mais sincera, eu creio que tendo político sincero e cada um destas pessoas sendo sincera, respeitando o próximo e a si mesmo, entendeu, acho que o Brasil deva mudar.

E, finalmente para encerrar, fico com a pergunta de Reich complementada por Guareschi (1995, p. 192)¹¹² “por que a multidão dos famintos não rouba, e a multidão dos explorados não se revolta, mas vivem felizes, beijando os grilhões que os aprisionam?”

¹¹² “Sem dinheiro não há salvação”: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In Guareschi, P. (1995).

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. N. 5 e 6, 1997. 25 a 36 p.

_____ *Cenas Juvenis*. São Paulo: Scritta, 1994.

ADORNO, Theodor W. Teoria da Semicultura. *Educação e Sociedade*, ano XVII, V.56, p. 388-411. 1996.

_____ *Indústria Cultural e Sociedade*. Tradução por Julia Elizabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____ *Educação e Emancipação*. Tradução por Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2003.

AZANHA, José Mário Pires. *Uma idéia de pesquisa educacional*. São Paulo: EdUSP, 1992.

BAITELLO Jr, N. O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 9., 2000. Porto Alegre. *Anais eletrônicos ...* Porto Alegre: COMPOS, 2000. Disponível em <<http://www.cisc.org.br/biblioteca/index.html>> Acesso em: 20 out. 2003.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, s/d.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.

BETTI, Mauro. *Janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papyrus, 1998.

BETTI, Mauro (org) *Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas*. São Paulo: Hucitec, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

_____ *Sociologia*. São Paulo: Atica, 1994.

_____ Sobre televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUCCI, Eugênio, Kehl, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.

BRUYNE, Paul de. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica*. Tradução por Ruth Joffily. Rio de Janeiro, F. Alves, 1991.

CALÍX, NEDA JORGE DA CUNHA. *A saga do Ginásio “11 de março” de Cáceres: formar cabeças pensantes (1947 – 1957)*. Cuiabá, 1993. Dissertação (Mestrado em Educação – Instituto de Educação – Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT).

CHAUÍ, Marilena. Prefácio. In. Bucci, Eugênio, Kehl, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.

COHN, Gabriel. *Sociologia da comunicação: teoria e ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1973.

COSTA, Belarmino César G. *Estética da violência: jornalismo e produção de sentidos*. Piracicaba, Campinas: Ed. UNIMEP, Autores Associados, 2002.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE PELLEGRIN, Ana. *Verbetes Equipamentos de Lazer*. In: Gomes, C. L. (org.) *Dicionário Crítico de Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão e Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GARCIA, Dirce Maria Falcone. Juventude em tempo de incertezas: enfrentando desafios na educação e no trabalho. *Cadernos CERU*, série 2, n. 14, 2003. p 199 – 213.

GOETHE, Johann W. *Os anos de aprendizado: Wilhelm Meister*. São Paulo: Ensaio, 1994.

GOMES, Christianne Luce. *Verbetes Lazer – Concepções*. In: Gomes, C. L. (org.) *Dicionário Crítico de Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GROPPO, Luis Antônio. *Juventude: Ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho A. Sem dinheiro não há salvação: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais In.: *Textos em Representações Sociais*. Pedrinho A. Guareschi, Sandra Jovchelovitch (orgs.); Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. *Educ. Pesqui.*, jan./jun. 2003, vol.29, no.1, p.93-107. ISSN 1517-9702.

HELLER, Ágnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Nova-Grafik: 1994.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS RENOVÁVEIS
Disponível em <www.ibama.gov.br> Acesso em: 22 nov. 2004

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em
<www.ibge.gov.br> Acesso em: 23 nov. 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO
TEIXEIRA. Disponível em <www.inep.gov.br> Acesso em: 05 jan. 2005.

KITZINGER, Jenny; BARBOUR, Rosaline. *Developing focus group research: politics, theory and practice*. London: Sage, 1999.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Claridade, 2003.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Tradução por Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

MANNHEIM, Karl. *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e educação*. Campinas: Papyrus, 1987.

_____. (org) *Lazer e esporte: políticas públicas*. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. *Estudos do Lazer – uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 2000.

MASCARENHAS, Fernando. *Lazer como prática da liberdade*. Goiânia: Cegraf, 2003.

MARCASSA, Luciana. As faces do lazer: categorias necessárias à sua compreensão. In Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 13., 2003, Caxambu. *Anais ...* Caxambu: CBCE, 2003. 1 CD-ROM

MARX, Karl. *O capital: a crítica da economia política*. V. 1/1 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MATO GROSSO, SEPLAN. Anuário Estatístico de Mato Grosso 2003. Vol. 25 Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral. Cuiabá: SEPLAN/MT. Central de Texto, 2004. Disponível em <www.seplan.mt.gov.br> Acesso em 10 jan. 2005.

MATOS, Olgária. Prefácio. In. Lafargue, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Claridade, 2003.

MELO, Victor Andrade de. Verbete *Conteúdos Culturais* In.: Gomes, C. L. (org.) Dicionário Crítico de Lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília Souza. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. Disponível em <<http://www.mec.gov.br>> Acesso em 05 jan. 2005

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br>> Acesso em: 17 jan. 2005.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. Reflexões sobre a educação danificada. In.: ZUIN, Antonio; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. *Educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. Petrópolis, São Carlos: Vozes, EdUFSCar, 1998.

REMOTO CONTROLE: Linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes. [coordenação Veet Vivarta]. São Paulo: Cortez, 2004.

PADILHA, Valquíria. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. Campinas: Alínea, 2000.

PAIS, José Machado. *Vida Cotidiana: Enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

_____. Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana. *Análise Social*, 22(90) p 7 - 57, 1986.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. Mai/jun/jul/ago 1997 nº 5 set/out/nov/dez 1997 nº 6, p. 15 – 24.

PESSOA, Fernando. 357 In: *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PIRES, Giovani De Lorenzi; HACK, Cássia. *Verbetes Mídia* In: Gomes, C. L. (org.) *Dicionário Crítico de Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIRES, Giovani De Lorenzi; MATIELLO JUNIOR, Edgard; GONÇALVES, Aguinaldo. Lazer: um princípio educativo para a Educação Física Curricular Universitária. *Movimento*. Porto Alegre, ano 5, n. 11, p. 74 - 84, 2º semestre de 1999.

PIRES, Giovani De Lorenzi. *Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Editora Unijuí, 2002 a.

_____. A mediação tecnológica do esporte como substituição da experiência formativa. *Corpoconsciência*. 1º semestre de 2002, p. 23 - 39, 2002 b.

_____. Aspectos socioculturais do lazer do lazer na vida cotidiana. In: Burgos, Mirian; Pinto, Leila Mirtes de Carvalho. (Org.). *Lazer e estilo de vida*. Santa Cruz do Sul, 2002c.

POPPER, Karl; CONDRY, John. *Televisão: um perigo para a democracia*. Lisboa: Gradiva, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CÁCERES Disponível em <www.caceres.mt.gov.br> Acesso em: 23 nov. 2004.

PROJETO JUVENTUDE/INSTITUTO CIDADANIA. Perfil da Juventude Brasileira. 2003. Disponível em <www.brasil.gov.br> Acesso em: 15 fev. 2005.

QUINTANA, Mário. Antologia Poética. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. Disponível em <www.seduc.mt.gov.br> Acesso em: 23 nov. 2004.

SILVA, Maurício Roberto da. *Trama Doce-Amarga: (Exploração do) Trabalho Infantil e Cultura Lúdica*. São Paulo: Hucitec, 2003.

SILVA, Hugmar Pains. O impacto da proposta de implementação da Hidrovia Paraguai-Paraná, na visão de diversos setores da sociedade em Cáceres, MT Disponível em <<http://www.cpap.embrapa.br/agencia/simpan/sumario/artigos>> Acesso em: 23 fev. 2005.

THOMPSON, John B. *A Mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. *O poder do Jornalismo: análise e Textos da Teoria do Agendamento*. Coimbra: Minerva, 2000.

TRIVIÑOS. Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

UNICEF. *A Voz dos Adolescentes*. Brasília/DF: UNICEF/Fator OM, 2002. Disponível em <www.unicef.org.br> Acesso em: 20 mar. 2005

_____. *Relatório da Situação da Adolescência Brasileira: diversidade e equidade no Brasil*. Brasília/DF: UNICEF/Brasil. Disponível em <www.unicef.org.br> Acesso em: 20 mar. 2005

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. O profissional de turismo e lazer. Disponível em <www.efdeportes.com>. Acesso em: 11 jul. 2004.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Lazer no Brasil: Trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 9, p. 23-44, 2003.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2001.

Apêndice I



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
**Coordenadoria de Pós-Graduação
em Educação Física - MESTRADO**



Campus Universitário - Trindade - Florianópolis/SC - CEP 88040-900
Fone (048) 331-9926 Fax (048) 331-9792 - E-MAIL mestrado@cds.ufsc.br
Home page – www.cds.ufsc.br/mestrado.html

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é *Cássia Hack* e desenvolvo a pesquisa “*Lazer e Mídia em Culturas Juvenis: uma abordagem da vida cotidiana*”, com o objetivo de analisar os desdobramentos do discurso midiático em relação ao lazer em culturas juvenis. Para tanto, busca-se num primeiro momento agregar elementos teórico-conceituais para discutir e estabelecer uma compreensão das relações entre discurso midiático, lazer e culturas juvenis. Na seqüência, a elaboração de reflexões sobre o papel da mídia na produção signos, sentidos e significados acerca do lazer em culturas juvenis. Este estudo é necessário porque há relevância e necessidade em se estudar as culturas juvenis a partir dos seus próprios modos de viver e elaborar essas situações, considerando-os com suas experiências, percepções e formas de sociabilidade e atuação. Serão realizados encontros-campo em que haverá grupos de entrevistas semi-estruturadas. Isto não traz riscos e desconfortos aos participantes, ao contrário, esperamos que traga benefícios qualitativos e esclarecedores quanto à reflexão da vida cotidiana.

Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, pode entrar em contato pelos telefones (65) 223.3631 ou (48) 234.6321.

Se você estiver de acordo em participar, posso garantir que as informações fornecidas somente serão utilizadas neste trabalho.

Assinaturas:

Pesquisadora principal _____

Pesquisador responsável _____

Eu, fui esclarecido/a sobre a pesquisa “Lazer e Mídia em Culturas Juvenis: uma abordagem da vida cotidiana” e concordo que os dados do meu filho/a ou tutelado/a sejam utilizados na realização da mesma.

Cáceres/MT, 01 de julho de 2004.

Assinatura _____

RG _____

Apêndice II

QUESTIONÁRIO PARA CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Código de identificação _____

Sexo/Gênero		Etnia/Raça	
Idade		Município/Estado de nascimento	
Estado civil			
Solteiro/a		Viúvo/a	
Casado/vivendo com parceiro/a		divorciado/a ou separado/a	
Número de filhos/as			
Religião			
Profissão do Pai			Idade
Profissão da Mãe			Idade
Situação civil dos pais ou responsável			
Solteiro/a		Viúvo/a	
Casado/vivendo com parceiro/a		divorciado/a ou separado/a	
Grau de parentesco (ou não) do (s) responsável (is)			
Período de estudo			
Matutino		Vespertino	
Trabalha?			
Sim		Não	
Período do trabalho			

Tipo do trabalho											
Carga horária de trabalho											
	10 h		20 h		30 h		40 h		60h		Outra
Renda familiar mensal (em salário mínimo)											
	Menos de um		De 1 a 3		De 4 a 6		De 7 a 9		Mais de 10		
Quanto tempo mora em Cáceres?					Bairro de moradia						
Assiste televisão?											
	Sim						Não				
Tempo diário dedicado para assistir televisão											
Assiste televisão em											
	Canal aberto						Televisão por assinatura				
Preferência de canal (is)											
Preferência de programa (s) televisivo (s)											
Acessa Jornal (is)											
	Sim						Não				
Qual (is)											
Acessa Revista (s)											
	Sim						Não				
Qual (is)											
Acessa Livro (s) [além de livros didáticos na escola]											
	Sim						Não				
Acessa Internet											
	Sim						Não				
Local em que acessa Internet											
	casa				escola				Outro. Qual?		

Freqüenta cinema			
<input type="checkbox"/>	Sim	<input type="checkbox"/>	Não
Freqüenta teatro			
<input type="checkbox"/>	Sim	<input type="checkbox"/>	Não
Ouve rádio			
<input type="checkbox"/>	Sim	<input type="checkbox"/>	Não
Outros meios			
Observações, comentários e/ou outros			

Apêndice III

ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS EM GRUPO

Culturas Juvenis

- O que é/significa ser jovem?
- O que o jovem quer? Quais são os sonhos dos jovens?
- O que sentem os jovens?
- O que pensam os jovens?
- Que espaços os jovens têm para construir seus projetos de vida?
- Quais são os projetos de vida dos jovens?

Lazer

- O que entendem por lazer/tempo livre?
- Como usam seu tempo de lazer?
- O que é fazer uso satisfatório do tempo livre?
- Quais são os limites (estruturais – atividades/responsabilidades pessoais, econômicos, urbanos – espaços...) para a satisfação do tempo de lazer/livre?
- Que espaços têm para as práticas culturais de lazer?
- Dispõe de verba monetária específica para o lazer?

Mídia

- Os jovens têm a televisão como fonte de informação e de lazer?
- E os outros veículos midiáticos (jornais, revistas, livros, internet, rádio, murais, cartazes de rua, faixas, ...)?
- É possível identificar a presença da mídia nas manifestações de lazer?
- Como os jovens vêem a mídia quanto à formação das suas práticas culturais de lazer?
- De que modo a televisão contribui na elaboração das práticas de lazer?

ANEXO I

Descrição dos atrativos naturais e históricos de Cáceres, retirado integralmente da <http://www.caceres.mt.gov.br> em 23 de novembro de 2004.

Atrativos naturais

Dolina da Água Milagrosa - Dolina calcária de rara beleza, localizada a 20 Km a noroeste de Cáceres. A água é transparente, sendo que o fundo ainda não foi alcançado por mergulhadores, que já chegaram a 183 m de profundidade. A dolina é propícia para a prática do mergulho, sendo considerada como o melhor lugar de Mato Grosso para espeleo-mergulho. A área é propriedade particular, estava aberta à visitação pública até o IBAMA/MT – Instituto Brasileiro de Agricultura e Meio Ambiente, proibir em 2002.

Serra Ponta do Morro - Monumento natural extraordinário com paredão vertical, em altitude de 625 m. Domina a paisagem de fundo da cidade e é imponente na região serrana. Localiza-se a 20 Km a sudoeste de Cáceres. Permite-se a prática de caminhada semi pesada. Na parte superior da ponta do morro nascem duas cachoeiras. É considerado um mirante natural fantástico de onde se vêem trechos da região serrana, a cidade e o rio Paraguai.

Salto do Rio Bravo - Cachoeira larga com 5 m de altura, que deságua em piscina natural com praia e totalmente envolvida pela floresta. Fica a 85 Km de Cáceres no sentido nordeste. Local adequado para a prática do ecoturismo e banho. Depende, no entanto de autorização do proprietário.

Aquário Natural "Progresso" - Localiza-se a 50 Km de Cáceres, integrando o Pólo Turístico da região sudoeste de Mato Grosso. Trata-se de uma nascente de água calcária e cristalina, que forma um pequeno lago. O lago é habitado por piraputangas e curimatás, o que proporciona um espetáculo de rara beleza. Trata-se de uma propriedade particular.

Cachoeira da Piraputanga - Localiza-se a 13 Km de Cáceres, junto a MT 343, que liga Cáceres a Barra do Bugres. É um balneário informal aberto ao público. A cachoeira principal, que tem 10 m de largura e 2 m de altura, apresenta várias piscinas naturais e corredeiras.

Fazenda Sangradouro - Localiza-se aproximadamente a 90 km na direção nordeste, próximo à BR-070. Nos fundos da fazenda a paisagem é extraordinária, apresentando floresta, murraria e paredões. Nos paredões é possível se observar as "tufas calcárias", formações geológicas bastante raras, onde o calcário forma estalactites enormes nos paredões a céu aberto. É talvez a mais bela

paisagem deste trecho da região serrana. As fazendas da região têm grandes áreas de pastagem já implantadas e restringem o acesso à área a à prática do ecoturismo.

Cachoeira da Cabeceira do rio Quilombo - Localiza-se na fazenda do Dr. Ataú, a 30 Km de Cáceres no sentido sudeste, sendo 22 Km de asfalto e 8 Km de estrada de terra. A cachoeira tem cerca de 80 m de queda, apresentando alguns degraus. O melhor período para visitação   o das chuvas quando o volume de água   maior.

Cachoeiras do córrego Cachoeirinha - O córrego Cachoeirinha atravessa a Serra da chapada e depois a Serra Branca, formando duas belas cachoeiras que têm grande potencial ecoturístico, necessitando, porém de estabelecer acordo com os proprietários. A primeira cachoeira tem cerca de 15 m de largura por 5 de altura, possui grande piscina natural e encontra-se em bom estado de conserva o. A segunda cachoeira, que fica 100m acima da primeira, tem cerca de 35m de altura e também apresenta grande piscina natural. Seu estado de conserva o   excelente, estando virgem até o momento.

Serra do Boi Morto - Localiza-se a aproximadamente 45 Km de Cáceres no sentido sudeste. A estrada que liga a rodovia BR-070 até a esta o da EMBRATEL no alto da serra   encantadora, atravessando belas fazendas e áreas com cavernas. A estrada que acessa a antena da EMBRATEL   pavimentada e muito íngreme, exigindo veículo em bom estado de conserva o e muita aten o. A beleza da estrada, entretanto, compensa o esforço. No alto da serra junto   antena da EMBRATEL que fica a 698m de altura, há trilhas de onde   possível avistar trechos da região serrana.

Serra do Fundinho / Cortado do Monjolo - Localizado a 30 Km de Cáceres, no sentido nordeste, próximo   comunidade Taquaral e junto da Serra da Morraria. Trata-se de uma área apertada entre paredões areníticos de até 590m de altura com uma trilha pela floresta que cruza um córrego sazonal chamado Temb  junto a uma cachoeira. A trilha continua no sentido oeste, atravessando uma garganta com passagens estreitas e altíssimos paredões de rocha, chamada "Cortado do Monjolo", penetrando no cerrado em área ainda preservada. A paisagem avistada no cerrado em frente ao Cortado do Monjolo   magnífica, sendo das melhores trilhas para ecoturismo já identificadas. O uso da área necessita de negocia o com o proprietário e as duas famílias de posseiros que há muitos anos habitam o lugar (Sr. Manoel Francisco e Kipe).

Serra do Tarumã / Serra do Poço - Serra contínua por quase 20 km, que   paralela   margem esquerda do rio Paraguai desde a região da Barra do rio Sepotuba até a fazenda Angical. Localiza-se acerca de 15 Km a nordeste de Cáceres. A  rea   toda ocupada por fazendas de gado e em algumas delas existem atividades de recep o de pescadores. Apresenta grande beleza c nica com paredões, bocainas e morros areníticos semi-isolados (até 535m de altura), ideais para o estabelecimento de trilhas. A peculiaridade desta área   justamente o contato entre as serras e os pantanais do rio Paraguai e do rio Sepotuba. A beleza c nica desta área, a partir de vistas aéreas   impressionante, mas está rapidamente sendo descaracterizada por desmatamentos para a implanta o de pastagens.

Córrego Água Doce - Localiza-se a 30 Km a nordeste de Cáceres, na região da Serra de Santana, tendo dois acessos: o primeiro pela comunidade de Santana, que fica a quase 60 Km de Cáceres, e o segundo pela comunidade Taquaral, onde se acessa o caminho tropeiro da "Casa das Bruacas", onde a população tradicional retira a produção de banana-da-terra com tropas de burros e surrões de couro por íngremes 900m de estrada. O acesso ao Córrego da Água Doce pode ser feito a pé ou em veículo 4X4 em boas condições. A área é ideal para caminhada semipesada e o lugar é ótimo para estabelecer contato com a população local. A paisagem é linda e exuberante.

Pantanal do Cai-Cai - Localizado à margem direita do rio Paraguai, em frente à estação Ecológica de Taiamã, a cerca de 170 Km ao sul de Cáceres por via fluvial. Área totalmente plana, cuja cota altimétrica fica entre 94 e 92 metros. É totalmente coberta de água e de exuberante vegetação aquática. Os canais de drenagem, chamados de corixos, são meândricos e se misturam aos campos e baías, tornando a navegação nesta área de alto risco. A inexistência de pontos de referência torna quase impossível a navegação segura neste pantanal. A abundância de peixes é notável, assim como o estado natural em que a área ainda se encontra. Algumas pequenas ilhas isoladas apresentam chão firme e são recobertas por florestas. São os chamados "Capões dos bugres", áreas construídas por populações indígenas muito antigas, que fizeram aterros de variados tamanhos para abrigar acampamentos e pequenas aldeias. Todos os capões são sítios arqueológicos importantes, tendo portanto restrições para uso turístico. A área é de extraordinária beleza cênica e valor biológico, além de estar na área do entorno protegido da estação Ecológica de Taiamã.

Morro Pelado / Fazenda Santo Antônio das Lendas - Morro Pelado é um monumento natural rochoso isolado na margem esquerda do rio Paraguai, no final da serra do Descalvado. Apresenta sítio arqueológico cerâmico e sítio histórico com restos de uma trincheira defensiva construída de pedra, na época da guerra do Paraguai. A área tem grande beleza cênica, principalmente, pelo contraste de sua aridez rochosa em meio ao Pantanal. Ao lado do Morro Pelado, a fazenda Santo Antônio das Lendas é ponto de apoio a todos que adentram o Pantanal. A propriedade possui acesso terrestre que na estação seca se conecta com Cáceres, além de pista de pouso. A fazenda é tradicional, localizada junto à serra e em frente a um grande carandazal. A área conta com abundante quantidade de aves, possuindo espécies ameaçadas de extinção, como a arara-azul-do-pantanal.

Pantanal do Rio Paraguai - Sem dúvida, é o maior atrativo natural da região de Cáceres, espalhando-se ao longo de quase 400 Km do rio Paraguai, indo até a fronteira com a Bolívia, que corre ao longo de mais de 300 Km de Pantanal. É o Pantanal mais conservado de Mato Grosso e também dos mais piscosos. O turismo de pesca, já instalado na região apresenta crescimento vigoroso, preocupando segmentos da sociedade local que preferiam ver o ecoturismo se instalando definitivamente. Além das paisagens onde se mesclam a murraria e o pantanal, a fauna é elemento fundamental para o ecoturismo. Fazendas históricas, reservas ambientais e sítios arqueológicos também são abundantes ao longo do rio Paraguai, apontando a área como um gigantesco campo para a implantação de iniciativas na área do ecoturismo.

Estação Ecológica de Taiamã / Vitória Régia - Localizada a cerca de 180Km ao sul de Cáceres, descendo o rio Paraguai em sua margem esquerda, com área de 14.325ha. A Estação Ecológica apresenta um mosaico de diversos tipos de vegetação em estado natural. A fauna abundante encontra aí ótimas condições de reprodução. Neste trecho o rio Paraguai apresenta grandes colônias de Vitória-Régia-do-Pantanal (*victoria cruziana*). É bastante comum ver ninhos de tuiuiús e, às vezes, o visitante/pesquisador é brindado com a visão de onças-pintadas na estação ecológica. A legislação federal, que rege o funcionamento das estações ecológicas, não permite que atividades turísticas sejam desenvolvidas na área. O local é muito procurado por pesquisadores do mundo inteiro.

Cachoeira da Fazenda Primavera - Localizada a 25Km a sudeste de Cáceres, na entrada da Fazenda Primavera, na antiga estrada para Cuiabá, onde o ribeirão Jacobina atravessa a Serra da Primavera, formando várias quedas d'água, corredeiras e uma deliciosa piscina natural. A área encontra-se em razoável estado de conservação, apesar de alguns focos de erosão e lixo deixado por banhistas. O maior problema reside na falta de mata ciliar ao longo do ribeirão Jacobina, o que acaba comprometendo o volume e a qualidade de água. A estrada que liga o atrativo a cidade de Cáceres é de terra e está em razoável estado de conservação.

Rio Sepotuba - Localizado ao norte de Cáceres, o rio Sepotuba apresenta vegetação e características similares ao rio Paraguai. Por ser bastante piscoso, é muito procurado pelos praticantes do turismo de pesca.

Rio Cabaçal - Localizado ao norte de Cáceres, o rio Cabaçal tem seu curso paralelo ao rio Sepotuba, no sentido norte-sul.

Rio Jauru - Localizado a oeste de Cáceres, o rio Jauru é um importante afluente da margem direita do rio Paraguai. Bastante piscoso vem sofrendo muito com a pesca predatória e com a ocupação de suas margens por fazendas. O rio Jauru atravessa oito municípios da área proposta para Pólo Ecoturístico.

Atrativos históricos

Marco do Jauru - Peça arquitetônica que veio desmontada da Europa (esculpida em Lisboa em pedra de lioz). O marco encontra-se atualmente na praça Barão do Rio Branco, em frente à Catedral de São Luiz, tendo sido assentado no local em 2 de fevereiro de 1885. Representou os limites e a fronteira entre as colônias portuguesa e espanhola na América do Sul, demarcadas através dos Tratados de 1750 e 1761. Ele pode ser visto no Brasão de Cáceres.

Fazenda Jacobina - Jacobina - onde começa a história de Cáceres
A história de Cáceres confunde-se com a da Fazenda Jacobina. Na opinião do historiador Natalino Ferreira Mendes, Jacobina é a “célula-mater” de Cáceres. O português Leonardo Soares de Souza, que, em 1772, requereu à Coroa as terras conhecidas como Jacobina, foi convocado, em 6 de outubro de 1778, para subscrever a ata de fundação de Vila-Maria de Portugal, hoje Cáceres. Segundo

Natalino Ferreira Mendes, Jacobina foi a célula-mãe de todo o vale do rio Paraguai, já que o fundador do Firme (a região conhecida como Nhecolândia, que, hoje, pertence a Mato Grosso do Sul), Joaquim José Gomes da Silva, o Barão de Vila-Maria, era genro de João Pereira Leite que, por sua vez, era genro de Leonardo Soares de Souza. O filho de João Pereira Leite, João Carlos, partindo da Jacobina, transpôs o rio Paraguai, e fundou a fazenda Descalvado “que logo povoou de milhares de cabeças de gado”. Seria preciso um livro para dar a dimensão exata da grandeza da Jacobina no século passado. O melhor testemunho é o do francês Hercules Florence, que integrou a expedição Langsdorff ao interior do Brasil entre 1825 e 1829, e foi hóspede da Jacobina. Em seu livro “Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas”, ele conta que, em 1827, a Jacobina era “a mais rica fazenda da Província, tanto em área como em produção”. Tinha cerca de 60 mil cabeças de gado, 200 escravos e igual número de alforriados. “As roças abrangiam canaviais, plantações de mandioca, feijão, cereais e café para abastecimento dos núcleos adjacentes. Possuía também engenho movido por força hidráulica”. A produção era tão farta que D. Ana Maria da Silva, mulher de Leonardo, contou ao viajante que mandara “seis grandes canoas cheias de víveres” ao Forte de Coimbra - distante 882 Km, via rio Paraguai - para “sustento gratuito da Guarnição”. O português João Pereira Leite vangloriava-se de possuir “tantas terras quantas o rei de Portugal”. Outro aspecto que não passou despercebido de Hercules Florence foi a força das mulheres que comandaram a fazenda após a morte dos maridos: primeiramente, a de D. Ana Maria e, anos mais tarde, a de sua filha, Maria Josepha de Jesus Leite, conhecida como a “Nhanhá” da Jacobina. Coube ao segundo filho de Maria Josepha, João Carlos Pereira Leite, ocupar o papel do último grande chefe da Jacobina. João Carlos foi o construtor do atual Cemitério São João Batista e impediu que a epidemia de varíola chegasse a Cáceres após a Guerra do Paraguai, barrando a passagem na estrada de qualquer pessoa procedente de Cuiabá. O episódio mais marcante da biografia de João Carlos está ligado ao herói da revolução baiana conhecida como Sabinada. Segundo os historiadores, Sabino Vieira, condenado ao degredo em 1838, adoeceu na vizinhança da Jacobina, e caiu nas graças do major João Carlos. “As autoridades não querendo, ou mesmo não podendo abrir luta com o major João Carlos, de bom ou mau grado fizeram vista grossa sobre o caso e em Jacobina continuou a permanecer o Dr. Sabino, exercendo com muita competência a sua profissão de médico...”, conta o historiador Estevão de Mendonça, citado por Luís-Philippe Pereira Leite no livro “Vila Maria dos meus maiores”. Sabino Vieira morreu na Jacobina em 1846. Inúmeros fatores contribuíram para alterar a trajetória da Jacobina no século XX, entre eles, o fim da escravidão em 1888, a ascensão dos engenhos de cana-de-açúcar no Nordeste e as leis trabalhistas criadas por Vargas na década de 30. Hoje, a fazenda pertence à família Lara e é um dos maiores atrativos históricos de Cáceres. Conhecer e preservar a sua história é resgatar a nossa própria história e construir a nossa identidade.

(Texto: Martha Baptista)

Usina da Ressaca - Estabelecida no Vale do rio Paraguai, próximo às terras pertencentes ao município de Cáceres, a Usina Ressaca foi fundada por Francisco Villanova. De nacionalidade espanhola, para implantar a indústria, ele adquiriu uma posse que havia sido titulada em 1872, na confluência dos Córregos Fação e Barreiro, cujas águas formam, nesse ponto, ao se juntarem, uma

turbulência de onde adveio o nome do local: Ressaca. A produção de açúcar da Usina Ressaca era, como a das demais situadas rio Cuiabá abaixo, consumida nos limites estaduais, considerando que o Estado de Mato Grosso, nesse período, incorporava o território que hoje constitui o Estado de Mato Grosso do Sul. Atualmente, a fazenda pertence ao grupo Grendene e não está aberta ao público em geral.

Fazenda Facão - Fazenda histórica localizada a cerca de 10 Km, a sudeste de Cáceres, junto a BR-070. Destacou-se como produtora de açúcar e aguardente, em proporções menores que a Usina Ressaca. A bela arquitetura do início do século desgastada pelo tempo, guarda sua beleza, junto a uma pequena cachoeira natural, que em outros tempos movimentava vigorosa moenda, talvez último vestígio da intensa atividade produtiva. Na área da fazenda existem outros atrativos secundários, como uma trilha que sobe a serra levando a ruínas de pedra e a córregos que permitem banhos deliciosos. Há também a caverna calcária do Facão, além de exuberante vegetação e inúmeros sítios arqueológicos nas proximidades. A área é indicada para se estabelecer um projeto de restauração e de incremento à visitação com a construção de equipamentos de uso público e a estruturação dos atrativos, já previstos no projeto do Parque Municipal do Facão.

Fazenda Barranco Vermelho - Grande fazenda de gado localizada à margem esquerda do rio Paraguai, a cerca de 100 Km, ao sul de Cáceres. O acesso é feito por terra e também por via fluvial. Os atuais proprietários do Barranco Vermelho desenvolvem atividades turísticas, mantendo uma pousada na fazenda. Na área do Barranco Vermelho estão as ruínas de um grande estabelecimento saladeiril, onde era produzido charque para exportação no passado. A área possui diversos sítios arqueológicos como cemitérios indígenas. É ótimo lugar para o turismo de pesca e a observação da fauna da região.

Fazenda Descalvados - Fazenda histórica, a Descalvados é considerada um dos cartões postais do rio Paraguai e está localizada a cerca de 160 Km ao sul de Cáceres, à margem direita do rio Paraguai. Antiga indústria de caldo de carne do século passado, instalada por expansionistas belgas, que trouxeram de Liège máquinas a vapor através do rio Paraguai. Toneladas de carne enlatada eram exportadas via fluvial para os Estados Unidos e Europa. Posteriormente, o empreendimento foi vendido para os americanos, que criaram a "Brasil Land Company and Packing". Hoje, a fazenda pertence a uma família de Cáceres e todo o parque industrial está desativado, parte em ruínas, como o grande galpão que foi demolido. Resistem em pé a escola, a agência dos correios e a igreja de São Brás, a casa principal, com arquitetura maravilhosa, inclusive, com a escada de metal em caracol. Transformada em pousada, a Descalvados foi recentemente tombada pelo Governo do Estado de Mato Grosso.

Fazenda Flechas - Antiga sede da sesmaria da Flechas, localiza-se a 80 Km a leste de Cáceres, próximo à margem direita da rodovia BR-070 no sentido Cáceres - Cuiabá. O imponente casarão colonial foi construído em adobe com alicerces de pedra canga e telha de barro. Ele se encontra em bom estado de conservação, mas necessita de tombamento junto ao IPHAN, assim como do desenvolvimento de um trabalho de conscientização junto aos moradores e proprietários. Em volta da sede existem muitas casas de barro com população

tradicional bastante interessante. A área da sede é muito bem localizada, sendo possível ter uma visão panorâmica da serra e do Morro dos Veados.

Vila do Taquaral - Vila centenária ocupada por população tradicional, localiza-se a cerca de 20 Km a nordeste de Cáceres, em frente à Serra do Bebedouro. Apresenta diversas casas de taipa, restos de obra em pedra, grandes gramados, onde são criados cavalos e gado. A população é muito simpática e tem muitas histórias para contar. Em julho ocorre na vila uma grande festa religiosa, que dura aproximadamente três dias. A beleza singela da vila pode ser completada com uma série de atrativos secundários, como passeios a pé e a cavalo, visita às fazendas vizinhas e até mesmo visita a diversos atrativos naturais, como, por exemplo, a Serra do Fundinho/Cortado do Monjolo ou o Córrego Água Doce.

Sítio Arqueológico da Chapadinha - Abrigo sob rocha no meio da encosta da Serra da Chapadinha, situado a aproximadamente 27 Km a nordeste de Cáceres. No abrigo existem dezenas de pinturas rupestres, em várias cores e com formas geométricas, figurativas e abstratas. A localização do abrigo é próxima a um córrego de águas cristalinas e junto a grandes lajedos de pedras cobertos com cactos e bromélias, de onde se avista grande trecho da morraria. Lugar ideal para fazer caminhada, pois abrange áreas de cerrado, floresta e serra. O uso ecoturístico deve ser precedido de entendimento com IPHAN e com os proprietários da área.

Fazenda Paiol - Fazenda histórica localizada a cerca de 50 Km a sudeste de Cáceres, próximo a BR-070. Na fazenda existe casario antigo bem conservado e um magnífico monjolo, onde é possível tomar banho equivalente a uma cachoeira. A área é bastante interessante e existe um acesso antigo em meio às fazendas da região, que vale a pena de ser conhecido.

Casario de Cáceres / Centro Histórico - A cidade de Cáceres tem 224 anos de existência, mas o surto de desenvolvimento somente se fortaleceu após ser estabelecida a franquia da navegação pelo rio Paraguai entre o Brasil e o Paraguai em 1856. Cáceres foi importante centro comercial e o ciclo da poaia trouxe muita riqueza à região, logo seguido pelo também enriquecedor ciclo da borracha. Do período em que Cáceres funcionou como próspero porto fluvial, ficaram dezenas de imóveis que se encontram em boas condições de conservação. É inegável o valor histórico e arquitetônico do conjunto de edificações do centro de Cáceres.

Catedral de São Luís - Situada na Praça Barão do Rio Branco, a Catedral de São Luís tem uma história singular. A pedra fundamental da catedral foi colocada em 6 de outubro de 1919, porém a inauguração só aconteceu em 25 de agosto de 1965, ou seja, mais de 45 anos depois! Muitas razões técnicas contribuíram para a demora no término da obra (para maiores informações, conferir os livros "Uma Igreja na Fronteira", do bispo Dom Máximo Biennés, e "Estrela de uma vida inteira", da jornalista Martha Baptista). Na noite de 23 de fevereiro de 1949, toda a estrutura interna da catedral desabou, provocando um grande susto na população cacerense e comprometendo seriamente o término do projeto. O imaginário popular, entretanto, credita o desmoronamento aos movimentos de uma "serpente", que teria se abrigado sob a catedral em construção. A Lenda da Serpente ou do Minhocão contribui para aumentar o fascínio em torno da Catedral construída em honra do padroeiro de Cáceres.

ANEXO II

Programas do Governo Federal com ações voltadas para a Juventude

- ProUni
- Brasil Alfabetizado
- Educação de Jovens e Adultos
- Democratizando o Acesso à Educação Profissional, Tecnológica e Universitária
- Educação para a Diversidade e Cidadania
- Universidade Século XXI
- Financiamento Estudantil
- Formação de Professores e Trabalhadores da Educação Básica
- Soldado-Cidadão
- Rondon
- Adestramento e Operações Militares (Marinha, Exército, Aeronáutica)
- Ensino Profissional (Marinha, Exército, Aeronáutica)
- Ver Cinema, Ser Brasil
- Difusão e Popularização da Ciência
- Cultura Identidade e Cidadania
- Cinema, Som e Vídeo
- Pontos de Cultura
- Engenho das Artes
- Livro Aberto
- Educação Fiscal
- Pronager
- Identidade Ética e Patrimônio Cultural dos Povos Indígenas
- SUSP
- Alimentação Saudável
- Atenção à Saúde da População em Situações de Violência
- Atenção à Saúde de Populações Estratégicas

- Vigilância, Promoção e Atenção em HIV/Aids
- Pronaf Jovem
- Crédito Fundiário
- Sistema Único de Assistência Social
- Erradicação do Trabalho Infantil
- Gestão da Política de Assistência Social
- Proteção Social à Infância, Adolescência e Juventude
- Brasil no Esporte de Alto Rendimento
- Universalização de Serviços de Telecomunicações
- Esporte e Lazer na Cidade
- Segundo Tempo
- Inserção Social pela Produção de Material Esportivo
- Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis
- Inclusão Digital
- Desenvolvimento Centrado na Geração de Emprego Trabalho e Renda
- Primeiro Emprego
- Economia Solidária em Desenvolvimento
- Qualificação Social e Profissional
- Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em Conflito com a Lei
- Controle ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes
- Direitos Humanos, Direitos de Todos
- Promoção e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente
- Programa Nacional de Redução da Demanda e da Oferta de Drogas
- Segurança e Educação de Trânsito